



BING CROSBY, o actor-cantor, propõe-se, com outros milionários da Califórnia, pagar um resgate, em dinheiro ou géneros, pelos prisioneiros de guerra americanos em Hanói.

(Ler na pág. 17)

BRAGA, VIANA E BRAGANÇA — PRIMEIROS DISTRITOS BENEFICIADOS PELA CRIAÇÃO DE CENTROS DE SAÚDE

O decreto a publicar pelo Ministério da Saúde e Assistência e aprovado na última reunião do Conselho de Ministros, pelo qual se instituem Centros de Saúde, visando, sobretudo, a defesa sanitária das populações rurais, pode considerar-se um grande passo em frente num sector de importância fundamental para o bem-estar e o progresso nacionais.

Define-se como «Centro de Saúde», no pensamento orientador da sua criação e nos próprios termos do diploma que lhe vai dar existência prática e legal, um conjunto de serviços em que se reúnem todos os recursos locais, em matéria de saúde e de assistência, como «agrupamento de actividades integradas, que deve assegurar a cobertura médico-sanitária global da população da sua área de influência e dirigido pela autoridade sanitária lo-

Continua na 20.ª página)



MULHER CARBONIZADA NUM INCÊNDIO EM CHELAS

Estado em que ficou o conjunto de barracas destruído por um incêndio em Chelas, esta manhã, vendo-se ao centro, em primeiro plano, o lençol sujo que cobre o corpo da mulher carbonizada. Ficaram feridas três pessoas. As chamas consumiram uma dezena de barracas e os haveres de diversas famílias. (Ler na pág. 8)

«Guerra do leite» em Espanha

MADRID, 12 — (F. P.) — A «guerra do leite», que opõe há 15 dias os criadores do Norte de Espanha às indústrias de lacticínios, continua a grassar.

Os agricultores bascos, navarreses e de Santander, que reclamam um aumento do preço do leite, recusam-se a entregar a matéria-prima nos centros de recolha e o problema do abastecimento das cidades preocupa cada vez mais as autoridades. Foram concedidas autorizações de

importação e camiões carregados de leite em pó francês e holandeses chegam às cidades mais ameaçadas.

Realizou-se ontem de manhã em Madrid uma reunião entre os representantes dos criadores de todas as províncias do Norte, com a presença dos ministros das Relações Sindicais e da Agricultura, mas não foi possível chegar a um acordo que nem sequer, por enquanto, se entrevê.

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE

A grandiosa iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do Diário de Lisboa não se limita a pôr prémios tentadores ao alcance dos leitores deste jornal. Também

reserva prémios aliantes para agentes e vendedores. Com efeito, temos-nos referido diáfamente aos valiosos prémios destinados aos participantes na iniciativa «Leitor do «Diário de Lis-

boa». Estes prémios, que ultrapassam o valor total de mais de um milhão e meio de escudos só por si dão uma ideia das possibilidades que se oferecem aos nossos leitores através do

simples envio de um cupão-duplo que temos vindo a publicar. Como também já revelámos, não são apenas os leitores os premiados. Para quem vende o «Diário de Lisboa» também reservámos alguns prémios valiosos. Para que vendedores e agentes possam ficar habilitados a esses prémios basta apenas que os leitores, no cupão-duplo que enviam para os nossos serviços mencionem o nome do vendedor a quem normalmente (Continua na 10.ª página)

PERIGOSA QUADRILHA ENVIADA A TRIBUNAL

COIMBRA, 12—Dez automóveis furtados, três assaltos à residência do prof. Bisaya Baretto e outro à morada particular do cônsul belga, dr. Emile Planchard, além de outras proezas — tal é, segundo a Polícia Ju-

(Continua na última página)

HOJE 36 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

res Vedras; Sarge, Monte Redondo, Ermigeira, Maxial, Aldeia Grande. (Das 8 ás 14 horas).

9.ª Zona — Maceira, Sobreiro Curvo, A-dos-Cunhados, Vila Faccia, Campelos, Campelos (Bombagem). (Das 8 ás 14 horas).

10.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira; Povos (parte Norte), Castanheira, Vaila do Carregado. (Das 8 ás 15 horas).

11.ª Zona — VILA FRANCA: EN 10 (junto ao Campo da Feira), Bairro Nova Colónia. (Das 8 ás 14 horas).

12.ª Zona — ALHANDRA: Rua João de Deus, Rua Maria Eng. Av. Afonso de Albuquerque (parte), Rua Duque da Terceira (parte) e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

13.ª Zona — Concelho de Cascaes: Tires, Coveiras, de Tires e imediações (Das 8 ás 15 h.).

14.ª Zona — Torre, Torre (Bairro dos Pobres), Birre (Estrada da Arêa), Pampilheira, (Das 8 ás 15 horas).

SUCESSORA DE MARGOT FONTEYN?

Uma bailarina russa que esgota rapidamente as bilheteiras na América

LOS ANGELES — A bailarina Natalie Makarova tem um problema. Abandonou uma vida e uma carreira na U. R. S. S. — uma boa vida e uma carreira triunfal — para tentar a sua

descansam um segundo. Há quem já se refira à dançarina como uma «superestrela» o público em geral, que se deixa influenciar pelo que lê, parece mais interessado na mulher do

Por MARTIN BERNHEIMER

Exclusivo de «Los Angeles Times» — «D. L.»

sorte no Ocidente. Actualmente, tem um contrato com o «American Ballet Theater» e deseja concentrar-se na- quilo de que mais necessita e me- lhor compreende: a dança.

Mas as máquinas publicitárias não

que na sua arte — enquanto que os órgãos de informação bombardeiam Makarova com perguntas estranhas e superficiais de sociologia e — o que é ainda pior — de política.

Carla Fracci também tem um problema. Durante quatro anos ela foi, praticamente, a primeira bailarina do «American Ballet Theater». Sem o som de trombetas nem publicidade exagerada, Carla Fracci imprimiu a sua radiante personalidade em di- versas paradas, entre as quais se destacam «La Sylphide» e «Giselle». Juntamente com o

melhor bailarino da compa- nhia Erik Bruhn, formou um par de bailado que, no seu estilo próprio e magnífico, ri- valiza com o par quase len- dário Fonteyn-Nureyev.

Mas o público é inconstan- te. De acordo com um artigo do «Los Angeles Music Cen- ter», Makarova é a bailarina que, hoje em dia, esgota mais rapidamente as bilheteiras na

América. Carla Fracci e a sua rival soviética, podem ter um físico semelhante e os mes- mos repertórios, e podem existir oportunidades em nu- mero suficiente para duas bai- larinhas de tal estatura artís- tica dentro do «American Ballet Theater» (há, na rea- lidade, oportunidades para mais). Todavia, a proximida- de faz com que as duas divas

de Milão e Leninegrado se vejam repentinamente trata- das com duas rivais incons- cientes. Como já se encontra há mais tempo nos Estados Unidos não pode ter a pre- tensão de figurar nos sabeco- lhos dos jornais, por razões extra bailado é possível que Carla Fracci esteja a perder a batalha da fascinação.

OPORTUNIDADE QUE SE FAZ TARDAR

Makarova estava prestes a tornar-se uma estrela do «Ki- rova» quando Rudolf Nureyev abandonou a União Soviética em 1961. Tinham dançado juntos, mas não como par um do outro. Quando Makarova deixou o «Kirova», em Londres o Verão nasceu, dançou com Nureyev num «pas de deux» que foi tele- visionado. O facto, por sua vez, suscitou grande especu- lação sobre a possibilidade de Makarova entrar para o «Royal Ballet» como futura sucessora de Margot Fonteyn.

«Nunca me neliram que trabalhasse na companhia lon- drina» — afirma Makarova. «Primeiro achei isso estranho — devo admitir. O público e os críticos em Inglaterra foram sempre amáveis para comigo. Mas agora, penso compreender...»

Makarova não deu mais ex- plicação, mas declarações posteriores sugerem que três das razões que a levaram a manter-se afastada de Covent Garden poderiam ser Antoi- nette Sibley, Merle Park e Lynn Seymour. Todas têm idades aproximadas são bai- larinhas «extraordinárias» ta- lento e fazem parte do «Royal Ballet» há muito tempo en- quanto aguardam uma opor- tunidade para se tornarem es- trelas. Oportunidade, aliás, que já se faz tardar.

A mais recente estreia do «American Ballet Theater» não tem falsas ilusões acerca da sua actual companhia. «Ninguém seria a pretensão de afirmar» — diz ela — «que o American Ballet Theater é profissionalmente equivalente ao «Kirov». Mas trata-se de uma companhia maravilhosa e que tem possibilidades de igualar o melhor que existe em todo o mundo...»

— Mas, até sob o aspec- to financeiro?

— Nada sei a ser realista — respondeu a bailarina.

Um dos trunfos mais evi- dentes do «American Ballet Theater» é naturalmente, Carla Fracci, facto que é leal- mente admitido pela sua pos- sível rival.

«Deve haver sempre compe- tição», filosofou Makarova. «O bailado vive disso. Vi Fracci em Londres e gostei bastante de ambos os desem- penhos. Ela é maravilhosa- mente dotada. O mesmo aconteceu com outras bailari- nas do «American Ballet Theater» tais como Cynthia Gregory por exemplo. Por que razão concentra o público

NOTA

ACERTAR O RELÓGIO

A LEITURA RECENTE de um precioso volume, «Ensaio de Geografia Humana e Regional», do prof. Orlando Ribeiro, revela-nos, num emotivo capítulo introdutório a figura carinhosamente esboçada do «Sr. António da Drogaria», símbolo de uma época, de um estilo de vida e de uma concepção do comércio citadino. O homem-empresa, a pequena loja da esquina onde um homem-só era patrão, caixeiro, capitalista e guar- da-livros, é hoje uma estampa de curiosidade num álbum de recordações. A que distância de tempo nos encontramos deste «ontem» que parece ter-se deida- do mesmo à dobra do caminho donde vimos? A que distância fica esse ontem da vida de hoje dominada pelo panorama da grande empresa onde (teórica- mente) nem se sabe quem nela manda ou tem lá o seu dinheiro?

Na vida moderna, assim chamando àquela do tempo em que vivemos, há uma entidade que se ergue como figura dominante e determinante. É a empresa, a grande empresa, a grande sociedade anónima, assim chamada na dupla suposição de que não se sabe quem é que lá tem dinheiro e que ele está es- palhado por tanta gente que nem há maneira de se saber. É a sociedade «de capitais», em oposição à sociedade clássica «de pessoas». Na prática, sabe- se que não é lá muito, muito bem assim. Mas a ver- dade é que, se isso altera a génese e o comporta- mento por assim dizer endógeno da grande empresa (e até o seu significado social), não altera por aí além o seu funcionamento como instrumento de acção e influência na vida económica activa de um país. Essa é, dentro dos esquemas constitucionais no mundo de hoje, uma das suas características.

Claro que dentro do Estado estas grandes concentra- ções económicas não são isentas de riscos. O risco principal é o da fragmentação e da diluição do poder. Quer dizer, que o poder do Estado, o poder sobre- rano, seja posto em causa, contestado, minado pelo poder económico, o que, sem qualquer espécie de demagogia, envolve de facto o risco de uma situação paralela em que o poder do rei era limitado e con- testado pelo dos senhores a quem ele próprio con- cedia títulos e terras. Eram os feudos, isso, os fe- udos. Era o período do feudalismo, a que o francês Luis XI teve forças e talento para se opor, como, entre nós, guardadas as proporções, soube opor-se o nosso D. João II, muito pouco satisfeito com a he- rança que lhe deixou seu pai e real senhor, de quem ele se queixava por só o ter deixado «rei das estra- das de Portugal». Lembram-se?

Uma configuração recente, de que se tem visto lançar mão com frequência, é a das sociedades de econo- mia mista. Estado e particulares partilham a posi- ção, no mando e no capital. É, a título exemplifica- tivo, o caso das hidroeléctricas. Mas há numerosos serviços públicos que têm tomado forma e procurado atitude empresarial, o que se pode como sendo o regime em que se encontram numerosos serviços autónomos. Com isto procura-se, naturalmente, criar um espírito diferente, o que não quer dizer necessa- riamente a ideia de lucro, mas o ocupações para- lelas, como o grau de eficiência e controlo de custos. Não é impossível que o Estado venha a ser capaz de aprender aí alguma coisa, o que eviden- temente estava, à partida, no pensamento inspirado da reforma administrativa, em que se puseram e ainda se não de pôr algumas esperanças.

Pela nossa parte, já o temos dito, somos dos que con- firmam. Disse o Presidente do Conselho: que a refor- ma não pode ser de sacão, mas pacientemente, aos poucos, todos os dias um bocadinho. Com certeza, portanto, porém, que não se perca o tempo. Um perito consultor da O. C. D. E., que veio cá especial- mente, o sr. Georges Langrod, publicou agora algu- mas das reflexões da sua experiência. «A reforma (diz ele), qualquer que ela seja, não se faz no vácuo ou no estrato. Ela deve, rompendo com certos hábi- tos e pondo fim a rotinas escuras, ter em con- ta o conjunto de factores socio-económicos que a predeterminam. (...) As opções corajosas são para tomar com urgência, sob pena do insucesso dos pla- nos de desenvolvimento». As ideias? Com certeza. Mas também, evidentemente, a coragem de as apli- car, pés no dia de hoje, olhos no dia de amanhã.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CAPITAL E RESERVAS 426 500 000 \$00

EMIÇÃO DE ACÇÕES RESERVADAS A ACCIONISTAS

Avisam-se os Senhores Subscritores, de que o prazo para pagamento da 2.ª prestação termina no dia 31 do corrente mês.

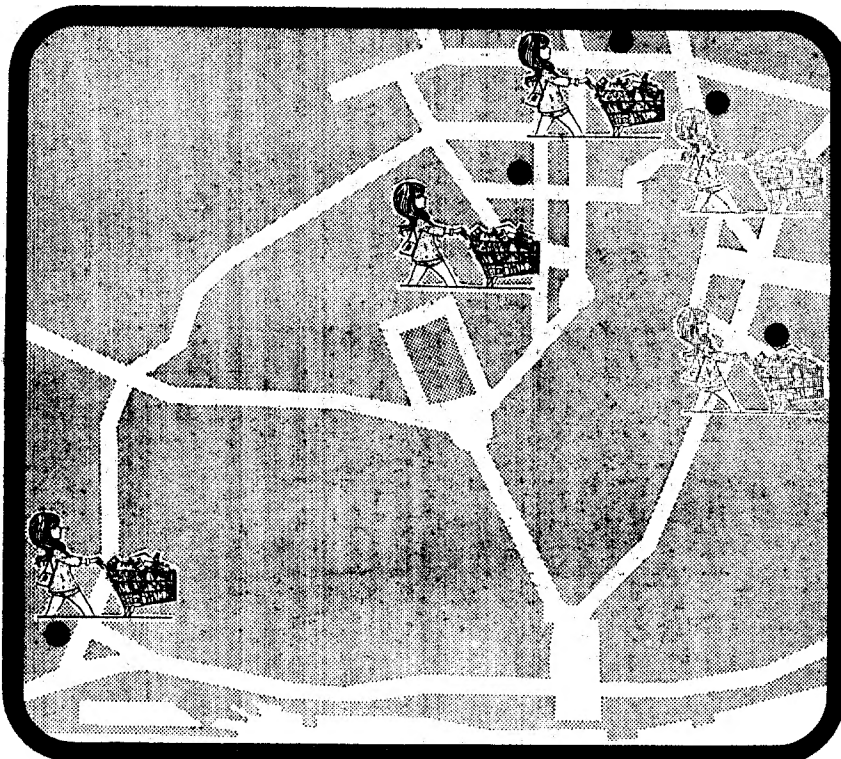
Não estando ainda determinado o montante do im- posto de mais valia, este só será pago no acto da troca da cautela pelos títulos definitivos.



PÃO de Açúcar para Lisboa

Assim cresce o Pão de Açúcar

E assim crescem para toda a cidade de Lisboa, as oportunidades de comprar, aos melhores preços, os artigos de mais alta qualidade. Na loja 3 Pão de Açúcar, tal como nas duas primeiras, continua a Campanha de Preços Baixos que tornou o nome do Pão de Açúcar um sinónimo de economia. E mantém-se a mesma diligência no serviço, os mesmos funcionais processos que resultam num inextinguível conforto. E o Pão de Açúcar vai crescer ainda mais...



Em breve serão inauguradas as lojas 4 e 5 Pão de Açúcar

O PÃO DE AÇÚCAR SÓ VENDE PRODUTOS DE FORNECEDORES DE ALTA CATEGORIA TAIS COMO:

A. DE ALMEIDA LOPES, LDA. • A COLMEIA DO MINHO, LDA. • ARNALDO V. DIAS • CINZANO PORTUGAL, LDA. • COMPAL — COMPANHIA PORTUGUESA DE CONSERVAS ALIMENTARES, S.A.R.L. • COPOREL — COMPANHIA PRODUTORA DE REFRIGERANTES, S.A.R.L. • DAVID GONÇALVES & PEREIRA, LDA. REPRESENTAÇÕES, E IMPORTAÇÕES, • DIESE — PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA. • EMPRESA DAS ÁGUAS DE PIZÕES — MOURA (Águas de Castelo) • ESTS. ISIDORO M. OLIVEIRA, S.A.R.L. • EUGENIO PINHEIRO • F. A. CAIADO • F. LIMA & CA. SUCR., LDA. • FABRICA DE BOLACHAS, BISCOITOS E CHOCOLATES FAVORITA, LDA. • FABRICA DE CHOCOLATES REGINA • FABRICA TRIUNFO, S.A.R.L. • FRUTIL — COMÉRCIO DE FRUTAS E CONSERVAS, LDA. • GEL-MAR — EMPRESA DISTRIBUIDORA DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA. • GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA, S.A.R.L. • GILLETTE PORTUGUESA, LDA. • GRÉMIO DOS PRODUTORES DE FRUTAS DA REGIÃO DE VILA FRANCA DE XIRA • INDUSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO IDAL, LDA. • IMPORTEX — REPRESENTAÇÕES, LDA. • INDUSTRIAIS DE CARNE NOBRE, LDA. • JOÃO CAMILO ALVES, LDA. • JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO • LEACOCK (LISBOA), LDA. • LUFIMA — COMÉRCIO DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO, LDA. • MANUEL BAPTISTA Mouro • MARABUTO & CA., LDA. • MARCELLE BOUHON, LDA. • MARTINI & ROSSI • PANIBEL • PLASTIDOM • PRODUTOS JANA • PUCEL • RUFINO ALVES RIBEIRO & FILHOS • SANDEMAN & CA., LDA., • SEMPA — SOC. DE EMPACOTAMENTO AUTOMÁTICO, S.A.R.L. • SILVA PEREIRA (IRMÃOS), LDA. • SILVA & CAMPOS, LDA. • SIMÃO & CA. • SINCORAL — SOCIEDADE INDUSTRIAL DE COSMÉTICOS, S.A.R.L. • SOCIEDADE COMERCIAL BRAZ & BRAZ, S.A.R.L. • SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS, S.A.R.L. • SOCIEDADE DE PAPELARIAS ARTEX, LDA. (Duni — Guardanapos, lenços, velas) • SOCIEDADE PORTUGUESA DE GRAXAS • SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS NESTLÉ, S.A.R.L. • SOCIEDADE DOS VINHOS DO SUL, LDA. • SORES — REFINADORES DE SANTA IRIA • SOVENA, S.A.R.L. • UCAL — UNIÃO DAS COOPERATIVAS ABASTECEDORAS DE LEITE DE LISBOA • UNISOL • VIDAGO MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS • TODDY — COMPANHIA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS PORTUGAL-ULTRAMAR, LDA. • FRIANTARTICUS • CORESA.



**Economize com
segurança e conforto no**

Pão de Açúcar

Av. Estados Unidos da América (junto ao Campo Grande)
Av. de Ceuta (Alcântara)
Av. 5 de Outubro

GRANDE FESTIVAL NO COLISEU COM A «MÚSICA NOVA» PORTUGUESA

Paulo de Carvalho, Fernando Tordo, Hugo Maia de Loureiro, Duarte Mendes, Daphne, Intróito e Efe-5 estão entre os nomes que já deram a sua adesão ao festival «Música Nova», organização da prestigiosa Casa da Imprensa marcada para a noite de 23 no Coliseu dos Recreios.

Trata-se de um grande festival de música ligeira em que a Casa da Imprensa pretende reunir os novos valores da nossa (renovada) música e homenagear os seus «Prémios da Imprensa» nos últimos dois anos — casos de Tordo Paulo de Carvalho, Ary dos Santos, Manuel Freire, dr. José Afonso e Rui Mingas.

A um novo estilo e a um

novo movimento musical de separam os organizadores corresponder com um espectáculo (para distribuição dos prémios relativos ao ano de 1970) diferente do habitual. Para esse efeito, foram convidados Nuno Martins, responsável pela renovação musical que o programa televisivo «Zip-Zip» promoveu, José Manuel Nunes, realizador do programa radiofónico «Página Um», e o crítico Tito Lúvio, para organizarem um festival original de homenagem à nova expressão da música portuguesa.

A seu tempo a Casa da Imprensa revelará os nomes de outros jovens e conjuntos de música moderna que animarão também a grande noite do próximo dia

23 no Coliseu. Hoje pode-se dar já como garantida a participação do Conjunto 111, que apresentará novas facetas da sua actividade, e ainda de Fausto, José Jorge Letria e Nuno Filipe. Dos resultados das negociações para trazer a Lisboa algumas atracções estrangeiras se espera poder dar notícia também em breve.

Os bilhetes para este sensacional espectáculo serão postos à venda na próxima semana no Coliseu dos Recreios.

SAMANTHA JONES (VENCEDORA DE UM FESTIVAL TV) É A VEDETA DO «SHOW» DO CASINO ESTORIL

«Flesh» (carne) resultou «flash» (relampago). É realmente fásicante o espectáculo que ontem se estreou no Casino Estoril, subordinado ao título que rotula mais uma das sensacionais produções de Georges Reich. O mais notável é que os artistas estranhos ao agrupamento coreográfico se enquadram perfeitamente na estrutura do «show», igualando o ritmo endiabrado dos ágeis dançarinos e das esculturais bailarinas que evoluem na pista do «Wonder Bar». A um louco, louco «Charleston», sucede-se um trepidante «mambo» e a este uma originalíssima evocação da famosa Jean Harlow. Conhecedor profundo da arte do «music-hall», Georges Reich, habituado aos largos horizontes artísticos de Las Vegas, construiu um espectáculo onde tudo é perfeito — algo que não é só carne, mas também nervo e inspiração criada.

Diga-se, em abono da verdade, que não era possível arranjar facilmente melhor enquadramento pa-

ra a apresentação em Portugal da famosa cançonetista britânica Samantha Jones, a vencedora do Festival Internacional de Knock-le-Zoot, que a Eurovisão fez chegar até nós o ano passado. Do minuscúlo «écran» de TV em que a viramos, Samantha agantava-se para nos aparecer agora em toda a dimensão real da sua craveira artística. Não é apenas a vencedora de um festival. É a cançonetista segura da sua arte, sabedora do seu ofício. São justas as palmas que sublinham a sua actualização no Casino Estoril, palmas que reparte com o «ballet» de Georges Reich e, ainda, com a jovem fadista Dina Trindade e com o esfuizante grupo de acrobatas «Les Dollies» — três raparigas e um rapaz — cuja presença no «show» é outro motivo de agrado.

Quem tiver oportunidade, tem à sua disposição, no Casino Estoril, um dos melhores espectáculos de «music-hall» que ultimamente se apresentaram no nosso País.

HOJE, ÀS 21.45 HORAS — (Maiores de 17 anos)

SABADO — «MATINÉE» ÀS 16 HORAS
com 50% de desconto para estudantes
NOITE, 2 SESSÕES: Às 21 e às 23 horas

TEATRO
VILLARET

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL



LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO

Para poupar aos actores o grande esforço de representar em duas sessões uma peça de tal intensidade dramática, «DEPOIS DA QUEDA» passa a ser apresentada numa única sessão, todas as noites, excepto aos sábados

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

DEPOIS
DA
QUEDA
AFTER THE FALL
PEÇA DE Arthur Miller

TEATRO
MONUMENTAL
TEL. 555133

HOJE: A noite, às 21.45

(Maiores de 17 anos)

9 UNICOS DIAS

VASCO MORGADO

APRESENTA

EM 5. MES

A Casa das Cabras

com MILU no protagonista,
Armando Cortez, Mário Jac-
ques, Guida Maria, Luis Pi-
nhão, Oscar Coetane, Nor-
berto de Sousa, António Ma-
chado, António Semedo

Amanhã: 2 sessões, 21 e 23 h.

A seguir: Quarenta Quilates
de Barillet & Grédy (adultos)

HOJE,
ÀS 21.45 H.

(ADULTOS)

TEATRO
VARIEDADES
TEL. 32.60.37

A COMEDIA
FRANCESA
de FRANCIS
VEBER

RIA PERDIDAMENTE!

com RIBEIRINHO e HENRIQUE SANTANA

Estreia no teatro declamado

SIMONE DE OLIVEIRA



no elenco
FRANCISCO NICHOLSON

Encenação de Maria Helena Matos

Uma peça para ver e rir a valer...

AMANHÃ: 2 SESSÕES, às 20.45 e 23 h.

TEATRO
CAPITOLIO
TEL. 32.74.93

Hoje, às 21.45 M 7 anos)



Domingo: A tarde, às 16 h.

3K
COZINHAS
ELECTRODOMÉSTICOS
R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 - T. 49907

TRINDADE

Hoje às 21.45 horas

(Adultos)

O DUELO

de Bernardo Santareno

Pela Companhia do Teatro

Nacional D. Maria II

Amanhã às 16 horas

Tarde a preços reduzidos

TEATRO

A B C

tel. 36 67 45

ADULTOS

HOJE

ÀS 20 e 45 HORAS

ÀS 23 HORAS

• DOMINGO: ÀS 16 HORAS •

TODA A LISBOA FALA
DA SENSACIONAL REVISTA POPULAR

FRANGAS
NA GRELHA

Empresa Teatral JOSÉ MIGUEL, LDA.

Uma produção de HUMBERTO CUNHA
com um elenco de grandes estrelas
IVONE SILVA * NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO * OSCAR ACÚRSIO
ANABEL * LUIS HORTA * MARIA TAVARES
e a participação especial de
• TONY DE MATOS



ANITA em «Fado»

Encenação de CÉSAR DE OLIVEIRA

MARIA
VITÓRIA

• Só mais 3 dias! Só até Domingo!

HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20.45 e 23 HORAS

• GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO, APRESENTAM
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A FAMOSA REVISTA

• Pimenta na Língua!...

(«PRÉMIO DA IMPRENSA — 1970»)

ENORME TRIUNFO DOS POPULARES ARTISTAS:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA

• BARROSO LOPES • DORA LEAL

A «vedeta» do Fado A atracção

• ANA ROSMANINHO • RONY VALY

e, no «compère»,

• OCTÁVIO DE MATOS

À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

E DE UM ÓPTIMO «BALLET» INTERNACIONAL!

• DOMINGO, ÀS 16 HORAS, ÚLTIMA «MATINÉE»



JOSÉ VIANA
no «Cozinheiro»
do Hotel Portugal



CASA DA
COMÉDIA

R. S. Francisco

Borja 22

Marcações

t 677299

Hoje às 22 h. sábados

domingos às 16 e 22 h.

FIM DE FESTA

de Samuel Beckett

pelo elenco do Teatro

Experimental do Porto

só até 15 de Março

Maiores de 17 anos

Subsidiado Fundo Teatro

AMANHÃ, TARDE POPULAR
a preços reduzidos, com a
mesma tabela das noites de
5.ª feira

BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$

PLATEIA: 30\$ e 50\$

IGREJAS CAEIRO

apresenta só até ao fim do mês

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Todas as noites às 21.45 h.

16.ª SEMANA • M/17 A.

Teatro TELEF. 71701

Maria Matos



o inocente

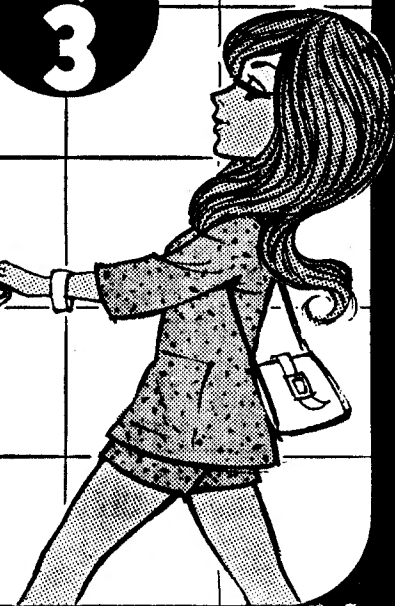
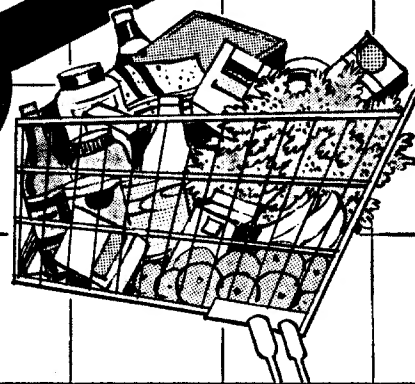
VA' CEAR A FURNA VA' CEAR A FURNA VA' CEAR A FURNA VA' CEAR A FURNA VA' CE
nua ferreina iapa, 38 d-a duque de loule - nua ferreina iapa, 38 d-a duque de loule - nua ferreina iapa

Assim cresce a economia para si!

loja 1

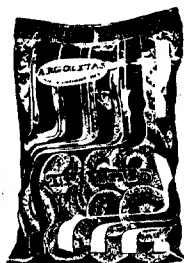
loja 2

loja 3



A campanha de **PREÇOS BAIXOS** continua...
...e agora nas **TRÊS** lojas Pão de Açúcar

morison



Bolachas Anitas "Triunfo" - pacotes 200g	4\$70
Bolachas Argoletas "Triunfo" - pacotes 200g	4\$70
Bolachas Maria "Triunfo" - pacotes 200g	4\$10
Ananaz em rodela "Compal" - lata de 1kg	14\$70
Tomate pelado "Compal" lata de 1kg	5\$70

Cerveja "Skol" sem vasilhame	3\$30
Brandy "Rhoda"	35\$40
Whisky "Lawson"	145\$00
Espumante "Asta Régia"	23\$50
Vinho do Porto "Dalva"	21\$00



Nescafé c/ cafeína frasco de 48g	10\$70
Nescafé c/ cafeína frasco de 90g	19\$80
Nescafé c/ cafeína frasco de 200g	39\$80
Nescafé s/ cafeína frasco de 48g	17\$80
Nescafé s/ cafeína frasco de 90g	32\$20
Nescafé s/ cafeína frasco de 200g	64\$20
Nestum - caixas de 250g	9\$90



Amêndoas tipo francês "Frami" - embal. 500g	26\$00
Amêndoas tipo francês "Frami" - embal. 250g	13\$00
Amêndoas lisas "Frami" - embal. 500g	15\$00
Amêndoas lisas "Frami" - embal. 250g	7\$50

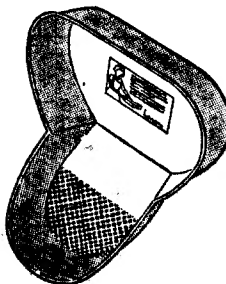


Vermouth "Cinzano" tinto	26\$30
Escovas de dentes "Raro" para homem	9\$00
Escovas de dentes "Raro" para senhora	9\$00
Escovas de unhas "Raro"	6\$50
Escovas de cabelo "Raro"	16\$00



Taça de vidro	10\$00
Panos de chão	4\$50
Panos de pó	5\$50
Insecticida "Dum-Dum"	29\$00

Lava-arroz em plástico	8\$80
Saladeira c/ tampa em plástico	9\$00
Saladeira c/ tampa em plástico	5\$90
Máquina de barbear "Gillette Techmatic" c/ 1 carga grátis	70\$80



Vinho verde "3 Marias" sem vasilhame	12\$40
Vinho de mesa "G.M." branco sem vasilhame	5\$80
Vinho de mesa "G.M." tinto sem vasilhame	5\$80

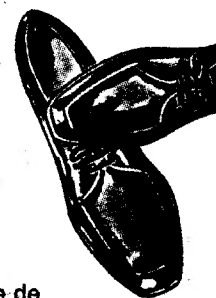
Cera "Galo" para soalhos - 250g	7\$40
Pomada "Rosete" para calçado	3\$30
Pasta dentífrica "Colgate" com gardol - Familiar	16\$80
- Gigante	11\$00



Detergente "Xau" Pacotão	11\$80
Detergente "Xau" Saco de 3kg	42\$50
Detergente "Super Ajax" - Familiar	9\$90
Detergente "Super Ajax" - Gigante	6\$50
Água de Colónia "Yenka" - 1/4 lt	19\$80
Cuecas para bebé	7\$50
Cuecas de algodão para senhora	11\$80
Combinações de nylon para senhora	22\$00



Soutiens	27\$50
Cintas s/ perna para senhora	53\$00
Cintas c/ perna para senhora	68\$00
Sapatos para homem	140\$00



Grande variedade de OVOS DE PASCOA nacionais e estrangeiros



Peixe fresco recebido directamente das lotas de Sesimbra, Setúbal, Peniche, Cascais e Nazaré



Economize com segurança e conforto no

Pão de Açúcar

Av. Estados Unidos da América (junto ao Campo Grande)
Av. de Ceuta (Alcântara)
Av. 5 de Outubro



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

DAS TRAQUINICES NO CIRCO AO SORRISO DE FERNANDEL

A 37.ª Gala da União dos Artistas. Foi ontem, na Televisão Portuguesa. A favor dos artistas pobres e doentes. Quem pode a quem precisa. Os artistas existem para servir a sociedade, depois a sociedade volta-lhes as costas, e depois lá estão os companheiros mais abastados, mais afortunados, mais talentosos ou simplesmente mais novos para lhes acudir. Não é (pretende não fingir ser...) beneficência: é solidariedade. Um dia, sim, um dia (nem todos podem ser manhosos como o Gabin, esse a quem ontem chamavam o sr. Gabin, nem olho vivo como a Bardot), um dia os tais mais dotados mais afortunados e mais jovens, também hão-de ser menos aquilo, menos isso e, sobretudo, menos isto, e nessa altura haverá outros mais jovens, mais dotados, mais afortunados que, por eles, não farão beneficência, mas sim solidariedade.

Pois os artistas ainda em actividade reuniram-se para um espectáculo de grande gala e deveras original: eles próprios, eles e não os seus duplos, farão autênticos números de circo. Números de circo: aí está o que nos parece muito arrojado, muito difícil, mas, mas é preciso ver quem e quem. Um artista leva cá uma destas vidas! Perigos, trabalhos, incomodidades fadigas, situações de quanto melindre. Para grande parte deles, a história das habilidades a cavalo ou no trapézio são autênticas brincadeiras comparadas com o que praticam cá fora, na vida real.

Claro que não é o perigo que importa, ou a perfeição, ou a nitidez do ofício. O que importa, para o grande público é assistir aos seus artistas, a esses estranhos produtos de uma máquina de grande consumo. Vem o James Mason fazer fuscionismo, a errar o corpo da gentil Dubois, e o público ri, complacente e feliz,

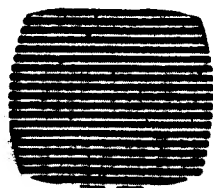
das traquinices do artista: vem o Sarapo fazer tropelias a cavalo, e os aplausos, mais do que as tropelias equestres, remetem a recordação da Edith Piaf. Vem o Belmondo a fazer de palhaço e a malta, está claro. E quando o Belmondo flinge que se deixa cair, lá da cúpula, a malta está claro: um grande ah! de medo e de angústia, para fazer jeto ao rapaz. Vem o sr. Gabin, que comemora 40 anos de vida artística, e acendem-se isqueiros na sala, canta-se o parabéns a você, e não deixamos de reparar como foram poucos os focos luminosos. Cá em Portugal já se fez o mesmo, na despedida de um jogador de futebol, com muito maior efeito. Talvez, quem sabe, o sr. Gabin não goze de muitas simpatias no meio...

Sem dúvida: é extraordinário que artistas de teatro e cinema sejam capazes de fazer certas coisas que não constituam ossos do seu ofício. Para amadores, não está mal, não senhores. Mas são amadores, são artistas, são gente que conta com um estado emocional a seu favor por parte do público. Por essa razão, o público telespectador português não reagirá a esta emissão da mesma forma que o público francês. Lá, é uma festa em família; cá é uma festa de amadores titubeantes. Muitos dos nomes enunciados nada dizem ao público português. Tudo seria diferente, por exemplo, se em lugar do Belmondo, do Cassel, Xavier Gelin, Henri Verneuil, etc. tivéssemos no trapézio, nas bicicletas, nos cavalos, ou nos elefantes, artistas tão populares nossos como José Viana, Raul Solnado, Florbela Queirós, Igrejas Caeiro, etc.

Compreende-se, pois, a frieza com que o telespectador português terá reagido a esta gala, cujo maior mérito consistiu num acto de convívio a que nós, portugueses, nos mantínhamos alheios. De

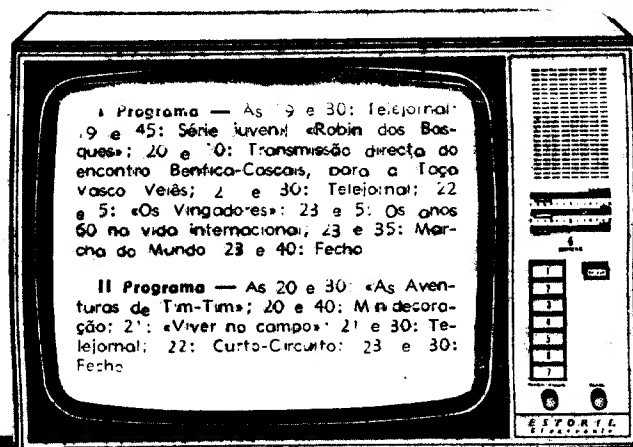
qualquer modo, certos nomes mais na berra e mais soantes ainda bateram à porta da nossa atenção. Brigitte Bardot foi uma presença constante no televisor, com o seu sorriso e os seus dentes forte-

mente carnívoros. Fernandel também lá estava. Bem disposto como se já, naquela altura, não fosse nada com ele. A representação, talvez na maior representação da sua longa carreira.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — As 12 e 30: Abertura e o caso da semana; 12 e 45: Filme de série, «Os Meus Sobrinhos»; 13 e 15: Telejornal, 1.ª edição; 13 e 30: Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo; 14 e 55: Eurovisão, directamente de Cardiff, o jogo de rúgby entre as selecções do País de Gales e da Irlanda; 16 e 30 — Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo, recomeço da transmissão de Sónia; 18 e 45: Cartaz TV — O programa da próxima semana: 19: Expedição; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil, «Barreiras Submersas»; 20 e 15: ...E a vida continua...; 20 e 30: TV Mundo — Documentário sobre o mar e o romantismo de artigos navios; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22 e 5: Folhetim «Sebastião e Maria Morgane»; 22 e 30: Osaka Show; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e filme infantil «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 40: O caso da semana; 21: Filme de série «Os Meus Sobrinhos»; 21 e 30: Telejornal; 22: Teatro lírico — «Carmen», de Bizet, e 0 e 40: Fecho.



TUDOR

pilhas para transistores

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPO-TECAS de propriedades.

ORCOS

Rua 1.ª Dezembro, 45-3.º
LISBOA

Telef. 36 74 44 - 32 81 72

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoc. hall, coz. desp., 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000\$00. Mestre a port. todos os dias no local Rua Eng.º Martin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º Telef. 536111/2.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 655 kc/s — MF 1 (95,7 mc/s) — As 16: Notícias; 16 e 65: Programa da Juventude; 17 e 30: Vida e trabalho; 18 e 65: O encontro da melodia; 18 e 30: Conjuntos lígeiros; 19 e 50: Melodias de cinema; 19 e 10: Passatempo musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Kenny Burrell; 20 e 30: 14.º Episódio do Folhetim «Inocência»; 21: Momento 71; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Música da Europa; 23 e 05: Miscelânea; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Ciclo do barroco italiano; 16 e 45: Música de vanguarda — Festival L'Avignon de 1970 (gravado e editado pela Radiodifusão Televisão Francesa), parte de um concerto pelo Conjunto Musiques Nouvelles, de Bruxelas, sob a direcção de Pierre Bartholomée, piano e Georges Dumortier, flauto; 17 e 22: Música de Kreier pelo violinista Henryk Szeryng — Canção popular vienezense — Rondino sobre um tema de Beethoven, ao piano, Charles Reiner; 7 e 30: O compositor do mês: Vivaldi; 8 e 45: Sonata «All'Antica» (Rieti), cravo, Sylvia Marlowe; 19: Música e Musiques Portugueses, por Nuno Barreiros; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de Arco; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Vermer, realizado na igreja de S. Roque, em Lisboa, sob a organização Maria Celeste Silva — Missa Alemã (Franz Schubert); 21: Marcha fúnebre de Siegfried da ópera «O Crepúsculo dos Deuses» (Wagner), pela Orquestra de Cleveland, dirigida por George Szell; 21 e 20:

Tempo literário; 21 e 45: Os prelúdios — Poema sinfónico (Liszt), pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Belga, dirigida por Franz André; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr Leopoldo de Araújo: «Lirismo, fantasia e sátira no teatro de Durrenmat»; 22 e 50: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 mc/s — As 21: Orquestras ligeiras da América do Sul; 21 e 20: Richie Havens em composições do seu álbum «Stonehenge»; 21 e 04: Música de Portugal; 22: O conjunto «Fotheringays»; 22 e 20: Instrumentistas; 22 e 40: Trechos da banda sonora do filme: «Hello Dolly»; 23: Orquestras de câmara — Orquestra de cordas do Festival de Lucerna, dirigida por Rudolf Paupartner; 24: Instrumentistas; 24: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 rotções; 20 e 30: «Quadrante 2-9-0»; 20 e 30: Semano 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Suplemento; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande rda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Taktmã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: O árbitro; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa «Gé-Gé»; 0 e 02: Em árbitro-dos; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e

o seu mundo; 8 e 45: Motinês teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 9 e 30: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 05: Sé-rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de aegma; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Marano Tha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Penetramos; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

Estação de Porto — 256,6 m — 1189 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Marcha Tha; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página um; 20 e 33: Meditando; 21: Os navios emissores em marcha; 22: Audição; 23: A 23.ª hora

EMISSIONS ASSOCIADOS DE LISBOA — Ondas média — 98 m — 304 kc/s — 94,4 mc/s Rádio Peninsular — Das 7 às 8 das 10 às 12 e das 19 e 30 das 22. Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 27 às 2. Clube Radiotelevisão de Portugal — Das 12 às 14 e 30 Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CINNE
RECEPCAO ATE 31 MARÇO 71

UMA MULHER CARBONIZADA NUM INCÊNDIO EM CHELAS

Um incêndio esta manhã registado em Chelas carbonizou uma mulher, feriu três pessoas (entre elas dois bombeiros) e deixou sem lar algumas dezenas de pessoas, por terem ficado completamente destruídas as barracas em que viviam.

Eram cerca das 6 e 10, na Quinta do Pinheiro (Rua do Sol a Chelas), quando as chamas irromperam de barracas de gente humilde. Uma mulher Rosa da Conceição Nunes, de 43 anos, que vivia sózinha, e foi vítima das chamas, deve ter dado origem ao fogo. As chamas rapidamente se propagaram às habitações vizinhas, precipitando no desespero homens, mulheres e crianças, que ali vivem afastados do mundo.

Segundo alguns moradores da Quinta do Pinheiro, as chamas destruíram 12 barracas; outras afirmam que apenas sete foram totalmente

consumidas; os Sapadores-bombeiros dizem ser 10. É difícil apurar, de momento, dada a grande confusão que reina no local. Confusão de pessoas e de objectos calcinados, enquanto caem moedas

e notas num lençol mocho e muscado, para auxílio imediato dos que ficaram sem casa e sem haveres. Tal como nos disse alguém, «aqui somos uma família».

As chamas começaram em

casa da sr.^a Rosa Neves, que vivia praticamente de esmolas e andava em tratamento no Hospital de Júlio de Matos, tendo problemas familiares. Segundo nos afirmaram, teria ingerido dois comprimidos para dormir, e houve um candeeiro a petróleo que caiu. Com o vento a «ajudar», rapidamente as chamas se propagaram.

José Santos Silva, de 26 anos, quando tentava ajudar no combate às chamas despenhando baldes de água, caiu e sofreu ferimentos, sendo transportado ao hospital.

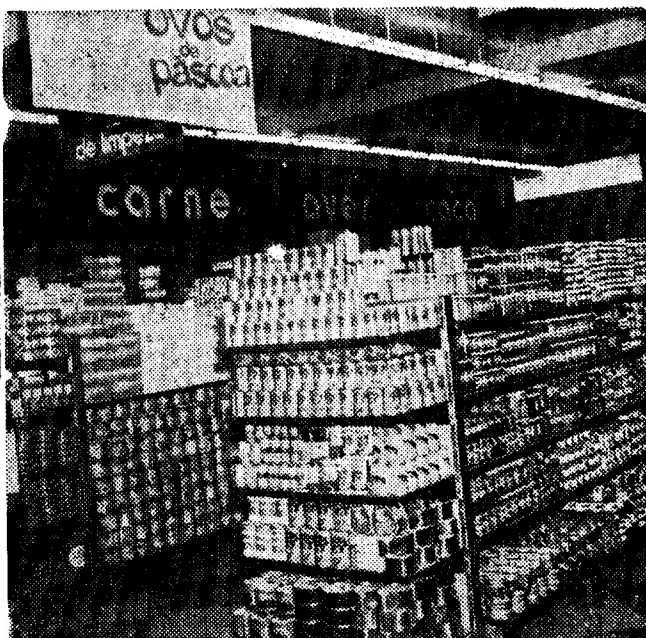
No meio das chamas, aumentando o pânico, aumentou uma garrafa de gás. Dois sapadores-bombeiros foram atingidos pela deslocação de ar. João Pires Robalo e Joaquim Fazendas, que regressaram a casa, depois de tratados.

Os bombeiros chegaram cerca das 6 e 45. Cerca de 50 homens, entre sapadores e voluntários, apoiados por cerca de 10 viaturas, das quais três autotanques.

O combate às chamas foi orientado pelo chefe-ajudante do B. S. B. Mário de Almeida e pelos chefes Sampaio e Loureiro. Cerca das 7 e 30 o incêndio estava extinto, e iniciavam-se os trabalhos de rescaldo.

Quando abandonámos o local, já perto das 11 horas, ainda lá estava o corpo da sr.^a Rosa Neves, que partira uma perna recentemente, coberto com um lençol sujo.

— Se o vento estivesse do outro lado, não escapava uma barraca — murmura alguém junto de nós.



Um aspecto do novo Supermercado Pão de Açúcar

Inaugurado mais um supermercado «Pão de Açúcar»

O plano anunciado oportunamente cumpre-se com absoluto rigor. Em cerca de oito meses três supermercados «Pão de Açúcar» servem populares zonas lisboetas: Avenida Estados Unidos, Avenida de Ceuta e Avenida 5 de Outubro o último inaugurado esta manhã. Presentes os srs. dr. João Flores e eng.^o Abreu e Faro, director-geral e director dos serviços de expansão da Companhia Portuguesa de Supermercados — SUPA — S.A.R.L. Saudando os convidados, o dr. João Flores revelou estar prevista para breve a inauguração de mais dois hipermercados — um na Venda Nova e outro em Almada — integra-

dos na vasta rede de distribuição que a companhia se propõe montar e foi programada com o intuito de prestar ao público o melhor serviço. Os preços praticados nos supermercados «Pão de Açúcar» continuarão a ser francamente acessíveis por estarem assegurados descontos máximos dos fornecedores, pela garantia de aquisição de grandes quantidades de produção.

«A afluência do público tem sido francamente animadora» — disse ainda o dr. João Flores. Por isso, a rede de supermercados «Pão de Açúcar» será cada vez mais ampla.

Frequentava um meio hermético o costureiro assassinado

Asfixia por sufocação — parece ter sido esta a causa da morte do costureiro Francisco Costa Simões, da Boutique Mytu, em Cascais. Trata-se, no entanto, de uma hipótese, pois o cadáver apresenta golpes no pescoço. Segundo a Polícia Judiciária, o costureiro (que se preparava para seguir para Londres) «frequentava certo meio hermético».

O móbil do crime pode assentar, para além do roubo (desapareceu o dinheiro que Costa Simões tencionava levar consigo), em qualquer motivo passional de natureza estranha, segundo a Polícia.

O indivíduo visto nas escadas de acesso à boutique, e tido como presumível assassino, não foi ainda encontrado, embora os seus sinais (meia idade, entroncado, zambarda cinzenta) estejam lá na posse dos investigadores.

O total do dinheiro roubado era de 40 libras e 200 francos (cerca de 4000 escudos).

Foram presos dois suspeitos.

A morte do jardineiro da Azinhaga do Cavaco

Prosseguem as investigações, por parte da Polícia Judiciária, no sentido de se fazer luz sobre a morte do jardineiro Agostinho de Jesus Viegas, de 41 anos, encontrado esfaqueado na barraca que habitava na Azinhaga do Cavaco, à Rua Carlos Mayer, em Alvalade.

Era homem de maus fígados: há pouco tempo acabara de cumprir a pena de três anos de prisão por ter agredido um companheiro de trabalho, tornando-o inválido.

Foi a enterrar o proprietário da pensão morto em Setúbal

Efectuou-se esta manhã, o funeral de Artur de Sousa Carvalho, gerente de uma pensão de Setúbal, mortalmente anavalhado pelo cozinheiro que contratara no Verão passado, o subdito espanhol José Duarte Ogando,

natural de Pontevedra, casado e com filhos.

O motivo do crime parece ter sido o despedimento precipitado do cozinheiro, a quem Sousa Carvalho devia salários atrasados.

No entanto, segundo a mulher do assassinado, Maria do Céu Loe de Silva, as relações entre o proprietário da pensão e o cozinheiro tinham-se azedado nos últimos tempos, «por o espanhol a ter desrespeitado ofendido».

Ogando, que depois do crime tentou a fuga, foi detido pela P. S. P. local, que o entregou já ao tribunal da comarca.

COLHIDO POR UM COMBOIO

Por ter sido colhido por um comboio, hoje, de manhã, na Estação de Santa Apolónia, chegou morto ao Hospital de S. José o sr. Custódio Lopes, de 49 anos, morador na Trav. Lázaro Leitão, 21-3.^o

XXII VOLTA A PORTUGAL

O QUE FOI A EDIÇÃO 71 DO MAIS TRADICIONAL RALLYE PORTUGUÊS

(Reportagem de AVELAS COELHO, ADRIANO CERQUEIRA, AUGUSTO VILELA, JOSÉ PINTO e MARIA DO CÉU)

motor

SAIU HOJE

AINDA NESTE NÚMERO:

- Már'o Andretti ganhou o G. P. da África do Sul (DINIZ ROSAS, enviado especial)
- Stratos: o belo «monstro» (PHILIPPE TOUSSAINT, do serviço de reportagem no estrangeiro)
- Karting: Falar claro para «andar» mais (HERLANDER GARCIA)
- Página de Aviação (ALVES SARAIVA)
- Noticiário e as habituais secções

EM SUPLEMENTO ESPECIAL:

TUDO SOBRE OS PRIMEIROS RALLYES DOS «NACIONAIS» DE PROMOÇÃO

28 PÁGINAS

PREÇO: 2\$50

BOM APETITE

TONI DOS BIFES Av. Prata da Vitória, 50-E Telet. 536080 AMANHÃ FEIJOADA À PORTUGUESA DOMINGO ARROZ DE PATO NO Forno Diariamente SARRABUHO	PROGRESSO Restaurante & Snack-Bar & Pastelaria R. Barata Salgueiro, 2-C Telet. 40115 Aos domingos especialidades da casa ENSOPADO DE ENGUIAS E COELHO A CAÇADOR SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO	JANTE NA TARANTELA EM AMBIENTE FAMILIAR Large D Esterfância 22 SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS
RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 79 02 11 JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR (M/15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI		

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

«Um engano na identificação de uma criança doente aumentou o drama de um casal»

A propósito da notícia que publicámos no dia 7 do corrente, com a epígrafe «Um engano na identificação de uma criança doente aumentou o drama de um casal», recebemos do director da Clínica Pediátrica Universitária de Lisboa, prof. Carlos Salazar de Sousa, os seguintes esclarecimentos para os factos que nos foram relatados pela sr.^a Rosa de Jesus de Oliveira, mãe de uma criança falecida no Hospital de Santa Maria:

«1) O doente em causa morreu, poucas horas depois do seu internamento, devido a doença gravíssima (Síndrome de Waterhouse-Friederichsen), quase sempre fatal, na secção de infecciosos do nosso Serviço.

2) Fez, como é de rotina nestes casos, uma transfusão sanguínea.

3) O Serviço de sangue, como é hábito, convocou a família do doente para tentar obter a sua colaboração fornecendo sangue, não para o doente em causa que já tinha falecido, mas com a finalidade de repor o seu «stock», dada a escassez deste produto que existe nos hospitais.

4) Como sempre se faz, na Secção em que o doente esteve internado, o quarto com o respectivo mobiliário foi, logo

em seguida à sua transferência para a casa mortuária, desinfectado, ficando 24 horas encerrado, antes de receber outro doente.

5) Nunca seria portanto possível que 8 dias depois a cama conservasse o nome da criança falecida, o que seguramente não foi observado pela mãe.

6) O que apenas há portanto de positivo é a circunstância infeliz de ter morrido uma criança, poucas horas depois do seu internamento, aliás por doença quase sempre fatal e apesar de se lhe ter feito toda a terapêutica adequada e a família ter sido convocada pelo Serviço de transfusões para tentar obter a sua colaboração no sentido de promover a reposição do seu «stock» de sangue.

Tudo o mais é pura fantasia, excepto quanto ao facto de se chamar a atenção para a angustiante escassez de pessoal de Enfermagem nos Serviços hospitalares, que só tem sido parcialmente compensada, pela extrema dedicação e acrisolado espírito de sacrifício daquele mesmo pessoal.»

Agradecemos os esclarecimentos do prof. Salazar de Sousa e queremos acentuar que, se houve «fantasia» na notícia em referência, esta se deve em absoluto à mãe da criança. Limitámo-nos a registar o drama de uma pobre mulher que, após oito dias do falecimento dum filho, recebeu do Hospital um officio a pedir sangue e, por estranho que pareça, dado ter visto o filho morto e o ter enterrado, quis certificar-se de que a criança doente na cama onde estava o filho, não era de facto o seu. Por certo que este acontecimento só pôde verificar-se por se tratar de uma pobre mulher traumatizada pela perda súbita de um filho que ela

considerava sadio. O nosso objectivo ao publicarmos a triste ocorrência foi sobretudo para mais uma vez chamarmos a atenção para a falta de pessoal que, em muitos hospitais, tem dado ocasião a enganos, alguns bastante dramáticos. Aliás, segundo nos foi dado averiguar, foi a diminuição temporária de pessoal que permitiu que os pais do pequeno João Paulo recebessem o pedido de sangue, apesar do filho ter falecido. É prática corrente nos hospitais, quando um doente morre, não pedir sangue aos seus familiares para lhes não agravar a mágoa. No caso em questão, foi quebrada essa prática por o falecimento ter ocorrido a um domingo e nos dias seguintes, segunda e terça de Carnaval, ter havido tolerância para o pessoal de secretaria. Desse modo, a secretaria não avisou oportunamente o Serviço de Sangue do falecimento da criança e este expediu o officio na sua ignorância. Fica deste modo esclarecido que não houve engano de identidade, mas um facto (a expedição indevida de um officio) que agravou a dor de uma mulher.



A mãe da criança (que foi chamada a dar sangue depois da morte do filho) quando falava com a nossa redactora. Acentue-se que traz nos braços, no jeito de quem embala um bebé, um cãozito a que havia dado banho pouco antes.

TEMAS DE CULTURA PORTUGUESA

Prosegue hoje, às 18 e 30, como habitualmente, no Museu Nacional de Arte Antiga (Janelas Verdes) o novo ciclo de palestras intitulado «Temas de Cultura Portuguesa — Séc. XX». A palestra estará a cargo da prof.^a dr.^a Maria de Lourdes Belchior, e tratará o seguinte tema: «Presencismo, neo-realismo e outros «ismos» 1927-1945».

NOVOS DIRIGENTES DE «A VOZ DO OPERÁRIO»

Na sala da biblioteca da sede da Sociedade «A Voz do Operário» realizou-se o acto de posse dos corpos gerentes da instituição para 1971.

Durante a cerimónia, usaram da palavra o presidente da assembleia geral, sr. Agnelo Mourão Pereira, o presidente da direcção da Associação de Socorros Mútuos dos

Empregados de Comércio, de S. Cristóvão, o presidente da comissão administrativa, sr. Amadeu Faria Longo, e, por fim, um empregado daquela Associação.

A nova direcção ficou assim constituída:

Assembleia geral — Presidente, Agnelo Mourão Pereira; vice-presidente, José Ne-

ves da Silva; 1.º secretário, Abílio Artur Alves Lima; 2.º secretário, Joaquim Henriques Prazeres; vogal, Manuel Marques de Almeida.

Comissão administrativa — Presidente, Amadeu Faria Longo; 1.º secretário, Edmundo José de Sousa; 2.º secretário, Armando Cândido da Gama Carneiro; 1.º tesourei-

ro, Jorge da Cruz Valente; 2.º tesoureiro Manuel Pinto dos Santos Saraiva; 1.º vogal, João Marques da Silva Carvalho; 2.º vogal, Carlos Augusto da Silva.

Conselho fiscal — António Justino Teixeira, Deonáldim Pereira Martins, Fernando Magalhães Almeida, Manuel Mendes Delgado e Urbano Figueiredo da Costa.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00. Rua dos Taipas, 14. Tel. 32 72 56.

BALEIRA

Blanco seleccionado — almoços a 25\$00. À noite, consumo mínimo 40\$00. — Av. Marginal, 21-22 (Defundo). — Telef. 21 32 59. Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto. — Cons. mínimo 40\$00. Trav. da Espera, 8. — telef. 35 4 64. Encerra às 5 da madrugada.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sabreira. Tocam:

Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mínim. 40\$00. R. da Rosa, 219. Telef. 36 85 79.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninha e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo: 90\$00. Beco dos Cortumes, 10. Telef. 86 0816.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e

Amadeu Ramim. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Cons. mín. 50\$00. R. da Barroca, 133. Telfs.: 36 97 60 e 30532. Encerra às 3.ª feiras.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Mourão, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigida por António Cunha. Travessa da Quelmada, 10-16. Telfs.: 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoadó, Ivette Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trío Aroulos, Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telfs.: 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

TIMPANAS

cantam: Trío Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvidos Cruz. Tocam: Pedro

Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolá, 24. Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias», 107. Telef.: 32 83 07. Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites», e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis 51-A. Telef. 775695.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada

Marquês de Abrantes, 64-66. Telefone 667264.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante. Av. Marechal Carmona, 2. — Campo Grande. — Telef. 790177. Encerra às 3.30 horas.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. «Show» turístico. Va-

riedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

vá jantar ou cear A FURNA Rua Ferreira, 14. 3.ª D. a duque de Loulé-Lisboa

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. — Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube. Últimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra. Rua D. Filipe de Vilhena, 6-D. Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telfs. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Conj. Hélios Reis. Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa»» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00.

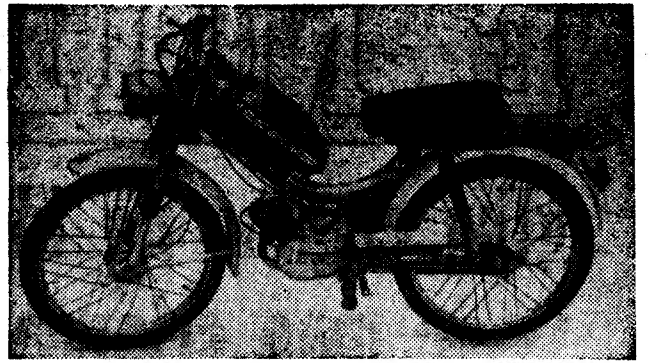
(Continuação da 1.ª página)

adquirem o «Diário de Lisboa».

Um magnífico automóvel «Honda-N-360» é o primeiro prémio para um vendedor do «Diário de Lisboa». Exactamente para aquele que tenha vendido os jornais do leitor que for contemplado com o primeiro

prémio desta iniciativa. Sabemos que se trata de um prémio aliciante para quem trabalha árduamente. Automóvel pequeno, elegante, é muitíssimo económico de manutenção. Lembremos que o «Honda» é uma das mais prestigiosas marcas mundiais de automóveis. Estes veículos caracterizam-se pela sua avançada técnica

como pela enorme robustez de que têm dado provas nas mais adversas condições de utilização. De referir ainda que o atraente «mini» japonês, uma autêntica jóia de mecânica está presente em toda a Europa como o tipo de veículo utilitário para a cidade que confere uma nota de bom gosto e contentamento a quem o possui. Trata-se, na verdade, de um veículo tão criteriosamente concebido



Uma das bicicletas motorizadas «Sachs-Minor»

que satisfaz mesmo os automobilistas mais exigentes. Pois foi um desses carros admiráveis que escolhemos como primeiro prémio para um vendedor do «Diário de Lisboa».

Bicicletas motorizadas «Sachs-Minor», robustas e rápidas são outros prémios tentadores que reservamos para quem vende o nosso jornal e nelas estão concentradas as atracções de quem com uma «Sachs-Minor» verá resolvido o seu problema de deslocação e excelentes frigoríficos, e grava-discos «Philips» e máquinas de barbear «Philips». Aliciente lista de prémios a que foi constituída para ficar ao alcance dos que vendem o «Diário de Lisboa».

Os leitores que o não fizeram podem ainda remeter

o cupão-duplo que contínuamos a publicar, preenchendo-o com letra bem legível e remetendo-o para os nossos serviços — Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1. Não deve esquecer a referência ao vendedor habitual para lhe permitir também a possibilidade de conquistar um prémio valioso. O prazo de recepção dos cupões-duplos de identificação termina impreterivelmente no próximo dia 25.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»», Rua Castilho, 185, 1.º - Lisboa-1.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

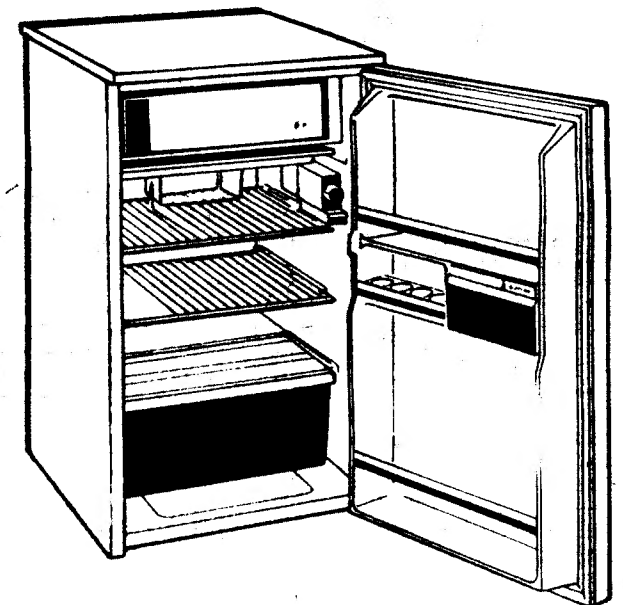
Acetam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses	— 130\$00
6	— 250\$00
12	— 485\$00

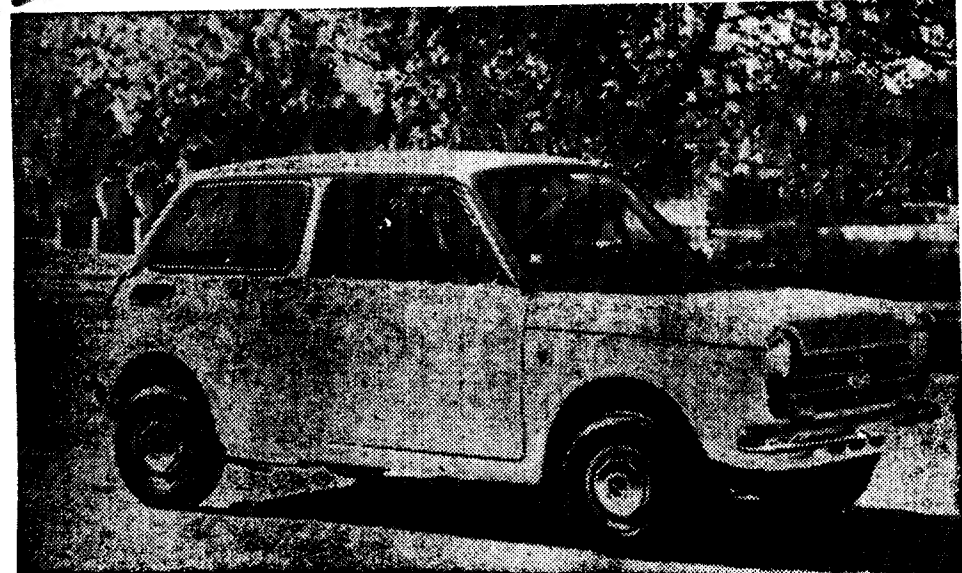
Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabecinhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabecinhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.



O frigorífico «Philips» HN-2144



O automóvel «Honda N-360»

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquirir o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00 que se destina logicamente a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

nome _____
morada _____
localidade _____
telefone (b) _____
profissão (a) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo leitor (b) Facultativo

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

nome _____
morada _____
localidade _____
telefone (b) _____
profissão (a) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo leitor (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00.

VÃO SER IMPOSTOS OS CINTOS DE SEGURANÇA

A partir do dia 1 de Julho próximo, e por determinação do Ministério das Comunicações, entra em vigor a disposição legal que torna obrigatório equipar os automóveis com cintos de segurança.

Assim, todos os automóveis ligeiros, de passageiros e mistos cuja matrícula seja requerida a partir daquela data devem estar providos de cintos de segurança nos lugares do condutor e de cada passageiro do banco da frente do veículo. A instalação desses cintos é igualmente obrigatória em todos os automóveis ligeiros, de passageiros e mistos, matriculados desde 1 de Janeiro de 1966.

Os outros veículos (de matrícula anterior àquela data) não ficam, por enquanto, obrigados ao uso do cinto. Oportunamente, a D. G. T. T. fixará datas escalonadas para imposição obrigatória do cinto. Esta medida tem por fim evitar que se fomente a importação maciça de cintos de segurança.

Os cintos deverão obedecer às normas portuguesas, e conter a indicação da sua aprovação pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres. Os proprietários dos automóveis ligeiros que já estejam providos de cintos que não obedecem às normas portuguesas, não são obrigados a substituí-los até 31 de Maio os submeterem a uma marcação especial da D. G. T. T.

A marcação dos cintos já instalados nos veículos poderá começar a efectuar-se, de acordo com o despacho do Director-Geral de Transportes Terrestres já remetido para publi-

cação no «Diário do Governo», nas Direcções de Viação, nas sedes dos Destacamentos de trânsito da Brigada de Transito da Guarda Nacional Repu-

blicana das capitais de distrito e nos Postos da Guarda Nacional Republicana das cidades de Lisboa e Porto, dentro de breves dias.

Em três linhas

O dr. João de Castro Mendes foi nomeado secretário da Faculdade de Direito de Lisboa para o triénio de 1970-1973.

///

Uma portaria determina que pela exploração dos restaurantes e bases do Aeroporto da Portela seja devida uma taxa mensal calculada

por uma percentagem sobre a receita bruta da exploração a fixar em cada caso pelo ministro das Comunicações.

///

O dr. Erwin Theodor Rosenthal foi contratado como equiparado a professor catedrático com diuturnidade da Faculdade de Letras de Lisboa.

Antigos

combatentes

De 15 a 26 deste mês no cemitério do Alto de S. João, serão trasladados do talhão privativo da Liga dos Combatentes para a respectiva Cripta, os restos mortais (dois por dia) dos antigos combatentes sepultados nos covais 3226 a 3242.

7-01-71 ap

Administrador da Ford Lusitana

Foi nomeado administrador da Ford Lusitana, S.A.R.L., o eng.º Emílio Guilherme Campello de Almeida.



Eng.º Campello de Almeida

Formado em Engenharia Mecânica e Aeronáutica em 1949, pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, o eng.º Campello de Almeida foi admitido na Ford Lusitana em 1956, exercendo as funções de chefe do Serviço de Assistência Técnica e de gerente do Departamento de Tractores e Equipamento Agrícola e Industrial.

Em 1965 desempenhou diversas comissões de serviço nos sectores de venda e estudos de mercado, nos Estados Unidos da América do Norte e no Brasil.

Foi nomeado, em 1966, subdirector europeu de Treino e Demonstrações na Organização de Tractores Ford na Europa, com sede em Bruxelas, onde posteriormente desempenhou cargos de maior responsabilidade, ao nível europeu, no sector de vendas.

Finalmente, em Janeiro de 1969, regressou a Portugal para assumir o cargo de gerente de vendas da Ford Lusitana, que continuará a desempenhar cumulativamente com as suas novas funções de administrador.

o olhar da
inteligência
determina a escolha

Quando se escolhe o local de férias, procura-se encontrar o melhor.
Quando se escolhe um investimento para o capital, por muito pouco que seja, procura-se o mais rentável.
Quando se deseja que essas duas condições sejam perfeitamente satisfeitas, consulta-se a TORRALTA, porque só a TORRALTA proporciona diversas e óptimas opções ao seu capital, no Algarve praia do Alvor ou em Troia, na Ponta do Adoxe.



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

DIÁRIO DE LISBOA

Fizem transcrições do «Diário de Lisboa» ou referência ao nosso jornal os prezados colegas: «Correio dos Açores», de Ponta Delgada; «O Lobito» (Angola); «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Gazeta de Coimbra»; «Voz Portucalense», do Porto; «Brados do Alentejo», de Estremoz; «Mar Alto», da Figueira da Foz; «Notícias de Vizela»; «A Voz de Domingo», de Leiria; «Beira Vouga», de Albergaria-a-Velha; «Gazeta do Centro», de Soure; «Beira Baixa», de Castelo Branco; «O Setubalense» e «Distrito de Setúbal», Jornal do Barreiro; «Actualidades», «Jornal da Costa do Sol», de Cascais; «Jornal do Mar» e «Jornal de Caça e Pesca», de Lis-

SOCIEDADE FILARMÓNICA LUSITANA

ESTREMOZ, 12 — A Sociedade Filarmónica Lusitana, uma das agremiações de Madeira, presidente; João Pais, pois conta 130 anos de existência, acaba de eleger os corpos gerentes para o triénio 1971/73:

Assembleia geral — André Tavares, presidente; Francisco Baptista, vice-presidente; e Graciano Banha, secretário. **Direcção** — Armando Baptista Frederico; Joaquim Barão Maneta, secretário; José Maria Estorninho, tesoureiro; e Armando Grades e Carlos Filipe Pé Curto, vogais.

Conselho Fiscal — Alexandre Maderia, presidente; Joaquim Santos, secretário; e José Bravo, relator.



Assim termina a principal artéria de Algés — numa lixeira...

A Avenida dos Combatentes (principal artéria de Algés) termina numa lixeira...

Entre outros casos insólitos, que se verificam em Algés, um existe que se destaca dos outros: a principal artéria da populosa localidade, a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, termina numa lixeira... Nem mais.

Quem começa a percor-

rer o citado arruamento, do lado da estação, desemboca num «larco», onde se acumulam detritos de toda a ordem. Uma «zona verde», cor das ervas daninhas que por lá, crescem, onde não faltam dois automóveis meio desmantelados, papéis, latas e o mais que é comum encontrar-se

nas lixeiras, mas, como parece lógico, menos comum no fim das avenidas...

Uma falta de cuidado que custa a perceber, esta de o lixo «coexistir» com prédios de habitação, lojas, etc. E depois, os muitos papéis que por lá são deixados. Com o vento, acabam por se espalhar por toda a localidade, que, de lixo, está bem aviada...

Na «zona verde» em causa, por outro lado, erguem-se alguns casebres, que mais contribuem para o aspecto inestético do local, onde brincam crianças, nos espaços (poucos) ainda não cobertos de lixo.

Seria muito difícil urbanizar decentemente toda a extensão da Avenida dos Combatentes, verdadeiro centro comercial de Algés? E, enquanto não surge a condigna urbanização, a que os muitos moradores da localidade julgam ter direito, tornar-se-la tarefa difícil para os serviços competentes a limpeza da área onde, como se disse, costumam brincar crianças?

Em muitos aspectos, Algés aparece como um aglomerado populacional que poucos cuidados tem merecido, o que não parece ser muito justo.

JÁ LÁ ATERROU UM «PIPER CHEROKEE»

LEIRIA VAI TER PARA AVIÃO

LEIRIA, 12 — O ruído e a azáfama das máquinas na remoção de terras e arranque de árvores, numa zona arejada e soalheira, em terrenos parcialmente em pousio debruados de pinheiros e eucaliptos, sete quilómetros a Norte desta cidade (no sítio denominado Falcão, perto de Gândara dos Olivais), despertaram a atenção de muita gente.

Que significa tudo aquilo que ninguém previra? A surpresa seguiu-se o boato e começaram a surgir as mais variadas conjecturas e também as inevitáveis fantasias nos espíritos menos avisados. Em pouco tempo, porém, dissipavam-se as dúvidas e tudo se esclarecia. Trabalhava-se na construção de um aeródromo — dizia-se mais insistentemente. A notícia divulgada, imprecisa no pormenor, atraiu as atenções de muitos curiosos das redondezas. E não havia a menor dúvida, a adivinhação pela configuração e esboço já traçado no próprio terreno, onde as obras prosseguiam em bom ritmo.

O sítio, até há pouco estranho pelo seu isolamento, infestado de mochos e, as noites, raposas e texugos, passou a ser visitado como romaria. O desejo de averiguarmos o que de autêntico se passava levou-nos ao local. E não perdemos o nosso tempo, porque encontramos, sem contarmos com isso, o responsável por aquela iniciativa que gostosamente nos pôs ao corrente dos seus planos.

Trata-se do sr. José Ferreira da Silva Ferrinho, de 33 anos, natural daquela localidade, pessoa por isso bem conhecida da cidade. Exerce a sua actividade em Lisboa, onde reside e se dedica a mediação na compra e venda de terrenos, estabelecido com escritório na Praça da Alegria. É ele que nos confia as suas impressões:

— Como nasceu a ideia da construção deste campo? Eu lhe conto: sou um entusiasta pelos assuntos da aviação e penalizava-me saber que Leiria, ao contrário de muitas cidades, não dispunha de qualquer aeródromo civil. Desde que tirei o

«breve», alimentei a esperança de construir um campo de aviação, não só para meu uso como para facultar aos amigos e aos entusiastas da modalidade de que desejem aproveitá-lo. Embora tivesse encontrado, a princípio, algumas dificuldades quanto à cedência do terreno, que era de três proprietários, consegui a indispensável compreensão para levar por diante os meus intentos. Comprei 32 mil metros quadrados, que me custaram 300 contos, 15 mil dos quais se destinam à pista que, tem 500x30 metros. O restante será utilizado com outras instalações. Hoje mesmo quis experimentar as condições da pista, e embora na sua primeira fase, aterei facilmente.

— A construção do aeródromo já está oficializada? — perguntámos.

— Não fazia sentido que assim não acontecesse. Foi a própria Direcção da Aeronáutica Civil que mandou proceder ao seu estudo e a implantação obedeceu às directrizes rece-



«O terreno custou 300 contos da aviação de»

bidas. Ao contrário do que se afirmou, esta iniciativa encontra-se legalizada e não existem quaisquer objecções quanto à proximidade da Base Aérea N.º 5, de Monte Real, porque está fora da sua área restrita.

Inauguração em Abril

A inauguração está para bre-



Os automóveis abandonados, em vez de irem para sucata, transformam-se em brinquedos...

TROCAS TROCAS TROCAS

O SEU TELEVISOR «VELHO» VALE PARA NÓS
1.500\$00 (NAS VENDAS A PRAZO)

POR TROCA DUM NOVO QUE PODERÁ PAGAR EM

36 SUAVES MENSALIDADES (SEM FIADOR)

AS MELHORES MARCAS:

PHILIPS / NORMEND / TELEFUNKEN / GRUNDIG

M. L. FERREIRA

R. DONA ESTEFANIA, 48-A (Junto ao largo)

A AQUISIÇÃO DE HABITAÇÃO POR BENEFICIÁRIOS DA PREVID

Um nosso leitor, licenciado em Ciências Económicas e Finanças e professor do ensino técnico, escreve-nos a carta que vamos transcrever e cujas judiciosas considerações sobre as consequências do problema resultante da alteração de lei sobre a aquisição de ha-

bitações por beneficiários da Previdência nos parecem do maior e classificador interesse para apreciação das entidades competentes:

«Sr. director — Deu o seu muito conceituado jornal a publicidade cartas de leitores expondo os problemas surgidos com a promulgação do Decreto-Lei n.º 668/70, de 28 de Dezembro último, que veio sujeitar a sisa a aquisição de habitação própria por funcionários públicos e beneficiários da Previdência.

«Não está propriamente em

causa a brusca mudança de orientação do Governo em tal matéria, contradizendo tudo o que até então se vinha proclamando e concretizando em estímulos reais e palpáveis, tais como facilidades de crédito, isenção de sisa e de contribuição predial.

«Não se descortinam as razões de o que até agora era branco passar a ser preto abruptamente, a não ser o arreacar uns centos de contos que serão uma gotícula inexpressiva no orçamento das receitas do Estado, mas representam um sacrifício sensível

BRILHANTES

CAPITAL QUE SE VALORIZA...
E DA SATISFAÇÃO AO USAR

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 255 — LISBOA

EE»

TER UM AERÓDROMO ÕES DE TURISMO

ve, mais breve do que pode-
ria julgar-se.

— Se tudo correr como es-
pero — disse-nos o nosso en-
trevistado — a inauguração
deverá ser no próximo mês de
Abril. Nesse dia o progra-
ma constará de um Festival
Aéreo, com números de aéro-
bacia, e terá a participação de
componentes do Aero-Clube de
Portugal a quem já dirigiu con-
vite. Conto ainda com a pre-
sença do mais antigo «Tiger»
do nosso País, comandado pe-
lo piloto Godinho.

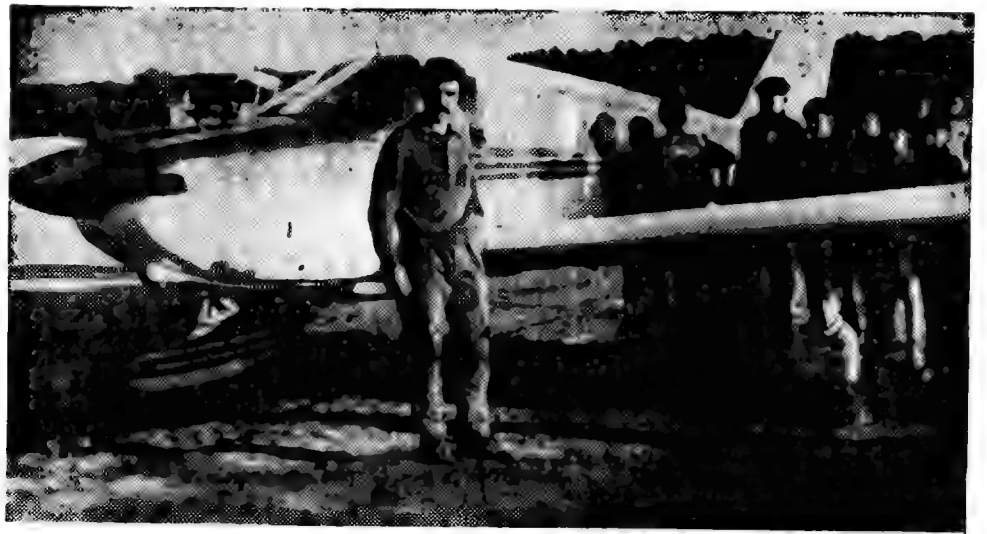
— Com o terreno remanes-
cente tenciona efectuar outras
construções?

— Sim, é meu propósito edi-
ficar hangares, instalações sa-
nitárias e construir um campo
de futebol para a juventude
da nossa terra praticar des-
porto. Não está também afas-
tada a hipótese da construção
de uma estalagem no futuro,
pois estou certo de que o
funcionamento deste campo de
avição, pela sua localização,
virá abrir novas perspectivas

cuja iniciativa muito virá be-
neficiar a região de Leiria e
engrandecer a progressiva po-
pulação de Gândara dos Oli-
vais — graças à acção e ao

bairrismo de um homem que
está a conquistar a admiração
dos seus concidadãos

MANUEL J. PASCOAL



José Ferrinho, o «Piper Cherokee» e um grupo de jovens admiradores da Gândara dos Olivais

Valorize em resistência, economia e conforto o seu transporte comercial,



Com a camioneta

Mercedes-Benz L406 D na linha de 3500 kg de peso bruto

Dentro desta linha pode escolher uma vasta
gama de modelos, que sempre se evidenciam
pela avançada técnica MERCEDES-BENZ:

Camioneta - 1.600 Kg. de carga útil, 3 lugares na cabine,
3,50 m ou 4,42 m de comprimento de caixa.

Furgão - 1.600 Kg de carga útil,
9 m³ de capacidade, 1,75 de altura interior.

Mista - de carga e de passageiros - 5, 7, 9, 13 e 16 lugares.

Autocarro - de 20 ou 24 lugares.

Ambulância - de 2 ou 4 macas.



C. SANTOS S.A.R.L.
Rua Artilharia Um, 104-A e B - Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Oporto
Agentes em todo o País



00 contos», diz-nos o entusiasta
iação de turismo

se ao turismo na nossa região,
numa altura em que se pro-
cura pôr em prática o uso dos
táxis aéreos.

A nossa breve entrevista
chegava ao fim. A presença
ali de um «Piper Cherokee»
C 180 é, já de si, uma pro-
messas dos propósitos a que o
responsável se abalançou e

ÇÕES VIDÊNCIA

de para cada candidato a habita-
ção própria e um benefício
apreciável para um maior nu-
mero de senhorios. Se, por-
ventura, havia fraudes no uso
das facilidades concedidas,

(Continua na 15.ª página)

É sempre prova de cari-
nho dar uma prenda de
gosto às pessoas de ami-
zade.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PENAMACOR — Prédios urbanos e rústicos

LEILÃO

DIA 17, ÀS 15 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Penamacor, nos autos de Carta Precatória emanada da 2.ª Vara Civil de Lisboa e extraída do processo que aqui corre termos pela 2.ª Secção, SERÃO POSTOS EM PRAÇA, NO IMÓVEL INDICADO EM 1.º LUGAR, os seguintes:

— **PRÉDIO URBANO** formado por uma casa, destinada a habitação, com quintal e mais pertenças, com um lagar de azeite, NA RUA DO VALE DA CARAPUÇA, freguesia de Penamacor, a confinar do norte com Dr. Álvaro de Seabra Elvas Leitão, do nascente com Coronel Rebelo, do sul e do poente com rua pública. Está descrito na Conservatória do Registo Predial de Idanha-a-Nova sob o n.º 13.002 e averbamentos, a fls. 131 do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 1341;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por terra, denominada «AREBEIRO», com oliveiras, terra de semeadura, uma pequena casa de mais pertenças, freguesia de Penamacor, que confina do norte com José Carlos Robalo, do nascente com António Rodrigues Centúrio, do sul com António Joaquim da Costa Ribeiro e poente com José Robalo Godinho, sito na Fonte das Feiras. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.986 a fls. 123 do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 2.871;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por uma vinha, com oliveiras, terra de semeadura, NO SÍTIO DA TRAVESSA, freguesia de Penamacor, que confina do norte, nascente e poente com caminho público e do sul com António Robalo. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.989 e averbamentos a fls. 124 verso do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 3.242;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por uma vinha, com oliveiras, terra de semeadura, NO Couto do mesmo nome, com seus moinhos, freguesia de Penamacor, que confina do norte com herdeiros de António Godinho, do sul com herdeiros de D. Bárbara de Vasconcelos e Ponte da Ribeira, do nascente com a Ribeira da Buzigueda e do poente com Dr. Jacinto Cândido. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.997 e averbamentos a fls. 128 verso do Livro B-33 e inscrito 4.417, 4.402 e 4.419. Este prédio é actualmente formado pelos prédios descritos sob os n.ºs 1.407 do Livro B-4 e 11.023 do Livro B-28;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por uma quinta, NO SÍTIO DA FONTE DAS FREIRAS, freguesia de Penamacor, a confinar do norte com caminho público, do sul com herdeiros do Dr. Costa e António da Costa Ribeiro, do nascente com herdeiros de Coronel Moutinho e poente com herdeiros de José Figueiredo. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.991 e averbamentos a fls. 125 verso do Livro B-33 e inscrito na matriz sob os artigos 2.865, 8.866 e 2.868;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por um chão, com oliveiras e terreno para horta, denominado «CHÃO GRANDE», NO SÍTIO DA CAVALEIRA, AOS LINHARES, freguesia de Penamacor, que confina do norte com caminho público e horta de herdeiros de Francisco Pina Fariaz, do nascente com caminho público e horta dos herdeiros de Maria Lopes, do sul com olival de José Vicente Godinho, herdeiros, e do poente com caminho público. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.992 a fls. 126 do Livro B-33 e inscrito na respectiva matriz sob o artigo 827;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por um olival, denominado «OLIVAL DE SANTO CRISTO», freguesia de Penamacor, que confina do norte e do poente com caminho público, do nascente com estrada e Álvaro Robalo e sul com José Fogado Santos e caminho. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.993 e averbamentos a fls. 126 verso do Livro e inscrito na matriz sob o art.º 1.325;

— **PRÉDIO RUSTICO**, formado por uma quinta, denominada «QUINTA DO CRUZEIRO», no Sítio da Senhora do Incenso, fronteira ao Arraial, freguesia de Penamacor, que confina do norte com Estrada Nacional, pelo sul com José da Silva, José Maria Romão e outros, do nascente com D. Narcisca Galhardo e do poente com Estrada Nacional. Tem parte urbana e confina hoje do nascente com Adelino Galhardo. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.994 e averbamentos a fls. 127 do Livro B-33 e inscrito na matriz sob os artigos 1.114 a 1.121, 1.129 a 1.133, 1.138, 1.529 a 1.535, 1.536, 1.537, 2.943 e 5.121, rústicos, e 1.241 urbano;

— **PRÉDIO RUSTICO**, formado por uma terra, com oliveiras, denominado «ESTACAL DO RIBEIRO DA SENHORA», no Sítio do mesmo nome, freguesia de Penamacor, que confina do norte com D. Narcisca Galhardo, do sul e do poente com José Robalo Godinho e do nascente com Ribeiro. Passa por ele o caminho. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.995 a fls. 127 verso do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 1.100;

— **PRÉDIO RUSTICO**, formado por um Couto, no SÍTIO DO VALE DE FREIXO, freguesia de Penamacor, que confina do norte com José Maria Romão e do poente com Coutado do Visconde do Sardoal. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.996 e averbamentos a fls. 128 do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 1.035;

— **PRÉDIO RUSTICO**, formado por uma horta, denominada da «CAVALEIRA», NO SÍTIO DOS LINHARES, freguesia de Penamacor, que confina do norte, do nascente e do poente com viúva de António da Costa e do sul com herdeiros de José da Silva Leitão. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 12.998 e averbamento a fls. 129 do Livro B-33 e inscrito na matriz sob o art.º 818;

— **PRÉDIO URBANO** formado por uma casa de altos e baixos, com quintal, destinada a habitação, tendo nas lojas uma padaria com forno anexo, NA RUA DE SÃO JOÃO, EM PENAMACOR, a confinar do norte e do sul com a rua referida, do nascente com Alberto de Matos e do poente com Emília dos Anjos. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 13.598 e averbamentos a fls. 34 do Livro B-35 e inscrito na matriz sob o art.º 212 (artigo 183);

— **PRÉDIO URBANO**, formado por uma casa de altos e baixos, destinada a pensão, NA RUA DO PINA, FREGUESIA DE PENAMACOR, a confinar do norte e do nascente com Dr. Álvaro de Seabra Elvas Leitão, do sul com rua pública e do poente com José Caiado Valente. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 13.599 a fls. 34 verso do Livro B-35 e inscrito na matriz sob o art.º 682 (artigo 501);

— **PRÉDIO RUSTICO** formado de terra de cultura de cereais, com sobreiros e uma casa térrea, NO SÍTIO DO AREBEIRO, freguesia de Penamacor, que confina do norte e do nascente com Estrada Nacional, do sul com caminho público e do poente com D. Maria Augusta Henriques Pinto e irmãos. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 16.213 a fls. 160 verso do Livro B-41 e inscrito na matriz sob o art.º 1.434;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado por uma terra de cultura de cereais com sobreiros, NO SÍTIO DO AREBEIRO, freguesia de Penamacor, a confinar do norte com herdeiros de Joaquim de Sá e outros, do sul e do nascente com Estrada Nacional e do poente com herdeiros de D. Benedita Osório. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 16.214 a fls. 161 verso do Livro B-41 e inscrito na matriz sob o art.º 1.435;

— **PRÉDIO RUSTICO**, formado de terra de cultura de cereais, povoada de mata de pinhos e castanheiros, NO SÍTIO DA SERRA DA FORÇA, freguesia de Penamacor, a confinar do norte e do nascente com Câmara Municipal, do sul com Joaquim Marques e outros e do poente com herdeiros de António Manuel Proença Prazeres. Está descrito na mesma Conservatória sob o número 16.931 a fls. 124 do Livro B-43 e inscrito na matriz sob o art.º 1.379;

— **PRÉDIO RUSTICO** formado de terra povoada de mata de pinhos e castanheiros, NO SÍTIO DA SERRA DA FORÇA, freguesia de Penamacor, que confina do norte com caminho público, do sul com Câmara Municipal, do nascente com a mesma Câmara e do poente com herdeiros de José Pereira de Macedo e Joaquim Silva. Está descrito na mesma Conservatória sob o n.º 16.932 a fls. 124 verso do Livro B-43 e inscrito na matriz sob o art.º 1.386.

BENS MÓVEIS

— Alvará de laboração de lagar de azeite, instalado no prédio urbano sito na Rua Vale da Carapuça, da vila de Penamacor, descrito na respectiva Conservatória sob o n.º 13.002, e seus maquinismos, um motor eléctrico «Chasleroy» de 15 cavalos vapor, duas moendas em ferro, três prensas hidráulicas, três jogos de cinchos, seis tarefas, carros e caméis, um calorífero, bancada, veios e tambores de engrenagem, correias, um tubo hidráulico e diversos utensílios, bateria, 1 centrifugador com motor eléctrico.

A LEILOEIRA, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 23-1.º — LISBOA — TELEF. 4 59 34 - 4 62 59

TRINTA HORAS PARA ENSINAR A «TOMADA DE DECISÕES EM GRUPO»

Sobre o tema «A tomada de decisões em grupo» vai realizar-se na Associação Industrial Portuguesa, de 22 a 26 do corrente, um curso organizado pela sua Comissão de Produtividade (COPRAI) e animado pelo monitor dr Correia Vicente.

Este curso, com a duração de 30 horas, tem como objectivo o aperfeiçoamento dos dirigentes e quadros superiores na utilização das técnicas psicossociológicas da tomada de decisões em grupo, com vista a obter um au-

mento de eficácia no exercício das funções que desempenham.

Para atingir os objectivos a três assinalados, usa-se a metodologia moderna de a informação teórica sistemática sobre noções dominantes de dinâmica de grupos — em particular da tomada de decisões — ser sempre seguida, ou precedida, de experiências de aplicação desenvolvidas pelos próprios participantes. O tempo dedicado à participação destes será superior ao dedicado à infor-

mação teórica, com vista a realizar um seminário de experiências «vivas».

O programa consta dos seguintes capítulos a desenvolver pelo monitor: introdução; noções psicossociológicas fundamentais; condução de reuniões e participação; introdução à teoria de decisões, em grupo; a metodologia da «Preparação do Problema», da «Apresentação do Problema», da «Discussão do Problema» e da «Resolução do Problema»; métodos e objectivos.

Dizem que os gatos vêm muito bem, mesmo às escuras. Todos sabem, também, que os gatos são bons amigos do homem. No entanto, os guias dos cegos são sempre cães. Bubbles, porém, é gato e o seu dono está muito contente com ele. «Se me perco ou se há algum perigo, sei que ele me levará para casa, são e salvo» — diz o sr. Jim Cornish



«A AQUISIÇÃO DE HABITAÇÕES POR BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA»

Sobre o momentoso problema da aquisição de habitação por beneficiários da Previdência, que é uma das grandes preocupações e interesses dos interessados e sobre o qual se têm manifestado, através do «Diário de Lisboa», inúmeros leitores acerca das novas disposições legais condicionando o assunto, de interesse colectivo, escreve-nos o sr. Luís Amílcar de Almeida, a seguinte carta com o testemunho de mais um caso a ponderar:

«A propósito dos artigos publicados no vosso conceituado jornal em 27 de Fevereiro e 4 de Março, sob o título «A aquisição de habitação por beneficiários da Previdência», eu venho não só dar todo o meu apoio às sugestões apresentadas, como ainda apresentar o meu próprio caso que é

dos mais flagrantes:

«1. — Sinalizei a compra de um andar em 20 de Agosto de 1970»

«2. — Pedi um empréstimo à C. G. D. em 22 do mesmo mês;

«3. — Fiz os registos na Conservatória e entreguei todos os documentos necessários para poder ser feita a escritura em 24 de Novembro e 10 de Dezembro;

«4. — Em 15 de Dezembro foi enviado o processo para o notário privativo da C. G. D. para ser feita a escritura;

«5. — O notário, por ofício de 22 de Dezembro, marcou a escritura para 6 de Janeiro. Ao fazer a aquisição do meu andar, eu tive em conta a isenção da sisa e da contribuição predial durante 15 anos, e como é natural, fui até ao limite das minhas pos-

sibilidades económicas, pois apliquei todas as minhas economias presentes e até as futuras, as quais ficaram comprometidas com as amortizações a fazer na C. G. D.

«A minha situação é, por tanto, angustiante, e como o tempo passa sem se dar solução ao caso, terei necessidade de recorrer a empréstimos particulares para pagar a sisa, visto que me encontro na contingência de perder não só o sinal que entreguei ao vendedor como ainda todas as despesas já feitas.

«Quanto aos limites agora estabelecidos para isenção, parece-me que eles são descorajantes para a maioria das pessoas, e que, como consequência, o problema habitacional terá tendência a agravar-se».

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rua da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Colaço, Rua da Constituição, Praça da República e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria da Rua do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 18 horas.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

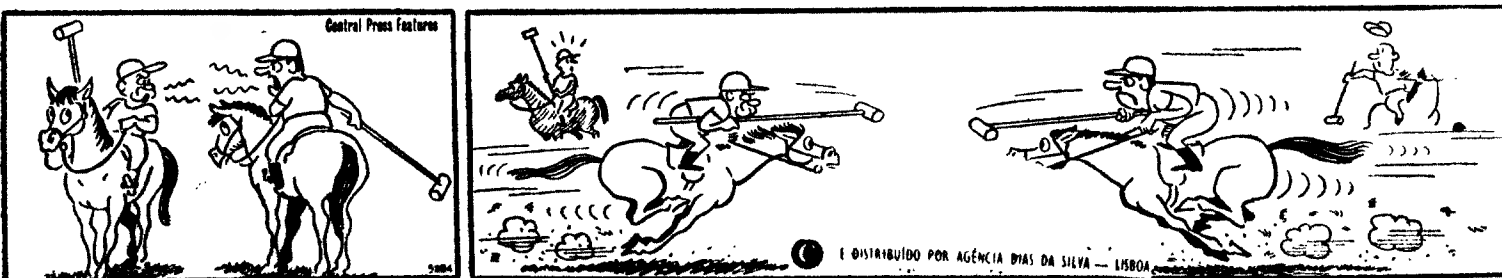
Para a sua deslocação, utilize os transportes colectivos.



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Março de 1941 publicava:

«Camilo nasceu em Março. E este mês de incerto caminhar, dias de claro sol, alternando com temporais violentos, é bem a imagem do seu génio atormentado, tão apto a fruir as delícias da vida e tão pronto a sofrer e a prantejar os infortúnios e as crueldades do destino. A sorte foi-lhe adversa, mas a glória sorriu ao escritor.

«Tantos anos passados depois da morte de Camilo dão talvez direito a esquecer as de gradações e os desvarios, por demais lembrados, do homem, e a só lembrar os êxitos e o trabalho heróico do romancista e do crítico. Estas foram excepcionais e nimbam a sua figura, a sua presença imortal duma auréola cuja luz esconde muitos traços aflitivos e, vamos lá, apocínticos que certos dos seus evocadores preferem.»

JOÃO ARROS

MILITAR FALECIDO NA GUINÉ

BISSAU, 11 — (A. N. I.) — Na Guiné, faleceu por doença o primeiro-sargento Francisco Mendes Sordo, natural de Idanha-a-Nova, filho de José Mendes Sordo e de Maria Antunes.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

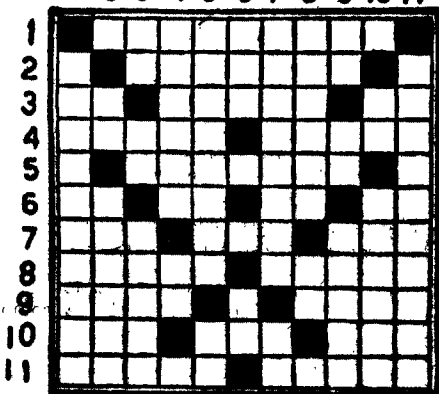
PROBLEMA N.º 5830

HORIZONTAIS: 1 — Destampado. 2 — Soltara. 3 — Célio (s. q.). 4 — Courela. 5 — Artigo definido. 6 — Freguesia do concelho de Lousada. 7 — Divindade das florestas. 8 — Torno tépido. 9 — Um das doze tribos de Israel. 10 — Antes de Cristo. 11 — Paro. 12 — Azáfama. 13 — Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 14 — Preciosos. 15 — Ri sem ruído. 16 — Esposa de D. Pedro I. 17 — Remos para trás. 18 — Rio da Suíça. 19 — Possui. 20 — Pronome pessoal. 21 — Davo mios. 22 — Sorte.

VERTICAIS: 1 — Despertariam. 2 — Erbio (s. q.). 3 — Temperar. 4 — Artigo definido (ant). 5 — Filha de Jacob. 6 — Afia. 7 — O mesmo que salama (ant). 8 — Osmio (s. q.). 9 — Sementes do tremoceiro. 10 — Basta. 11 — Procedi. 12 — Neon. (s. q.). 13 — Semelhantes. 14 — Ruim. 15 — Rio de Espanha afluente do Ebro. 16 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 17 — Oferece. 18 — Segundo. 19 — Lago do estado do Amazonas (Brasil). 20 — Abreviatura que se usa em música. 21 — Travessais. 22 — Partido dos isobetas.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5829

HORIZONTAIS: 1 — Co. Orçar. 2 — Ant. 3 — Bul. 4 — Sara. 5 — O. Anja. 6 — Reamungar. 7 — Mãe. 8 — Ain. 9 — USO. 10 — Ser. 11 — Marat. 12 — Da. 13 — Ao. 14 — Trão. 15 — Or. 16 — Prisão. 17 — Ant. 18 — Rita. 19 — Mãe. 20 — FAZ. 21 — Sós.

VERTICAIS: 1 — Cás. 2 — Rumoriam. 3 — Oar. 4 — São. 5 — Ta. 6 — Tremar. 7 — Pó. 8 — O. Ago. 9 — Atrá. 10 — Ra. 11 — MESTRE. 12 — Cio. 13 — Isca. 14 — Ao. 15 — Nardos. 16 — Agt. 17 — Aear. 18 — Branhi. 19 — Os. 20 — Puk. 21 — Aio. 22 — Tá. 23 — Ala. 24 — Icaros.

Provérbio: O USO FAZ O MESTRE.

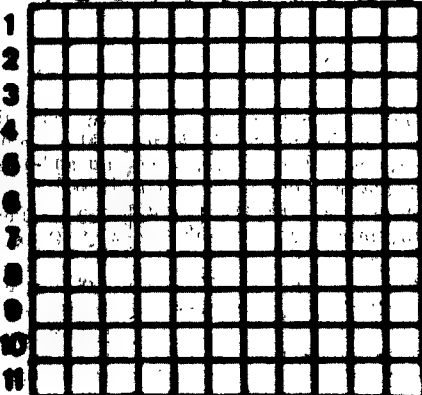
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9673

HORIZONTAIS: 1 — Posseção portuguesa no Asia. Estimava. 2 — Prefixo que designa ar. Em as. Rio de Portugal. 3 — Saltitantes. 4 — Poeta entre os Gregos. Sala onde se lecciona. 5 — Gorgulho tropical. 6 — Recusa. 7 — Nota musical. 8 — Junta. 9 — Antes de Cristo. 10 — Prendia com eles. 11 — O mesmo que encara. 12 — Invulgar. Nome de homem. 13 — Realiza. 14 — Desabrochem (a flor). 15 — O mesmo que namoradora.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Castelo Branco. 2 — Ilha francesa do oceano Atlântico, na foz do rio Carântano. 3 — Que é do ar. 4 — Outil. 5 — Merecedor. 6 — Lavrem. 7 — Colocar. 8 — Aventura. 9 — Liquei. 10 — Ina. (fig) Atmosfera. 11 — Nome de mulher. 12 — Nesse lugar. 13 — Paga. 14 — Espécie de gibão. 15 — Proposição latina que designa movimento. 16 — Embarcação grande. 17 — Gaste. 18 — Superioridade. 19 — Descerrei. 20 — Beco. 21 — Limpar metais. 22 — Queima. 23 — Tranquiliza.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9672

HORIZONTAIS: 1 — Dona. 2 — Domé. 3 — R. Salmatras. 4 — AAA. 5 — Recatos. 6 — Giral. 7 — Onto. 8 — Auraz. 9 — Mn. 10 — Ag. 11 — Ia. 12 — Am. 13 — Berda. 14 — Brad. 15 — leare. 16 — Aroetna. 17 — Lar. 18 — Carfé. 19 — Cé. 20 — Afos. 21 — São.

VERTICAIS: 1 — Braga. 2 — Amaro. 3 — Sov. 4 — Ma. 5 — Ar. 6 — Dané. 7 — Os. 8 — Aoi. 9 — Me. 10 — Na. 11 — Ar. 12 — Arne. 13 — Rio. 14 — Avém. 15 — Biani. 16 — Dia. 17 — Nias. 18 — Or. 19 — Orto. 20 — Anal. 21 — Maomé. 22 — Diac. 23 — Osos. 24 — Aarbo.

A aquisição de habitações por beneficiários da Previdência

(Continuação da pág. central) determinassem-se as medidas para as evitar e punir, mas não a solução radical agora adoptada.

«E então quando tal solução não ressalva as operações já inequivocamente em curso, faltando-lhe a mera formalidade da escritura definitiva, então deixa de ser um caso de simples mudança de orientação política para se situar no campo da moral e da justiça. «Ora, é nos próprios termos constitucionais que o Estado

se reconhece, no exercício da sua soberania, ter como limites, na ordem interna, a moral e o direito (art. 4.º da Constituição), dispondo-se ainda no n.º 1 do art. 6.º que incumbe ao Estado «fazer respeitar os direitos e garantias impostas pela moral, pela justiça ou pela lei».

«Assim, quem, em pleno vigor da lei anterior, iniciou uma operação de aquisição de habitação própria, dando sinal ou tendo pago parte ou a totalidade do preço, e solici-

tando junto de entidade oficial a concessão de empréstimo, fê-lo ao abrigo do direito e garantia da isenção da sise e da contribuição predial e é o próprio Estado, que deles devia ser garante, que vem desrespeitar tais direitos e garantias.

«Solicita-se, deste modo, e espera-se confiantemente que sejam tomadas medidas para evitar tão grave injustiça, medidas aliás coerentes com o espírito de um Estado social realmente actuante.»



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS

SAÍDAS

PORTOS DE DESTINO

«Leixões» *

17 de Março

CARREGA EM LISBOA ATÉ 14 DE MARÇO. Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.

«Novo Redondo» *

28 de Março

Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçâmbique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).

«P. Perfeito»

26 de Março

Luanda e Lobito.

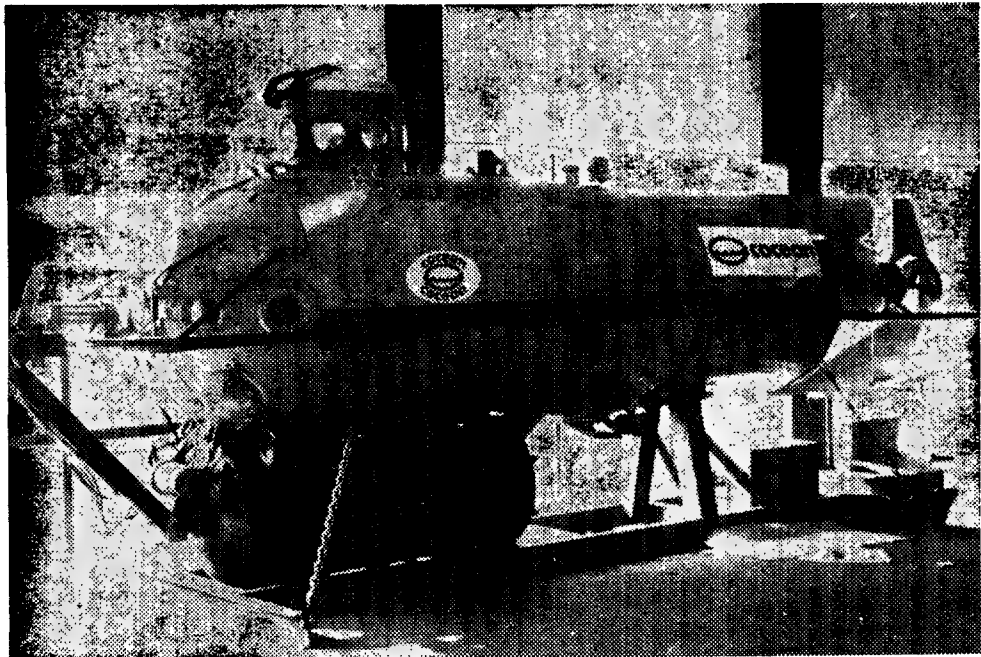
Agência de Carga Aérea

DIARIAMENTE

PARA TODO O MUNDO

* Com escala prévia por Leixões

SEDE: R. DO COMÉRCIO, 81. TEL. 12.001. SERVIÇO DE PASSAGENS: 12.004. 12.005. 12.006. 12.007. 12.008. 12.009. 12.010. 12.011. 12.012. 12.013. 12.014. 12.015. 12.016. 12.017. 12.018. 12.019. 12.020. 12.021. 12.022. 12.023. 12.024. 12.025. 12.026. 12.027. 12.028. 12.029. 12.030. 12.031. 12.032. 12.033. 12.034. 12.035. 12.036. 12.037. 12.038. 12.039. 12.040. 12.041. 12.042. 12.043. 12.044. 12.045. 12.046. 12.047. 12.048. 12.049. 12.050. 12.051. 12.052. 12.053. 12.054. 12.055. 12.056. 12.057. 12.058. 12.059. 12.060. 12.061. 12.062. 12.063. 12.064. 12.065. 12.066. 12.067. 12.068. 12.069. 12.070. 12.071. 12.072. 12.073. 12.074. 12.075. 12.076. 12.077. 12.078. 12.079. 12.080. 12.081. 12.082. 12.083. 12.084. 12.085. 12.086. 12.087. 12.088. 12.089. 12.090. 12.091. 12.092. 12.093. 12.094. 12.095. 12.096. 12.097. 12.098. 12.099. 12.100. 12.101. 12.102. 12.103. 12.104. 12.105. 12.106. 12.107. 12.108. 12.109. 12.110. 12.111. 12.112. 12.113. 12.114. 12.115. 12.116. 12.117. 12.118. 12.119. 12.120. 12.121. 12.122. 12.123. 12.124. 12.125. 12.126. 12.127. 12.128. 12.129. 12.130. 12.131. 12.132. 12.133. 12.134. 12.135. 12.136. 12.137. 12.138. 12.139. 12.140. 12.141. 12.142. 12.143. 12.144. 12.145. 12.146. 12.147. 12.148. 12.149. 12.150. 12.151. 12.152. 12.153. 12.154. 12.155. 12.156. 12.157. 12.158. 12.159. 12.160. 12.161. 12.162. 12.163. 12.164. 12.165. 12.166. 12.167. 12.168. 12.169. 12.170. 12.171. 12.172. 12.173. 12.174. 12.175. 12.176. 12.177. 12.178. 12.179. 12.180. 12.181. 12.182. 12.183. 12.184. 12.185. 12.186. 12.187. 12.188. 12.189. 12.190. 12.191. 12.192. 12.193. 12.194. 12.195. 12.196. 12.197. 12.198. 12.199. 12.200. 12.201. 12.202. 12.203. 12.204. 12.205. 12.206. 12.207. 12.208. 12.209. 12.210. 12.211. 12.212. 12.213. 12.214. 12.215. 12.216. 12.217. 12.218. 12.219. 12.220. 12.221. 12.222. 12.223. 12.224. 12.225. 12.226. 12.227. 12.228. 12.229. 12.230. 12.231. 12.232. 12.233. 12.234. 12.235. 12.236. 12.237. 12.238. 12.239. 12.240. 12.241. 12.242. 12.243. 12.244. 12.245. 12.246. 12.247. 12.248. 12.249. 12.250. 12.251. 12.252. 12.253. 12.254. 12.255. 12.256. 12.257. 12.258. 12.259. 12.260. 12.261. 12.262. 12.263. 12.264. 12.265. 12.266. 12.267. 12.268. 12.269. 12.270. 12.271. 12.272. 12.273. 12.274. 12.275. 12.276. 12.277. 12.278. 12.279. 12.280. 12.281. 12.282. 12.283. 12.284. 12.285. 12.286. 12.287. 12.288. 12.289. 12.290. 12.291. 12.292. 12.293. 12.294. 12.295. 12.296. 12.297. 12.298. 12.299. 12.300. 12.301. 12.302. 12.303. 12.304. 12.305. 12.306. 12.307. 12.308. 12.309. 12.310. 12.311. 12.312. 12.313. 12.314. 12.315. 12.316. 12.317. 12.318. 12.319. 12.320. 12.321. 12.322. 12.323. 12.324. 12.325. 12.326. 12.327. 12.328. 12.329. 12.330. 12.331. 12.332. 12.333. 12.334. 12.335. 12.336. 12.337. 12.338. 12.339. 12.340. 12.341. 12.342. 12.343. 12.344. 12.345. 12.346. 12.347. 12.348. 12.349. 12.350. 12.351. 12.352. 12.353. 12.354. 12.355. 12.356. 12.357. 12.358. 12.359. 12.360. 12.361. 12.362. 12.363. 12.364. 12.365. 12.366. 12.367. 12.368. 12.369. 12.370. 12.371. 12.372. 12.373. 12.374. 12.375. 12.376. 12.377. 12.378. 12.379. 12.380. 12.381. 12.382. 12.383. 12.384. 12.385. 12.386. 12.387. 12.388. 12.389. 12.390. 12.391. 12.392. 12.393. 12.394. 12.395. 12.396. 12.397. 12.398. 12.399. 12.400. 12.401. 12.402. 12.403. 12.404. 12.405. 12.406. 12.407. 12.408. 12.409. 12.410. 12.411. 12.412. 12.413. 12.414. 12.415. 12.416. 12.417. 12.418. 12.419. 12.420. 12.421. 12.422. 12.423. 12.424. 12.425. 12.426. 12.427. 12.428. 12.429. 12.430. 12.431. 12.432. 12.433. 12.434. 12.435. 12.436. 12.437. 12.438. 12.439. 12.440. 12.441. 12.442. 12.443. 12.444. 12.445. 12.446. 12.447. 12.448. 12.449. 12.450. 12.451. 12.452. 12.453. 12.454. 12.455. 12.456. 12.457. 12.458. 12.459. 12.460. 12.461. 12.462. 12.463. 12.464. 12.465. 12.466. 12.467. 12.468. 12.469. 12.470. 12.471. 12.472. 12.473. 12.474. 12.475. 12.476. 12.477. 12.478. 12.479. 12.480. 12.481. 12.482. 12.483. 12.484. 12.485. 12.486. 12.487. 12.488. 12.489. 12.490. 12.491. 12.492. 12.493. 12.494. 12.495. 12.496. 12.497. 12.498. 12.499. 12.500. 12.501. 12.502. 12.503. 12.504. 12.505. 12.506. 12.507. 12.508. 12.509. 12.510. 12.511. 12.512. 12.513. 12.514. 12.515. 12.516. 12.517. 12.518. 12.519. 12.520. 12.521. 12.522. 12.523. 12.524. 12.525. 12.526. 12.527. 12.528. 12.529. 12.530. 12.531. 12.532. 12.533. 12.534. 12.535. 12.536. 12.537. 12.538. 12.539. 12.540. 12.541. 12.542. 12.543. 12.544. 12.545. 12.546. 12.547. 12.548. 12.549. 12.550. 12.551. 12.552. 12.553. 12.554. 12.555. 12.556. 12.557. 12.558. 12.559. 12.560. 12.561. 12.562. 12.563. 12.564. 12.565. 12.566. 12.567. 12.568. 12.569. 12.570. 12.571. 12.572. 12.573. 12.574. 12.575. 12.576. 12.577. 12.578. 12.579. 12.580. 12.581. 12.582. 12.583. 12.584. 12.585. 12.586. 12.587. 12.588. 12.589. 12.590. 12.591. 12.592. 12.593. 12.594. 12.595. 12.596. 12.597. 12.598. 12.599. 12.600. 12.601. 12.602. 12.603. 12.604. 12.605. 12.606. 12.607. 12.608. 12.609. 12.610. 12.611. 12.612. 12.613. 12.614. 12.615. 12.616. 12.617. 12.618. 12.619. 12.620. 12.621. 12.622. 12.623. 12.624. 12.625. 12.626. 12.627. 12.628. 12.629. 12.630. 12.631. 12.632. 12.633. 12.634. 12.635. 12.636. 12.637. 12.638. 12.639. 12.640. 12.641. 12.642. 12.643. 12.644. 12.645. 12.646. 12.647. 12.648. 12.649. 12.650. 12.651. 12.652. 12.653. 12.654. 12.655. 12.656. 12.657. 12.658. 12.659. 12.660. 12.661. 12.662. 12.663. 12.664. 12.665. 12.666. 12.667. 12.668. 12.669. 12.670. 12.671. 12.672. 12.673. 12.674. 12.675. 12.676. 12.677. 12.678. 12.679. 12.680. 12.681. 12.682. 12.683. 12.684. 12.685. 12.686. 12.687. 12.688. 12.689. 12.690. 12.691. 12.692. 12.693. 12.694. 12.695. 12.696. 12.697. 12.698. 12.699. 12.700. 12.701. 12.702. 12.703. 12.704. 12.705. 12.706. 12.707. 12.708. 12.709. 12.710. 12.711. 12.712. 12.713. 12.714. 12.715. 12.716. 12.717. 12.718. 12.719. 12.720. 12.721. 12.722. 12.723. 12.724. 12.725. 12.726. 12.727. 12.728. 12.729. 12.730. 12.731. 12.732. 12.733. 12.734. 12.735. 12.736. 12.737. 12.738. 12.739. 12.740. 12.741. 12.742. 12.743. 12.744. 12.745. 12.746. 12.747. 12.748. 12.749. 12.750. 12.751. 12.752. 12.753. 12.754. 12.755. 12.756. 12.757. 12.758. 12.759. 12.760. 12.761. 12.762. 12.763. 12.764. 12.765. 12.766. 12.767. 12.768. 12.769. 12.770. 12.771. 12.772. 12.773. 12.774. 12.775. 12.776. 12.777. 12.778. 12.779. 12.780. 12.781. 12.782. 12.783. 12.784. 12.785. 12.786. 12.787. 12.788. 12.789. 12.790. 12.791. 12.792. 12.793. 12.794. 12.795. 12.796. 12.797. 12.798. 12.799. 12.800. 12.801. 12.802. 12.803. 12.804. 12.805. 12.806. 12.807. 12.808. 12.809. 12.810. 12.811. 12.812. 12.813. 12.814. 12.815. 12.816. 12.817. 12.818. 12.819. 12.820. 12.821. 12.822. 12.823. 12.824. 12.825. 12.826. 12.827. 12.828. 12.829. 12.830. 12.831. 12.832. 12.833. 12.834. 12.835. 12.836. 12.837. 12.838. 12.839. 12.840. 12.841. 12.842. 12.843. 12.844. 12.845. 12.846. 12.847. 12.848. 12.849. 12.850. 12.851. 12.852. 12.853. 12.854. 12.855. 12.856. 12.857. 12.858. 12.859. 12.860. 12.861. 12.862. 12.863. 12.864. 12.865. 12.866. 12.867. 12.868. 12.869. 12.870. 12.871. 12.872. 12.873. 12.874. 12.875. 12.876. 12.877. 12.878. 12.879. 12.880. 12.881. 12.882. 12.883. 12.884. 12.885. 12.886. 12.887. 12.888. 12.889. 12.890. 12.891. 12.892. 12.893. 12.894. 12.895. 12.896. 12.897. 12.898. 12.899. 12.900. 12.901. 12.902. 12.903. 12.904. 12.905. 12.906. 12.907. 12.908. 12.909. 12.910. 12.911. 12.912. 12.913. 12.914. 12.915. 12.916. 12.917. 12.918. 12.919. 12.920. 12.921. 12.922. 12.923. 12.924. 12.925. 12.926. 12.927. 12.928. 12.929. 12.930. 12.931. 12.932. 12.933. 12.934. 12.935. 12.936. 12.937. 12.938. 12.939. 12.940. 12.941. 12.942. 12.943. 12.944. 12.945. 12.946. 12.947. 12.948. 12.949. 12.950. 12.951. 12.952. 12.953. 12.954. 12.955. 12.956. 12.957. 12.958. 12.959. 12.960. 12.961. 12.962. 12.963



UM MILHAR DE ESPECIALISTAS oceanográficos reuniu-se em Bordéus, no âmbito da «Oceanexpo-71», para confrontar ideias e programas de estudos sobre o mar. NA FOTO o submarino de exploração marítima «U. S. Treasury» que foi apresentado, pela primeira vez na Europa, na exposição de material oceanográfico

Actualidade internacional

EXPECTATIVA NA INGLATERRA QUANTO ÀS INTENÇÕES DO MOVIMENTO OPERÁRIO

LONDRES — As relações dos tra-recente, as uniões (sindicatos) estão balhistas em Inglaterra tornaram-se frente a um Governo intransigente. tão turbulentas, que as pessoas ten-No passado, as autoridades, ainda dem a olhar para eles como se de umque rígidas, tentaram viver sempre Monte Everest se tratasse, numa ati-pacificamente com as uniões. Porém, tude de positivo temor. neste momento, as duas partes não Pela primeira vez, num passadopodem sequer falar uma com a outra.

Por

ALFRED FRIENDLY

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

São duas as razões de tal procedimento: o preço da política do Governo e a característica das relações dos trabalhadores. As uniões, por seu turno, combatem aquilo que podem e acomodam-se áquilo que não podem combater.

As uniões querem combater a firme determinação do Governo de manter o aumento dos salários este ano em 10 por cento. O movimento de greve atingiu 50 mil trabalhadores da Ford, 200 mil empregados dos correios, mais 50 mil empregados dos transportes, 280 mil ferroviários, 343 mil professores. Entre tanto grande numero de outros grupos prepara-se também para paralisar.

No ano passado, os salários aumentaram 14 por cento. O Governo é o pagador no sector publico, mas recusa-se a organizar um sistema de «controlo» dos salários para outras empresas que não sejam nacionalizadas, limitando-se a exercer pressão sobre as indústrias privadas para que façam o mesmo.

Talvez este sistema venha a resultar, mas o que é certo é que, no ano passado, se perderam qualquer coisa como 11 milhões de dias de trabalho entre todos os grevistas, ou seja, duas vezes mais que em 1969, que já foi um ano de greves importantes. O congresso das uniões prevê mais dias perdidos em greves, nos primeiros meses deste ano, do que durante todo o ano passado. Se a nação conseguir resolver o problema dos salários, defrontar-se-á então com outro problema: o das relações dos trabalhadores, que estão, neste momento, a fazer a sua passagem tradicional pelo Parlamento.

Voltar à lei da selva?

Por sua vez, as duas maiores uniões britânicas, a dos trabalhadores e engenheiros dos transportes, contando com cerca de três milhões de membros, bem como outras organizações menores, parecem estar a preparar greves de protesto. Contudo os prejuízos monetários que advêm destas greves, nada são comparados com aquilo que poderia acontecer se as uniões deixassem de obedecer a lei.

A legislação — o primeiro trabalho compreensivo dos trabalhadores na História da Inglaterra — não aparece, em relação áquilo que se costuma considerar normal, nem muito restritiva nem muito punitiva.

A direcção da TUC aprovou, há pouco, uma recomendação aos seus membros para que não aceitassem registar-se nos termos da nova lei, nem entrar para as associações trabalhistas.

Caso se envolvere por este caminho, ela equivale a decisão deliberada de voltar à lei da selva.

De acordo com a nova legislação, apenas uma união registada pode gozar de pro-

tecção da lei para se organizar, ser reconhecida, entrar nos contratos de trabalho e entrar em greve, por motivos considerados legítimos. Se a união não estiver registada, não será ilegal, mas não possuirá direitos legais e será sujeita a processos por actos anti-trusts.

Previsões arriscadas

Depois da nova lei ser publicada, uma entidade patronal pode levantar um processo contra uma união não registada e exigir-lhe indemnizações, que poderão esgotar por completo os cofres da tesouraria, por qualquer actividade normal, como a greve, cujo direito apenas é concedido às uniões registadas.

Ao optar pelo não registo ao escolher o caminho da não cooperação, as uniões depositarão todo o seu poder na força dos seus membros, confiando nesta para executar os seus contratos ilegais e iniciando greves quando isso for necessário, pensando que as entidades patronais não serão capazes de lhes instaurar os tais processos.

É difícil de acreditar que as uniões enveredem por este caminho. O Governo e muitos outros observadores pensam que o presente estado de coisas corresponde aquilo que se poderia prever. De futuro tudo poderá voltar à normalidade; as uniões abandonarão o caminho que agora pretendem tomar em favor da cooperação, dadas as enormes vantagens que a nova lei concede.

Mas tais previsões são arriscadas. Dada a sua atitude tão inflamada, e o poder de algumas das maiores uniões, o trabalhismo na Inglaterra pode ser capaz de incriveis destruições.

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar
Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c, esq. (ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39
VENDA AO PÚBLICO

EXCURSÃO DA C. P. «FALLAS DE VALÉNCIA»

A C. P. vai organizar em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão á «Fallas de Valência» com partida de Lisboa (Santa Apolónia) no dia 15 de Março, no comboio «Lusitânia-Expresso» até Madrid, e regresso desta cidade no dia 22, com destino a Lisboa, no comboio Lisboa-Expresso «TER».

Desta excursão faz ainda parte um percurso turístico rodoviário entre Madrid e Valência.

Preço por pessoa 2350\$00
Para melhor elucidação peça programas descritivos:

- Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);
- Na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124;
- Nas Agências de Viagens autorizadas;
- Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

XXII Volta a Portugal em automóvel

FIAT
128

Vencedor absoluto da classe até 1300 cc (turismo especial)

2.º em grupo II

Conduzido pela equipa Luís Netto-Jocames



Seguro contra «chumbos»

SYDNEY, 12 — (R.) — Mediante um prémio de 12 dólares (cerca de 300 escudos), os estudantes da Universidade da Nova Gales do Sul podem fazer um seguro contra «chumbos» nos exames. Este seguro dá-lhes direito ao custo das despesas da nova frequência.

Porém, o seguro só é válido no caso do chumbo ser motivado por acidente ou doença, estando ainda a ser estudado o caso das reprovações por motivos psicológicos.



A LEGIÃO DE HONRA PARA «HITCH» — Henri Langlois, secretário-geral da Cinematheque Francesa, entregando ao realizador Alfred Hitchcock as insígnias de cavaleiro da Legião de Honra com que o Governo de Pompidou o agraciou

BING CROSBY QUER RESGATAR OS PRISIONEIRO DE GUERRA

BEVERLY HILLS (CALIFÓRNIA), 12 — (F.P.) — Bing Crosby e mais cinco americanos ricos estão prontos a pagar ao Vietnam do Norte um resgate em dinheiro ou em géneros, contra a libertação dos prisioneiros

americanos em poder de Hanói.

Assim, formaram o grupo «Missão de Libertação dos Prisioneiros de Guerra», que tem como porta-voz John Fairfax um empreiteiro de San Francisco, retirado dos

negócios, que teve já este mês em Vientiane conversas com diplomatas norte-vietnamitas.

Larry Crosby, irmão do cantor, disse à imprensa que aqueles diplomatas não fizeram qualquer proposta.

No caso de Hanói recusar, o grupo propõe o internamento dos prisioneiros num país neutral. Segundo comunicou Hanói, o número de cativos americanos é de 370 mas os militares americanos dizem que é de 470.

muito hão-de contribuir para concretizar a comunidade luso-brasileira — acrescenta, para acrescentar que a Universidade, que este ano comemora o seu cinquentenário, tem as suas raízes na Universidade de Coimbra e tudo fará para preservar a cultura comum.

O reitor, prof. Djacir Meneses, afirmou depois que a Universidade mantém a tradição iniciada por Pedro Calmon, também presente, de receber condignamente os altos expoentes da cultura portuguesa. Formulou votos para que a «Casa de Portugal» sirva no futuro para aumentar a fraternidade entre a juventude dos dois países e realizar os ideais da comunidade luso-brasileira.

O dr. Azeredo Perdigão, num breve discurso, afirmou a existência da Fundação Gulbenkian, desde a chegada a Lisboa do seu patrono, em 1942, e referiu-se aos seus proventos e actividades nos vários continentes, para sublinhar: «Se a Fundação distribui benefícios noutros afastados países, com muito maior prazer e boa vontade o faz no Brasil».

Disse que, realmente, a Fundação muito tem feito nesta terra e fará cada vez mais, pois está certo de que trabalhar pela cultura do Brasil é, simultaneamente, trabalhar pela cultura de Portugal.

O DR. AZEREDO PERDIGÃO RECEBIDO NA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

ONDE SE CONSTRÓI A «CASA DE PORTUGAL»

RIO DE JANEIRO, 12. — (A. N. I.) — «Há hoje uma linguagem universal, que pode aproximar todos os homens: a linguagem da cultura» — sublinhou o dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, no discurso que proferiu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante a visita que fez à cidade universitária, na ilha do Fundão, onde lhe mereceu particular atenção a residência para estudantes «Casa de Portugal», subsidiada pela Fundação Gulbenkian.

Recebido pelo reitor, prof. Djacir Meneses, e por outros elementos do corpo docente, o dr. Azeredo Perdigão percorreu, de automóvel, os vários institutos da Universidade, realizando-se depois uma sessão solene, em que lhe foi entregue a medalha do cinquentenário da Universidade.

Foi então saudado pelo vice-reitor, prof. Moisés de Araújo, antigo ministro da Educação, que declarou que a Universidade não recebia, apenas, com toda a cordialidade e afecto um dos seus pais, mas também o cidadão ilustre, representante de um povo e de uma cultura que se espalham por todos os cantos do Mundo.

A «Casa de Portugal», em fase de construção, «em breve estará povoada de estudantes brasileiros e portugueses, que

O GAULLISMO DESAGREGA-SE

PARIS, 12 — (A. N. I.) — Estará a mística gaullista a romper-se pelas costuras? Uma coisa é certa: A menos de três meses da morte do general, indícios sinistros da desagregação gaullista surgem, em girandola, aos olhos do eleitorado francês.

Durante treze anos, aqueles que se tinham alistado sob o pendão da Cruz de Lorena foram os que governaram a França. Talvez nunca tenham constituído um bloco monolítico. Mas sempre bastou sussurrar junto dos menos cordatos: «O general não vai gostar» para que as fronteiras mais rebeldes se curvassem — e tudo amainasse.

Só que os pequenos problemas existentes foram sendo apenas escondidos, atirados para baixo dos tapetes, para que o general os não visse. Mas não foram esquecidos.

Morto o general, o grupo que constitui a «maioria» na Assembleia Nacional francesa tem demonstrado uma vontade enorme de levantar os tapetes e de trazer para a luz do dia todos os seus «problemazinhos». Nem sempre as respostas que obtêm lhes tem agradado — e eles não se têm coibido de o dizer.

Os franceses na sua maioria — dizem-no os resultados de consultas recentes à opinião pública — consideram o presidente Pompidou eficiente e popular. Apesar das suas citações poéticas e da «literatura» que há sempre nas suas conferências de Imprensa, os franceses apreciam as provas que tem dado de um sólido bom senso camponês. Mas nada tem de comparável — ele próprio ou seu primeiro-ministro Jacques Chaban Delmas — com a voz de comando, a mística, com as quais de Gaulle sabia impor a sua vontade e a sua visão dos factos a um país por vezes recalcitrante.

Sem a gigantesca figura do general a avistar-se ao longe, os seus sucessores procuraram alargar a base popular do regime. «Continuidade e abertura» foi o «slogan» que levou à eleição de Pompidou, quando de Gaulle se afastou da vida pública em 1969.

«Continuidade sim — abertura não», gritam, cada vez mais alto, os mais fiéis gaullistas aos novos chefes.

O caso tornou-se evidente quando, no dia 11 de Fevereiro, uma figura-chave da hierarquia gaullista — nada menos que o próprio cunhado do antigo presidente, Jacques Vendroux — anunciou que abandonava a União para Nova República. Acompanhou-o na sua atitude de protesto Christian Fouchet, também veterano do gaullismo e antigo ministro de um Governo presidido por de Gaulle.

Ambos anunciaram que abandonavam o Partido porque a delegação gaullista de Lyon se aliara com um homem que fora perseguido pela Polícia do general. O que tornou a aliança entre os gaullistas de Lyon e Jacques Soustelle intolerável aos olhos de Vendroux e de Fouchet.

foi o facto de Pompidou e Chaban-Delmas não terem desaprovado em público esse acordo eleitoral e não terem chamado a ordem os gaullistas de Lyon.

Por isso, tem tomado corpo a convicção de que outros grandes nomes do gaullismo sem de Gaulle vão abandonar, no futuro próximo, as fileiras oficiais do Partido.

Os franceses gostam de recordar que o rei-sol — e Luís XIV foi sempre o émulo do general aos olhos dos gaullistas — disse um dia: «Depois de mim, o dilúvio». Muitos são os que manifestam agora, abertamente, o receio de que também essa frase possa afinal aplicar-se, sem grande erro, ao próprio de Gaulle.

VIOLENTAS MANIFESTAÇÕES A FAVOR DA INDEPENDÊNCIA DA ILHA DE PORTO RICO

SÃO JOÃO DE PORTO RICO, 12 — (R.) — Manifestantes armados, pedindo a independência, provocaram ontem nesta cidade violentas desordens durante as quais foram mortas três pessoas e

ficaram feridas mais de cinquenta.

Atiradores isolados dispararam intermitentemente durante a noite e esta manhã as ruas estavam cheias de estilhaços de vidro e destroços de barricadas. Vários edifícios apresentavam sinais de balas e a Polícia de choque patrulha as ruas enquanto helicópteros vigiam do ar.

Os incidentes começaram ontem.

Quando a Polícia chegou para restabelecer a ordem foi recebida com tiros disparados dos telhados e ripostou ao fogo.

Em consequência desse tiroteio, que depois se prolongou esporadicamente durante toda a noite, morreu o comandante da polícia de choque, Juan Mercado, um outro polícia e um manifestante.

«Pipe-line» de cerveja com contador

SALZGITTER, 12 — (F.P.) — Um habitante desta cidade, Rof Theurkauf, realizou o sonho de muito bebedor de cerveja, instalando um «pipe-line» privado, de 300 metros, que liga a sua casa a uma cervejaria.

Um contador indicará todos os meses o «consumo» da nova instalação deste feliz amante de cerveja.

SEM ENTRADA FIADOR

ATÉ 36 MESES

TELEVISORES
MÁQUINAS | ROUPA
DE LAVAR | LOIÇA
FRIGORÍFICOS
MOBÍLIAS
SOFÁS-CAMAS
ALCATIFAS
ESQUENTADORES
FOGÕES

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO, 5 (ao Campo de Santana)

PONTO AZUL
A. E. G.
TELEFUNKEN
SIEMENS
BOCH
PHILCO
IGNIS
CANOY
G. E.
GRUNDIG
JUNKERS
NATIONAL
FAGOR
NORDMENDE
ZANUSSI
HOOVER
PHILIPS
AKAI

PRÉDIO

ZONA DA AV. 5 DE OUTUBRO

Construção de cimento armado, bons acabamentos, composto de 6 pisos, hab. 7 div. soalhadas, cozinha, despensa, copa, 3 casas de banho, hall.

PREÇO — 7.200.000\$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio 3-2.º — Telefones 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 5º

agora em Portugal!

transformações

«FIAT-CECCATO»

transformações

para a marca «TRIUMPH»

E OUTROS CARROS INGLESES DA S. A. H.

«COMET — JAC — LIFT»

O guincho das 1001 aplicações.

(Capacidade de elevação até 1.000 Kg.)

Abaixa, arrasta ou puxa.

— capacetes desportivos — «juntas»

Consultas e pedidos aos representantes:

REALMETAL

Soc de Equipamentos Industriais, Ld.ª

Rua Ferreira Lapa, 4-1.ª Esq.ª — LISBOA 1

Telef. 5 47 78

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1.º Juízo Criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do sr. corregedor Bernardino de Sousa, continuou o julgamento do caso da herança Sommer. Na última sessão, o dr. Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República, deu por concluído temporariamente, o interrogatório que vinha fazendo á testemunha sr. Constantino Esteves Sobral. Seguiu-se o sr. dr. Filinto Elísio, patrono dos assistentes, que orientou as instâncias em panorama diferente. A matéria mais em evidência relacionou-se com o tão discutido «dossier herança» que tem sido bastante focado como ponto nevrálgico do debate.

A certa altura do interrogatório, o dr. Filinto Elísio perguntou: «Fisicamente, onde estava o dossier herança?»

O sr. Constantino Sobral respondeu: «O dossier herança encontrava-se guardado num armário que se situava no gabinete da gerência da Casa Sommer, dentro de um armário de que o depoente — e só o depoente — possuía a chave.

«Quando precisava de trabalhar nesse dossier, geralmente depois das horas de expediente, como já afirmou, o depoente retirava desse armário a pasta ou livro de que carecesse e era ele também — e só ele — quem de novo ali os voltava a colocar e a guardar a chave; tal dossier estava-lhe pessoalmente confiado.»

O sr. dr. Filinto Elísio: «O senhor já disse que o sr. Henrique nunca escreveu o «dossier». Os papéis eram-lhe entregues directamente por António Champalimaud. Afinal, o que fazia Henrique Champalimaud? Qual era a actividade dele no tocante ao «dossier?»

Resposta: «Ele ajudava-me. Quando eu tinha problemas ou dificuldades, eu consultava-o.»

A acta registou: «A execução material de tudo o que respeitava ao «dossier»-herança, pertenceu exclusivamente ao depoente, pois nesse aspecto a colaboração de Henrique Champalimaud foi nula.

Quanto ás ordens e directrizes cuja execução de alguma forma se projectasse no «dossier»-herança, elas permaneram sempre de António Champalimaud; a colabora-

ção de Henrique era assim mais teórica do que prática, pois só quando António estava ausente ou, por qualquer razão, o depoente não tinha a ele fácil acesso é que recorria a Henrique Champalimaud para suprir quaisquer dúvidas que tivesse. Sucedia, porém, que nem sempre Henrique

sabia resolver ao depoente, as dúvidas que por este lhe eram postas e não raras vezes havia necessidade de esperar a vinda de António ou a possibilidade de o contactar directamente, para dele se receber a orientação que, em verdade, devia ser tomada no caso concreto.»

Necrologia

FUNERAIS

António Lopes Molinho

ABRANTES, 12. — Foi a enterrar no cemitério municipal o sr. António Lopes Molinho, de 75 anos, industrial de barbearia. Deixa viúva a sr.ª D. Ana Lopes Salgueiro e era pai dos srs. João Lopes Salgueiro, Ernesto Lopes Salgueiro, este último funcionário municipal.

José Nunes Bandeira

LEIRIA, 12. — Foi a sepultar no cemitério desta cidade o sr. José Nunes Bandeira, de 74 anos, viúvo, comerciante de bicicletas. O extinto fora um desportista de mérito e também antigo combatente da grade guerra.

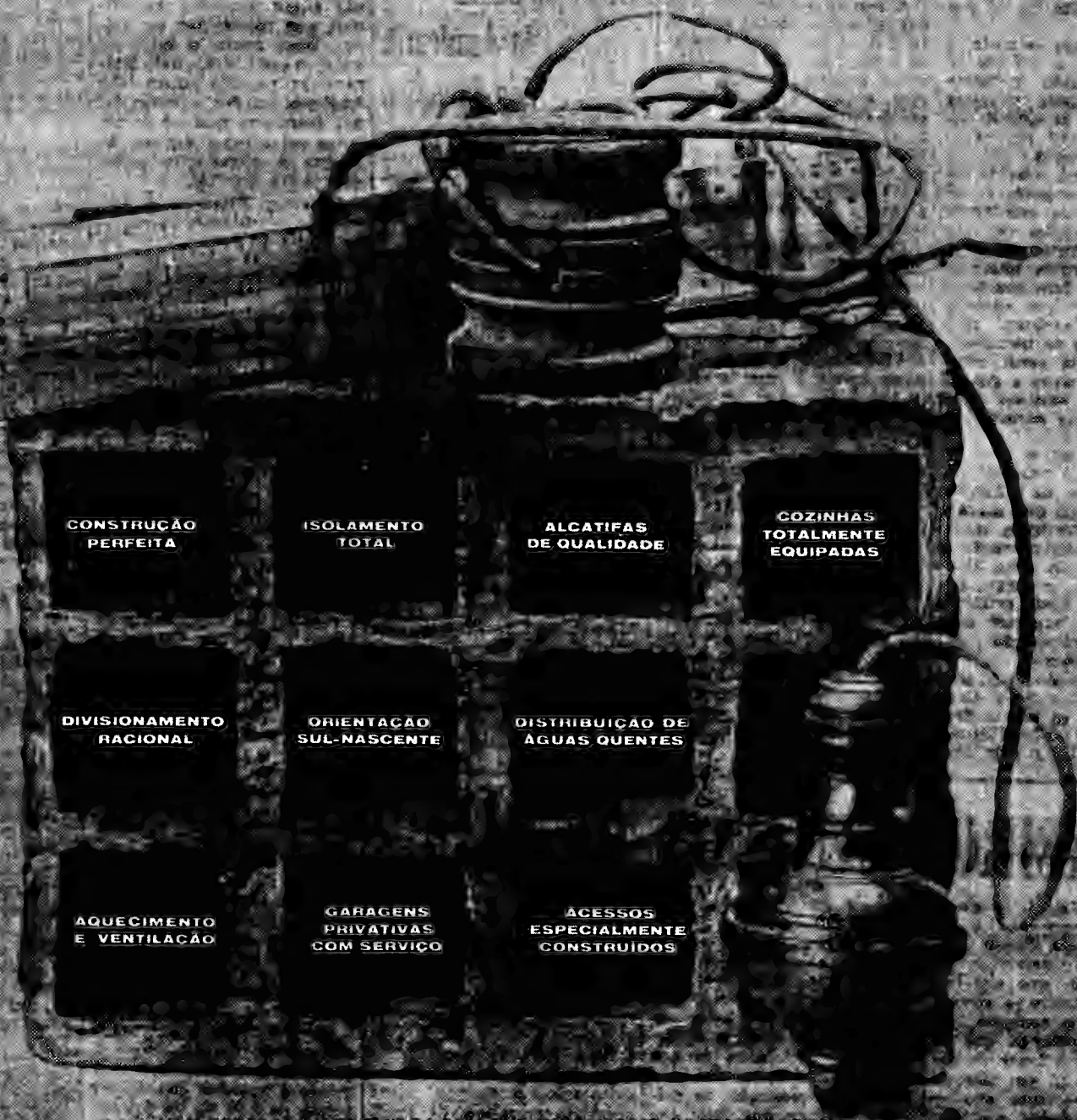
Era pai da sr.ª D. Maria Júlia Bandeira Itoque e dos srs. Manuel Nunes Bandeira

e José Nunes Bandeira Junior, comerciantes nesta cidade.

SUFRAGIOS

Dr. Luis Pascoal Rosado
ESTREMOZ, 12. — A veracão da Câmara Municipal assinala o 30.º dia do falecimento do seu presidente, dr. Luis Pascoal Rosado, com solenes exéquias de sufrágio pela sua alma no próximo dia 15 as 19 horas, na igreja de São Francisco desta cidade.

para uma certa forma de vida ...
...uma casa poli-técnica



ALTO DA BARRA

CONTRATO DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS TÊXTEIS

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência homologou o contrato colectivo de trabalho assinado entre o Grémio Nacional das Indústrias Têxteis e os sindicatos representativos dos operários do mesmo sector, o que vem substituir o contrato celebrado em 1964.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Angola, o primeiro-cabo 193797/69, Eugénio Cequeira Gomes, natural de Coimbra, filho de António Gomes e de Maria Ferreira Gomes.

O Crédito Predial Português registou lucros de 31 mil contos no exercício do ano passado

O capital social do Crédito Predial Português mais que triplicou no exercício f.n.o. passando de 35 mil a 175 mil contos — revela o relatório do conselho de administração daquela instituição de crédito bancário, a apreciar em assembleia geral, no próximo dia 19 sob a presidência do dr. Alfredo Manuel Pimenta.

«O ano de 1970 foi assinalado por um conjunto de acontecimentos que, na venturosa existência da instituição, não têm paralelo como índices positivos da sua vitalidade e progresso» — lê-se no relatório, que salienta ter o volume total dos depósitos ultrapassado, pela primeira vez, o milhão de contos, registando durante o ano passado uma subida de 65 por cento.

Por outro lado — assinala o relatório — o volume de crédito concedido ultrapassou também pela primeira vez o milhão de contos, aumentando em 66 por cento durante o exercício.

Assinala-se, no referido documento, a inauguração em 1970, do edifício construído para as instalações do Crédito Predial Português, e refere-se a profunda alteração operada no funcionamento interno dos serviços «descentralizando-se poderes, alterando métodos de trabalho e procurando, em geral, dinamizar a instituição e dar ao público uma imagem mais exacta das suas características».

Por seu turno, o conselho fiscal, presidido pelo dr. Armando Ribeiro de Almeida, ao mesmo tempo que o trabalho desenvolvido pelo conselho de administração a que preside o dr. Jorge Gonçalves Pereira, congratua-se pelo facto de «pela primeira vez, o pessoal usufruir bem merecida participação nos lucros da empresa».

Firmam o relatório do conselho de administração além do presidente, os administradores eng. Salomão Vilhelas de Quinhones Levy e dr. José

Raposo de Magalhães, José Venâncio Paulo Rodrigues, Joaquim Manso de Menonça e Afonso de Canto Lucas.

Eis alguns números do balanço:

Caixa e depósito no Banco de Portugal, 272 565 478\$09; depósitos noutras instituições de crédito, 257 680 333\$64; promissórias do Fomento Nacional, 13 000 000\$00; carteira comercial, 542 620 512\$15; empréstimos e contas correntes caucionados 54 335 665\$90 devedores e credores, 142 665 627\$64; accionistas, 72 372 000\$00; e empréstimos a mais de um ano, 111 065 777\$00; empréstimos prediais e municipais, 785 651 283\$35; propriedades a liquidar, 50 678 742\$51.

A isso se acrescentam verbas de outras contas do activo e de ordem, estas atingindo o total de 1 665 380 440\$94, e o passivo figuram também entre outras, estas importâncias: depósitos a ordem (moeda nacional), 4 250 110\$14; depósitos com pré-aviso (moeda nacional), 4 250 325\$80; depósitos a prazo (moeda nacional), 969 961 416\$27.

Capital e reservas: capital, 175 000 000\$00; Fundo de reserva legal, 59 500 000\$00 e outros fundos de reserva, 192 030 500\$00. Lucros e perdas: 291\$71; o exercício teve como resultado um lucro de 31 186 367\$85, que acrescido ao saldo do exercício anterior atinge o montante de 31 370 659\$56, que o conselho de administração propõe seja aplicado para fundo de reserva legal, 3 500 000\$00; para participação dos empregados, 1 600 000\$00; para distribuição de um dividendo de 12 por cento, às 220 000 acções inteiramente liberadas 13 200 000\$00; para os fins do art. 32.º único dos estatutos, 620 000\$00; para fundo de regularização de dividendos, 6 000 000\$00; para outros fundos de reserva 6 000 000\$00; e para conta nova, 45 659\$56.



Prof. Fraústo da Silva

Prof. Fraústo da Silva eleito sócio correspondente da Academia das Ciências

A Academia das Ciências elegeu por unanimidade seu sócio correspondente o prof. dr. Fraústo da Silva, «figura de alto valor científico nas ciências físicas nacionais».

A eleição do prof. Fraústo da Silva vem distinguir uma vida dedicada ao estudo e à investigação que a mesma Academia já, aliás, premiou quando em 1963, lhe atribuiu o «Prémio Artur M. L. de Ciências Físicas e Químicas».

O prof. Fraústo da Silva, catedrático e director do Instituto Superior Técnico e presidente da direcção do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa é ainda membro da Chemical Society, de Londres e da Sociedade Portuguesa de Física e Química e vogal da Junta Nacional de Investação Científica e Tecnológica.

É autor de numerosos trabalhos científicos, muitos deles inseridos e referidos em publicações nacionais e estrangeiras de alto nível.

EM CAMPO DE OURIQUE COMEÇARAM OS PREPARATIVOS PARA A «ONDA VERDE»

O trânsito foi verdadeiramente caótico, esta manhã, em todo o bairro de Campo de Ourique, com o primeiro ensaio parcial (modificação de sentidos de tráfego) para adaptação à «Onda Verde». Como ontem prevíamos, registou-se uma concentração excessiva de milhares de veículos nos dois largos: Estrela e Rato. Nem num nem no outro existiam as infra-estruturas suficientes para aguentar os caudais suplementares de trânsito trazidos pela nova sinalização.

Quando todos (condutores, peões e organizadores) estiverem bem mentalizados no processo da automatização luminosa do trânsito rodoviário, espera-se que ele traga grandes benefícios aos municípios em geral, bem como a quantos entrem em Lisboa, nela permaneçam e dela saiam. Não bastará, porém, apenas isso: impõe-se que se criem infra-estruturas várias, ligadas à circulação automóvel na capital.

A Câmara Municipal de Lisboa, ao anunciar o facto, há dias quis dar explicações positivas:

«Houve necessidade de, na zona de Campo de Ourique/Santa Isabel, reestruturar os sentidos de circulação e o conjunto de estacionamento. A C. M. L. conta com a colaboração do público e dos automobilistas, no sentido de facilitar a prática das medidas indicadas».

Ao fazer-nos eco desta explicação e deste pedido, animados no melhor espírito de colaboração, tínhamos já feito alguns reparos. Diversos leitores nos escreveram nesse sentido, solidarizando-se com os considerandos produzidos a respeito das dificuldades de acesso à zona de Campo de Ourique. O caos desta manhã provou-os sobejamente, mesmo se descontarmos as naturais hesitações dos condutores, o rodar em sentido proibido as marchas atrás, as viragens para entrar em ruas onde já se não pode fazer tal e onde não existem ainda sinais prévios a avisar disso os automobilistas.

Verifica-se, também, a inutilidade de as proibições de estacionamento antes dos postes verde-escuros da «Onda Verde» serem tão extensas (meio quarteirão). Julgamos que esta dificuldade, para quem quer estacionar, é solucionável.

Bastaria, a partir de metade dos quarteirões de Campo de Ourique, proibir o estacionamento a veículos com altura acima de 1,60 m, ou aqueles que transportem cargas aci-

Importa, portanto, criar urgentemente parques e silos, muito em especial nos pontos centrais da cidade, e reverter o critério dos sinais de estacionamento proibido por causa da baixa altura dos postes de sinalização da «Onda Verde». Esses deveriam, também, ser pintados de listas brancas, para alternar com o verde já pintado. Estas duas últimas soluções são as mais baratas para resolver um problema de que ninguém poderá culpar os automobilistas ou peões da cidade.

Também acreditamos que a experiência venha a revelar que, na atribuição de sentidos únicos e noutras proibições de estacionamento de veículos (como no caso da Rua de Santo António à Estrela), há a possibilidade de conseguir melhores soluções. Noutras ruas também se verifica o caso de os passeios serem demasiado largos para a quantidade de peões que neles transitam, mesmo em horas de ponta. Podiam e deviam ser estreitados, como está a fazer-se noutras pontas da cidade, sem prejuízo para os peões, e com vantagens para todos.

Afonso Pereira de Carvalho

Amanhã, às 9 horas, na igreja das Chagas de Cristo, na Rua das Chagas, será celebrada missa do primeiro aniversário pelo eterno descanso de Afonso Pereira de Carvalho, mandada dizer pela viúva.

Atribuídos os prémios Gilberto Telles (1969 e 1970) a dois estomatologistas

Instituído em 1962, o Prémio Gilberto Telles distingue, anualmente, o trabalho de um estomatologista português considerado, por um júri competente, como merecedor de tal galardão.

Os prémios referentes aos anos de 1969 e 1970 foram agora atribuídos, respectivamente, aos srs. drs. José Pais Boléo e Armando Saninha Cunha, sendo a decisão tomada por um júri constituído pelos srs. drs. João Pação

Leal, Armando Pena, A. Esteves Pereira, Luís Horta e Costa e Sérgio Magro dos Reis.

A importância pecuniária que constitui os prémios será entregue aos vencedores durante um jantar servido no «Terrace das Estrelas» do Hotel Embaixador, pela mão do próprio instituidor, sr. Gilberto Telles, figura muito conhecida e considerada no meio estomatologista nacional.



A partir de agora, qualquer empresa portuguesa pode consultar um computador pelo telefone. Custo médio de cada consulta: de 370 a 400 escudos por hora incluindo a chamada (\$70 por período), o trabalho real do computador (\$180 por cada segundo do trabalho) e o tempo do trabalho do terminal. Mas compensa: repare-se que um computador resolve um sistema de 20 equações e 20 incógnitas em 20 segundos, enquanto um matemático (mesmo dos bons) demoraria uma semana a encontrar a solução. Por isso, quem quiser pode agora (pelos telefones 769551/2/3) recorrer ao potente computador Honeywell Bull da Sociedade Portuguesa de Computadores em Tempo Dividido (Time-Sharing), S. A. R. L., cujas instalações serão hoje inauguradas e ontem receberam a visita dos jornalistas.

O SUBSECRETÁRIO DO TRABALHO NO PORTO

PORTO, 12 — As instituições de Previdência vão celebrar acordos com o Instituto de Assistência Psiquiátrica e a Direcção-Geral de Saúde, este último para utilização dos Centros de Saúde regulamentados pelo recente decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros — anunciou hoje nesta cidade o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

O dr. Nogueira de Brito, que aqui efectuou várias reuniões de trabalho, revelou ainda estar para breve a actualização do acordo entre o I. A. N. T. e as mesmas instituições de Previdência.

PRIMEIROS CENTROS DE SAÚDE

(Continuação da 1.ª página)

«A maioria desses centros serão, naturalmente, consultórios, o que significa que o seu número se elevará a mais de três centenas, podendo acrescentar-se que os primeiros a funcionar — dos 55 que estão já em vias de criação no corrente ano — vão ser instalados nos distritos de Braga, de Viana do Castelo e Bragança.

Os Centros de Saúde dos concelhos sedes de distrito terão, por seu turno, a categoria de distritais: serão dotados de personalidade jurídica e de autonomia administrativa e deles dependerão os restantes.

Funções próprias de cada Centro de Saúde de conselho são a higiene do meio ambiente e a medicina do trabalho, a higiene materno-infantil e escolar a profilaxia (mediante centros de vacinação) das doenças evitáveis, a educação sanitária em geral, o desenvolvimento comunitário, e a promoção social e, para além disso, ainda a triagem e os cuidados médicos elementares, inclusive os de origem domiciliária. Dimensão-se desta forma a sua actividade em escala muito grande, de uma grandeza e de uma responsa-

bilidade proporcionais aos méritos dos serviços que lhe são pedidos. Na verdade, e ainda de acordo com o texto do diploma legislativo, eles respondem «pela integração e coordenação de todas as actividades de saúde e de assistência dependentes do respectivo Ministério» e, também, pela prestação de cuidados médicos que, pela sua natureza «não caibam no âmbito dos serviços especializados dependentes do mesmo Ministério».

É evidente que um serviço com tais características tem que funcionar não apenas sob o signo da devoção ao próximo que é timbre de toda a tarefa sanitária, mas, também, num espírito perfeitamente concretizado de unidades e de cooperação. Por isso mesmo, se determina que os Centros de Saúde se instalem de preferência nos hospitais sub-regionais: por isso ainda o decreto em causa autoriza desde já a Direcção-Geral de Saúde ou os futuros Centros de Saúde distribuídos a estabelecer acordos com a Federação de Cáritades de Previdência e Abono de Família, com as Misericórdias ou com quaisquer outras entidades congêneres acerca das condições em que deverá processar-se a coordenação de serviços necessária a que o empenhamento agora lançado corresponde plenamente ao objectivo que o inspirou e que consiste na cobertura sanitária nacional, mediante a sua cobertura regional.

Como garantia imediata de coordenação e de unidade de orientação, o decreto agora aprovado prevê, de resto, que para tal se mantenha atenta a Comissão Instaladora dos Centros de Saúde, criada em Agosto do ano passado.

Por outro lado, o plano de íntima cooperação estabelecido corresponde, de facto, a um reforço dos serviços de Saúde e dos serviços de Assistência e desneceário será acentuar as vantagens de ordem prática que tal política comporta ao evitarem-se duplicações de actividades e ao obter-se uma consequente diminuição de encargos. A nota mais saliente do diploma que institui os Centros de Saúde parece, pois, ser esta: uma arranca para novas metas de promoção sanitária e social, mas, uma arranca capaz de mobilizar, num mínimo de tempo e com o mínimo possível de meios materiais, o máximo de esforços, de boas vontades e de garantias de êxito.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

DESFAZENDO UM BOATO

MOSQUERA ALINHOU LEGALMENTE
PERANTE O FUTEBOL CLUBE DO PORTO

Complicado imbróglio em torno dos estrangeiros no futebol português. Depois do «caso Nelinho», que, afectando directamente a cauda da classificação do campeonato, pode provocar a decisiva baixa do Barreirense à divisão secundária, surgiu o «caso Mosquera»: agora um problema a colocar-se perante os «leões», pois (ao que constava) alinhara indevidamente inscrito no jogo Sporting-Futebol Clube do Porto, da primeira volta do Campeonato Nacional.

Enquanto que a Federação se debruça sobre o processo de Nelinho (futebolista que já regressou ao Brasil, seu país natal, ao que parece sem ter adquirido a cidadania portuguesa) os portugueses, que perderam, em Alvalade, o encontro contra o Sporting, tinham a hipótese de obter os dois pontos da vitória, caso se reconhecesse que Mosquera não estava em condições legais de disputar uma partida oficial de futebol.

De verdade, de absolutamente verdade, sabe-se que Mosquera não pode, HOJE, alinhar oficialmente pelo Sporting: a sua inscrição na Federação Portuguesa de Futebol está dependente da apresentação de um documento de habilitações literárias, para o que lhe foram concedidos 120 dias de prazo.

Para tranquilidade de muitos espíritos pode desde já garantir-se (palavra da Federação) que Mosquera alinhara legalmente nos dois jogos em que participou para o Campeonato Nacional: perante o Boavista e o Futebol Clube do Porto.

Disse-nos, esta manhã, o dirigente federativo Marques de Matos:

— Mosquera podia fazer jogos oficiais até meados de Janeiro, porque estava dentro do prazo concedido para a legalização do seu processo como futebolista do Sporting. A partir daí ficou impedido de alinhar em partidas oficiais sem que, previamente, entreguesse na Federa-

ção o documento justificativo de possuir o mínimo de habilitações literárias.

Também o dr. Correia da Silva, vice-presidente do Futebol Clube do Porto (um dos clubes eventualmente beneficiários de uma possível má inscrição de Mosquera) nos declarou:

— O Futebol Clube do Porto desconhece o assunto, e não está interessado em escalpelizá-lo. Apenas nos agradam os triunfos obtidos em campo...

Desfeito, portanto, o «boato Mosquera», que não tinha qualquer consistência, prevalece o «caso Nelinho». Um comunicado do Vitória de Guimarães refuta declarações do dirigente barreirense sr. Manuel Crespo, e, a talhe de foice, indaga:

«Poderá o Barreirense divulgar, ao público, a data em que Nelinho optou, na conservatória dos Registos Centrais, com a documentação conveniente, pela nacionalidade portuguesa, já que somente após o deferimento do processo apresentado é que ele pode ser adquirido e, consequentemente, ter jogado nessa qualidade?»

«Poderá o Barreirense informar o mesmo público de que o documento usado pelo referido jogador no seu regresso ao Brasil, pois se utilizou passaporte português, o era com certeza, mas se exibiu o mesmo passaporte brasileiro, que lhe permitiu a estada em Portugal, estrangeiro sempre foi enquanto residiu no nosso País, a jogar pelo F. C. Barreirense?»

Não interessa, neste momento, escalpelizar as culpas que nestes casos podem caber aos departamentos de futebol dos clubes em causa, porquanto se conhecem as bases de amadorismo em que assenta a tarefa dos seus dirigentes. Mas, o primordial, é que estão em equação muitos interesses, especialmente de ordem financeira: e o campeonato (com as suas plateias dominicais) não pode encontrar-se sujeito à rectificação na secretaria de resultados obtidos em campo.



O documento: Mosquera (enquadrado por Diniz e Alexandre Baptista) observa os movimentos de Lemos, no jogo Sporting-F. C. do Porto em que alinhara

ANDEBOL

O Atlético campeão
da II Divisão

Concluiu-se o campeonato lisboeta da 2.ª Divisão, com triunfo final do Atlético, que no derradeiro jogo da competição defrontou o Boa Hora, com o mesmo número de pontos no primeiro posto da tabela.

O jogo não correspondeu por ambos os contendores se terem exibido muito aquém do que lhes é habitual desperdiçando ocasiões em série, entre elas onze castigos máximos, seis por parte do vencedor e cinco pelo vencido.

O Atlético, o menos mau, foi bom vencedor e conquistou o campeonato com brilho, se atendermos à sua carreira na competição.

Os resultados foram os seguintes: Madre de Deus-C. I.

F., 23-21; Encarnação-C.N.O.C.A., 17-14; Oriental-Cova da Piedade, 27-23 e Atlético-Boa Hora, 9-7.

Classificação final:
1.º Atlético (270-168), 39 pontos; 2.º Boa Hora (810-233), 37; 3.º Encarnação (263-270) 30; 4.º C. I. F. (233-265) 28; 5.º C.N.O.C.A. (252-265) 27; 6.º Oriental (242-248) 26; 7.º Madre de Deus (204-291), 19; 8.º Cova da Piedade (229-298) 18.

CAMPEONATO DE JUVENIS

Proseguem os jogos do campeonato de juvenis, com os resultados seguintes: Almada-C. Orlíque, 20-7; Sporting-Boa Hora, 17-15 e Belemenses-Benfica, 11-13.

ESTA NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: C. I. F.-Luso, às 21, no Pavilhão da Ajuda.

COLÓQUIO — «Desporto e Sociedade», na União Desportiva Vila-franquense, às 21 e 30 horas.

Goleada hóquista

LUANDA, 12 — (L.) — O Banco Comercial de Angola venceu o ASA por 25-2 (marca que constitui um resultado inédito na província) num encontro de hóquei em patins, disputado no campo do Sporting de Luanda, a contar para o «Torneio de Abertura» (seniores).

No outro embate da jornada, os donos da casa venceram o Benfica, de Luanda, por 5-2.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação da I Divisão (Zona Sul): F. Benfica-C. Ourique, Sporting C. U.F. e Benfica-Cascais, a partir das 20 e 15, no Pavilhão da Luz. Oeiras-Belenenses, Paço de Arcos-Algés e Salesiana-Paredes, a partir das 20 e 15, no Pavilhão da Juventude Salesiana.

TÊNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Juniores: Aguilas-Benfica, Sporting-Carmo e Belemenses-Alunos Apolo, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

ENGLISH LEATHER DISTINGUE
OS VENCEDORES

A chegada da XXII Volta a Portugal, um grupo de gentis «teenagers» rodeia o vencedor, acenando com o símbolo da distinção — ENGLISH LEATHER —. Os produtos ENGLISH LEATHER foram oferecidos a todos os concorrentes à partida para esta grande competição.

Continua a «luta do século»

PROCESSO CONTRA A TELEVISÃO
PELOS QUE VIRAM MAL O COMBATE

LOS ANGELES, 12 — (R.) — Dois entusiastas de pugilismo, indignados, intentaram ontem uma acção pedindo uma indemnização de 700 mil dólares (cerca de 20 400 contos) alegando que a imagem da transmissão directa pela televisão em circuito fechado do combate para o título mundial dos «pesados» entre Joe Frazier e Cassius Clay, que se travou na segunda-feira, fora má, esbatida e de som péssimo.

O advogado de Beverly Hills, dr. Daniel Miller,

e outro entusiasta do boxe, Paul Labin, intentaram a acção no tribunal superior desta cidade em nome das 18 mil pessoas que assistiram à emissão no foro de Los Angeles.

Processaram as organizações do combate Jack Kent Cooke (proprietário do foro) e Jerry Penelchio. O foro vendeu por 10 e 25 dólares (280 e 1750 escudos) lugares para se assistir à emissão do combate.

Um informador do foro declarou a noite passada: «É ridículo. Ninguém se queirou após o combate.»

Acontecimentos DE ONTEM

O VITÓRIA DE SETÚBAL
EMPATOU COM O SEIXAL

Com os jogos correspondentes à segunda jornada, prosseguiu a taça «Dr. Armando Rocha», prova organizada pela Associação de Futebol de Setúbal. Os encontros decorreram nos estádios do Bonfim (Vit. Setubal-Seixal) e Lavradio (C.U.F.-Luso). Ficou isento desta ronda o Montijo.

VITÓRIA DE SETUBAL, 0-0-SEIXAL, 0

VIT. SETUBAL — Vaz; Conceição, João Cardoso, Correia e Artur; Barão (Raul Vítor) e Sabu; Amancio, Pedro, Arcanjo e César.

SEIXAL — Arlindo; Severino, Vítor, Luís e Esteves; Dário e Jorge; Clarica (Vítor Manuel), Cambalacho, Barreiros e Eugénio.

Árbitro: Carlos Alberto (Setubal)

Como no fim do tempo regulamentar se registava uma igualdade sem golos, foi necessário o desempate por grandes penalidades. Os setubalenses converteram cinco, contra quatro dos seixalenses. Marcadores: Luís, Jorge, Cambalacho e Severino (pelo Seixal) Eugénio falhou uma tentativa. Pelos seixalenses: Arcanjo, Pedro, Sabu, Amancio e César.

C. U. F., 5-LUSO, 1

C.U.F. — Conhé; Bambo, Rodrigues (Vítor Marques), Américo e Castro; Medeiros e Sérgio; Arnaldo (Magaalhães), Monteiro, Capitão-Mor e Eduardo.

LUSO — Castanheira; J. Silva, Torão, Salvador e Palheira; José Vítor e João Pedro; Careca (Ribeiro), Vaz (Márinho), Barroca e Gil.

Capitão-Mor (por 4 vezes), Eduardo e Salvador marcaram os golos.

A competição termina no próximo domingo, em campos e horas a indicar pela Associação de Setúbal.

Os encontros são os seguintes: Vitória de Setúbal-Montijo (apuramento dos 1.º e 2.º classificados) e Seixal-C. U.F. (para o 3.º e 4.º lugares). O Luso fixou-se no último posto.

AO ALCANCE DA SUA BOLSA

Andares de 2 a 10 divisões assalhadas. Apartamentos mobilados desde 140 contos

Propriedades para habitação ou rendimento em zonas de rápido desenvolvimento e valorização

CONSULTE
J. PIMENTA
SARL

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I. 30 — Telef. 95 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José, com entrada pela Rua da Figueira
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 550 3.º, Dt.º
LUANDA: Henrique L. Costeado — Apartado 1224

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Mattos
CASCAIS: Conjunto Turístico da Pampilhoeira
REBOLEIRA: Edifício Oeiras



6.000
clientes
satisfeitos
recomen-
dam-nos

Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

Sede: Alameda D. Afonso Henriques, n.º 45 — LISBOA

CONCURSO PARA AQUISIÇÃO E MONTAGEM DE EQUIPAMENTO DE MICROFILMAGEM

Faz público que até ao dia 31 de Março de 1971 na sede desta Instituição de Previdência se encontra aberto concurso para aquisição do equipamento necessário à montagem de um sistema de microfilmagem, ao qual poderão concorrer todas as firmas da especialidade.

As condições gerais do concurso encontram-se patentes na sede da Caixa, durante as horas normais de expediente.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA ESCOLA DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA DE LISBOA

A Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa informa os candidatos ao Curso de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica sujeitos a exame de aptidão que os mesmos têm lugar nesta Escola no dia 15 do mês em curso pelas 16 horas.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA,
Dr. Roberto Pegado

PRÉDIO CAMPO DE SANTANA

Construção antiga de alvenaria, c/ obras feitas, composto por 3 pisos, hab. de 8 div. assalhadas, cozinha, sala de banho, despensa e corredor.

PREÇO — 1.800.000\$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Residência 2-2 — Telefones 36 93 84/8/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

PORTIMÃO

C.º de Seguros admite responsável para a sua filial, dinâmica, bem relacionada, com o Curso Comercial ou equivalente, conhecendo ou não a técnica seguradora. Currículo e se possível, fotografia.

Resposta a este jornal. 738

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

GRUPO I—CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE AMENDOAS

Até às 17.30 horas, do dia 25 do corrente encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 10 de Março de 1971.

O CHEFE DO SERVIÇO

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista. Carvalhido na gare do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Stec	Compra	Venda	Ultramarinas	Stec	Compra	Venda
Correção 3,4%	—	—	493\$	Ag. 3.ª e 4.ª	—	210\$	230\$
Correção 3%	—	—	495\$	Ag. 5.ª	121\$	20\$	23\$
Correção 2,5%	—	—	604\$	Ag. 6.ª	70\$	69\$	70\$
Correção 2%	—	—	1.400\$	Ag. 7.ª	2.8\$	2.8\$	2.19\$
Correção 1,5%	1.000\$	—	1.000\$	Ag. 8.ª	2.149\$	2.12\$	2.49\$
Correção 1%	—	580\$	—	Ag. 9.ª	—	—	—
Correção 0,5%	600\$	600\$	—	Ag. 10.ª	—	—	—
Correção 0,25%	—	710\$	77\$	Ag. 11.ª	420\$	48\$	42\$
Correção 0,125%	—	155\$	170\$	Ag. 12.ª	430\$	42\$	43\$
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua Ls000 5%	—	—	—	Ag. 13.ª	7.300\$	7.250\$	7.290\$
Ag. 1.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 14.ª	—	4.000\$	4.300\$
Ag. 2.ª 5% 58	—	—	885\$	Ag. 15.ª	—	7.800\$	8.000\$
Ag. 3.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 16.ª	—	4.700\$	—
Ag. 4.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 17.ª	—	1.400\$	1.500\$
Ag. 5.ª 5% 58	—	920\$	—	Ag. 18.ª	—	600\$	820\$
Ag. 6.ª 5% 58	—	—	925\$	Ag. 19.ª	—	—	—
Ag. 7.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 20.ª	4.000\$	3.900\$	—
Ag. 8.ª 5% 58	—	850\$	—	Ag. 21.ª	—	—	1.550\$
Ag. 9.ª 5% 58	—	850\$	—	Ag. 22.ª	1.300\$	1.300\$	1.310\$
Ag. 10.ª 5% 58	—	800\$	—	Ag. 23.ª	—	4.100\$	—
Ag. 11.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 24.ª	—	—	—
Ag. 12.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 25.ª	660\$	625\$	630\$
Ag. 13.ª 5% 58	—	945\$	—	Ag. 26.ª	—	—	4.90\$
Ag. 14.ª 5% 58	—	945\$	—	Ag. 27.ª	—	2.450\$	2.500\$
Ag. 15.ª 5% 58	—	—	—	Ag. 28.ª	3.730\$	3.730\$	3.740\$
Ag. 16.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 29.ª	—	—	600\$
Ag. 17.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 30.ª	—	6.210\$	6.250\$
Ag. 18.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 31.ª	660\$	660\$	670\$
Ag. 19.ª 5% 58	—	955\$	—	Agua Elect e Gás			
Ag. 20.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 32.ª	—	390\$	—
Ag. 21.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 33.ª	—	4.6\$	425\$
Ag. 22.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 34.ª	—	405\$	408\$
Ag. 23.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 35.ª	1.98\$	1.197\$	1.99\$
Ag. 24.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 36.ª	—	1.470\$	1.95\$
Ag. 25.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 37.ª	—	—	—
Ag. 26.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 38.ª	1.700\$	1.700\$	1.705\$
Ag. 27.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 39.ª	449\$	448\$	450\$
Ag. 28.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 40.ª	230\$	179\$	180\$
Ag. 29.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 41.ª	173\$	230\$	235\$
Ag. 30.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 42.ª	—	—	—
Ag. 31.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 43.ª	—	—	—
Ag. 32.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 44.ª	—	195\$	200\$
Ag. 33.ª 5% 58	—	955\$	—	FUNDOS			
Ag. 34.ª 5% 58	—	955\$	—	DE INVESTIMENTO			
Ag. 35.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 45.ª	—	204\$	210\$
Ag. 36.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 46.ª	—	126\$	130\$
Ag. 37.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 47.ª			
Ag. 38.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 48.ª			
Ag. 39.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 49.ª			
Ag. 40.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 50.ª			
Ag. 41.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 51.ª			
Ag. 42.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 52.ª			
Ag. 43.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 53.ª			
Ag. 44.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 54.ª			
Ag. 45.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 55.ª			
Ag. 46.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 56.ª			
Ag. 47.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 57.ª			
Ag. 48.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 58.ª			
Ag. 49.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 59.ª			
Ag. 50.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 60.ª			
Ag. 51.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 61.ª			
Ag. 52.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 62.ª			
Ag. 53.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 63.ª			
Ag. 54.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 64.ª			
Ag. 55.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 65.ª			
Ag. 56.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 66.ª			
Ag. 57.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 67.ª			
Ag. 58.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 68.ª			
Ag. 59.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 69.ª			
Ag. 60.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 70.ª			
Ag. 61.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 71.ª			
Ag. 62.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 72.ª			
Ag. 63.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 73.ª			
Ag. 64.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 74.ª			
Ag. 65.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 75.ª			
Ag. 66.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 76.ª			
Ag. 67.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 77.ª			
Ag. 68.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 78.ª			
Ag. 69.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 79.ª			
Ag. 70.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 80.ª			
Ag. 71.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 81.ª			
Ag. 72.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 82.ª			
Ag. 73.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 83.ª			
Ag. 74.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 84.ª			
Ag. 75.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 85.ª			
Ag. 76.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 86.ª			
Ag. 77.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 87.ª			
Ag. 78.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 88.ª			
Ag. 79.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 89.ª			
Ag. 80.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 90.ª			
Ag. 81.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 91.ª			
Ag. 82.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 92.ª			
Ag. 83.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 93.ª			
Ag. 84.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 94.ª			
Ag. 85.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 95.ª			
Ag. 86.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 96.ª			
Ag. 87.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 97.ª			
Ag. 88.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 98.ª			
Ag. 89.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 99.ª			
Ag. 90.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 100.ª			
Ag. 91.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 101.ª			
Ag. 92.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 102.ª			
Ag. 93.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 103.ª			
Ag. 94.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 104.ª			
Ag. 95.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 105.ª			
Ag. 96.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 106.ª			
Ag. 97.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 107.ª			
Ag. 98.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 108.ª			
Ag. 99.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 109.ª			
Ag. 100.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 110.ª			
Ag. 101.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 111.ª			
Ag. 102.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 112.ª			
Ag. 103.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 113.ª			
Ag. 104.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 114.ª			
Ag. 105.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 115.ª			
Ag. 106.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 116.ª			
Ag. 107.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 117.ª			
Ag. 108.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 118.ª			
Ag. 109.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 119.ª			
Ag. 110.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 120.ª			
Ag. 111.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 121.ª			
Ag. 112.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 122.ª			
Ag. 113.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 123.ª			
Ag. 114.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 124.ª			
Ag. 115.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 125.ª			
Ag. 116.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 126.ª			
Ag. 117.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 127.ª			
Ag. 118.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 128.ª			
Ag. 119.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 129.ª			
Ag. 120.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 130.ª			
Ag. 121.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 131.ª			
Ag. 122.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 132.ª			
Ag. 123.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 133.ª			
Ag. 124.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 134.ª			
Ag. 125.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 135.ª			
Ag. 126.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 136.ª			
Ag. 127.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 137.ª			
Ag. 128.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 138.ª			
Ag. 129.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 139.ª			
Ag. 130.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 140.ª			
Ag. 131.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 141.ª			
Ag. 132.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 142.ª			
Ag. 133.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 143.ª			
Ag. 134.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 144.ª			
Ag. 135.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 145.ª			
Ag. 136.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 146.ª			
Ag. 137.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 147.ª			
Ag. 138.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 148.ª			
Ag. 139.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 149.ª			
Ag. 140.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 150.ª			
Ag. 141.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 151.ª			
Ag. 142.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 152.ª			
Ag. 143.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 153.ª			
Ag. 144.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 154.ª			
Ag. 145.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 155.ª			
Ag. 146.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 156.ª			
Ag. 147.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 157.ª			
Ag. 148.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 158.ª			
Ag. 149.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 159.ª			
Ag. 150.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 160.ª			
Ag. 151.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 161.ª			
Ag. 152.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 162.ª			
Ag. 153.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 163.ª			
Ag. 154.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 164.ª			
Ag. 155.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 165.ª			
Ag. 156.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 166.ª			
Ag. 157.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 167.ª			
Ag. 158.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 168.ª			
Ag. 159.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 169.ª			
Ag. 160.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 170.ª			
Ag. 161.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 171.ª			
Ag. 162.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 172.ª			
Ag. 163.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 173.ª			
Ag. 164.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 174.ª			
Ag. 165.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 175.ª			
Ag. 166.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 176.ª			
Ag. 167.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 177.ª			
Ag. 168.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 178.ª			
Ag. 169.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 179.ª			
Ag. 170.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 180.ª			
Ag. 171.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 181.ª			
Ag. 172.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 182.ª			
Ag. 173.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 183.ª			
Ag. 174.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 184.ª			
Ag. 175.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 185.ª			
Ag. 176.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 186.ª			
Ag. 177.ª 5% 58	—	955\$	—	Ag. 187.ª			
Ag. 178.ª 5% 58	—	955\$	—				

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO LUÍZ

(Adultos) Tel. 327172

As 21.30
ESTREIA HOJE
com Ugo Tognazzi
e Bernard Blier em
**UMA QUESTÃO
DE HONRA**
COLORIDO

As 15.15 e 18.15
Últimas exhibições — (Adultos)
O FALHADO AMOROSO

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

As 21.45
ESTREIA HOJE
com Ugo Tognazzi
e Bernard Blier em
**UMA QUESTÃO
DE HONRA**
COLORIDO

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50395

As 3 da tarde (a p. red.) e 6.15
e 9.30 da noite
**LILLI PALMER, Cristina
Galbo e John Moulder
Brown em**
**INTERNATO
DE RAPARIGAS**

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 770095

As 15.30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois
e Mathieu Carrière
EASTMAN COLOR

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037

As 21 horas
**QUANDO O JOGO
É O AMOR**
**FRANKENSTEIN CRIOU
UMA MULHER.**

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795293

As 21
**O GRANDE MESTRE
DO CRIME**
NO CALOR DA NOITE

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923

As 21 horas
CANÇÕES PARA CORDOBA
**ESCALADA ACIMA, ESCALADA
ABAIXO**

CONDES

(Adultos) Tel. 332423-326716

HOJE ESTREIA às 21.45
**TRAÍÇÃO
INVEROSIMIL**
com Brunilde Judier, Lúcia
Teles, Carmen Mendes, Mário
Ferreira
Realização de Augusto Fraga

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

3.ª SEMANA
DE INVULGAR ÊXITO!
HOJE às 15.15, 18.15 e 21.30
O PATIFE — Le Voyou
Um ritmo novo numa história
inédita
com Jean-Louis Trintignant

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

HOJE às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL DE
SARA MONTIEL
no seu mais extraordinário e
apaixonante filme de sempre
ESSA MULHER
Emocionante odisséia de uma
jovem a quem o destino nega
o direito de ser feliz
**GRANDIOSA REALIZAÇÃO
ADMIRÁVEIS CANÇÕES
EASTMANCOLOR**

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134/5

2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Será uma epidemia da nossa
época? Será uma moda passa-
geira? De qualquer forma es-
tamos na era da
CONTESTAÇÃO GERAL
Em contestação tu contestas, ele
contesta

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 5134

As 15.30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
UMA MULHER MEIGA
Segunda obra de Dostoyevsky
Um filme de Robert Bresson

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821

As 17 e 21.30
CONFIDENCIALÍSSIMO
com Annie Girardot,
Jean Yanne, Francis Blanche
e Venantini Venantini
SABADO: «Matinée» infantil
(M. 6 anos) As 15.30
AS 1001 NOITES ÁRABES

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163

ESTREIA às 21.45
Nos bastidores do mundo do
jogo!
O JOGO DO CRIME
com Laurence Harvey
Ann Margret
TECHNICOLOR SCOPE

BERNA

(Adultos) Tel. 776005

As 18.30 e 21.45
Joanna Shimkus, Katina Pa-
xinou e Bernard Freeson no
admirável filme colorido de
Robert Enrico
ZITA

A aventura de uma jovem que
procura esquecer, de qualquer
maneira, a morte de uma tia
querida...
A Av. Marquês de Tomar

ROMA

(Adultos) Tel. 72778

As 15.30 e 21.45
A primeira lição de amor
de um adolescente:
**UM BELÍSSIMO
NOVEMBRO**
com Gina Lollobrigida,
Gabriel Byrne e André
Lawrence
COLOR

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 585131

As 15 e 21.30
2.ª SEMANA
PATTON
com George C. Scott e Karl
Malden
Em 70 mm

QUINZENA FICÇÃO CIENTÍFICA

Hoje — Adultos — 18.45 h.
**A MALDIÇÃO DE FRAN-
KENSTEIN**, de Freddie Fran-
cis, com Peter Cushing e Kiwi
Kingston

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 582632

3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Luter
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Lumière
com Michel Piccoli, Romy
Schneider e Lea Massari
Este cinema está situado
no edifício do Monumental

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 327265

As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA DE SENSUAÇÃO
COM O GIGANTE DO
«WILSON»
MONIGUMERY CLIFT
no curta-metragem
O PREÇO DO PODER
Um filme que desvenda o mis-
tério de um assassinato pre-
sidencial

DOMINGO

(M. 17 anos) Tel. 937593

As 21.30
Um espectacular filme
em combinação de Estreia!
**HERÓIS POR CONTA
PRÓPRIA**
No Ecran-gigante 70 mm.
com Clint Eastwood e Telly
Lavalas

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320817

As 21 horas
O RÉPTIL
DOCE NOVEMBRO

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«O Inocente» (17 anos);
VARIEDADES — As 4 e 45:
«O Contrato» (17 anos);
TEATRO MONUMENTAL — As 21
e 45: «A Casa dos Cabanos» (17
anos);
VILLARET — As 2 e 45: «De-
pois da Jueda» (17 anos);
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
Querida Mãe» (17 anos);
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«A Cozinha» (17 anos);
MARIA MATOS — As 2 e 45:
«O Inocente» (17 anos);
CASA DA COMÉDIA — As 22:
Fim de Festa» (17 anos);
TRINDADE — As 2 e 45: «O
Duelo» (17 anos);
A B C — As 20 e 45 e às 23:
«Frango na grelha» (17 anos);
CINEMAS
OLIMPIA — As 9: «Ursos na
Serra do Fogo» (12 anos);
JARDIM — As 21: «Quem tem
medo de Virginia Wolf?» (17
anos);
ARCO IRIS — As 21: «Uma força
no seu caminho» (17 anos);
PARIS — As 21: «3 degraus para
a morte» (17 anos);
CINEARTE — As 21: «A grande
comida à volta do mundo» (12
anos);
SALÃO LISBOA — As 19: «Os

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Hoje, às 21.30
em continuação de estreia
TOMAS MILIAN
e **ORSON WELLES** em
TEPEPA
Scope-Color
As 15.15 — Última exibição
(Adultos)
CHUVA NA PRIMAVERA
Sábado e Domingo às 18.15
«Matinée» infantil
(M. 6 anos)

Com o extraordinário filme
de longa metragem que todos
devem ver
A MINHA MONTANHA
COLORIDO

EDEN

(Adultos) Tel. 320708

2.ª SEMANA
As 15.15, 18.30 e 21.45 h.
Uma jovem milionária. Uma
jovem bonita. Um homem sem
escrúpulos. Uma aventura
O CEGO DESEJO
com Carrol Baker e Lou Castel
Colorido

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375

As 21.30
O HOMEM ORQUESTRA
com Louis de Funès, Oliver
de Funès

VOX

(Adultos) Tel. 720808

As 19.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA TRIUNFAL
A mais recente e excitante rea-
lização de André Cavatelli
**OS CAMINHOS
DE KATMANDOU**
Grande desempenho de Pascale
Audret, Serge Faubourg e Elsa
Martinelli
(Technicolor)
Junto a Av. de Roma

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

As 18.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA!
Bibi Andersson, Orson Welles,
Richard Boone, Lila Kedrova,
Max Von Sydow e George
Sanders, num intrincado caso de
alta tração

A CARTA DO KREMLIN

Um filme de John Huston
em Panavision e Technicolor

Metro Estação, Picheas

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 49500

As 21 horas
**AS AVENTURAS
DE GERARD**
O INSPECTOR CLOUSEAU

farmácias de serviço

LISBOA

BAIXA — Teixeira Lo-
pes, Rua Aurora 54 tel.
3248161 * Oliveira, Rua
da Prata 240 tel. 32 4 51

BENFICA — Alegria Es-
trada de Benfca 30-A
(tel. 7805) * Benfca,
Rua Eng. Paulo de Barros
(tel. 7805), 28-A (tel. 708242)
União, Estrada de Benfca
592/4 (tel. 700092)

CAMINHOS DE FERRO —
Frazão, Rua da Cruz de
Santo Apolónia 90 (tel.
8470 9)

CAMPO DE OURIQUE —
Lobos, Rua Infante 6,
98-B (tel. 688071) * União,
Rua Saraiwa de Carvalho
19 (tel. 663643)

CAMPOLIDE — Pinto, Rua
de Campolide (tel.
6626 0)

CASTELO — Ziller, Rua
de Tomé 54 (telefone
862895)

CHEIAS — Banha, Es-
trada de Cheias 173 (tel.
3622 3)

CHIBRE — Varel, Rua
Marques Soares 99 (tel.
405221)

ENCARNACÃO — An-
ceno, Rua 27, 4 (ao
lado da Encarnação) (tel.
3112 6)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ENTRECAMPOS

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

AREIRO — Garante,
Avenida Padre Manuel da
Nóbrega, 5-A (tel. 727300)

BAIRRO ALTO — Bar-
ros, Rua do Loreto 30
(tel. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ESTRELA

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

AREIRO — Garante,
Avenida Padre Manuel da
Nóbrega, 5-A (tel. 727300)

BAIRRO ALTO — Bar-
ros, Rua do Loreto 30
(tel. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ESTRELA

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

AREIRO — Garante,
Avenida Padre Manuel da
Nóbrega, 5-A (tel. 727300)

BAIRRO ALTO — Bar-
ros, Rua do Loreto 30
(tel. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ESTRELA

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

AREIRO — Garante,
Avenida Padre Manuel da
Nóbrega, 5-A (tel. 727300)

BAIRRO ALTO — Bar-
ros, Rua do Loreto 30
(tel. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ESTRELA

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

AREIRO — Garante,
Avenida Padre Manuel da
Nóbrega, 5-A (tel. 727300)

BAIRRO ALTO — Bar-
ros, Rua do Loreto 30
(tel. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

BAIRRO DA LIBERDADE —
Sulter, Rua B 75-A
(tel. 583694)

ESTRELA

ALCANTARA — Baírrão,
Rua do Crato 25
(tel. 66732)

ALVALADE — Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
7 780) * S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, A, tel.
725 401 * Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466)

AMOREIRAS — Brê-
nias, Travessa da Lágua do
Povo, 5-B (tel. 682250)

ANJOS — Confiança, Ave-
nida Amante Reis, 46
(tel. 42453) * Renascença,
Rua Camões Monteiro,
40-A (tel. 83 504)

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal, céu pouco nublado, com alguma chuva no Norte e localmente muito nublado no Centro e Sul, principalmente no Algarve, onde chovia. O vento era fraco ou moderado dos quadrantes de Leste.

OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alentejo, 18,8; mínima: Viseu, -3,5. **TEMPERATURAS EXTREMAS** — TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 10; Penhas Douradas, 0; Coimbra, 11; Portalegre, 5; Lisboa, 9; Faro, 2 e Funchal, 5.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro, céu pouco nublado, com alguma chuva, mas locais abrigados. Nas regiões do Sul, céu muito nublado, com alguma chuva fraca ou aguaceiros dispersos. Em todo o território, vento fraco a moderado dos quadrantes de Leste.

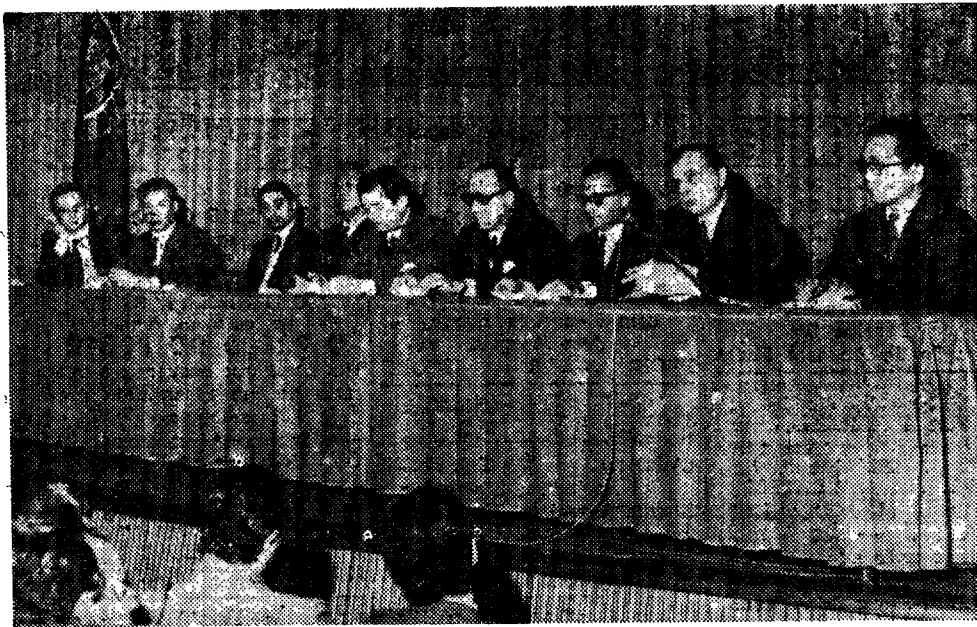
AMANHÃ
Nascer às 7 e 53
Ocaso às 19 e 41

HOJE DIA 20 DIA 26 DIA 1

MARES:
PREIA-MAR: Hoje — 4 e 45 (4,0 m); 7 e 02 (3,9 m); Dia 13 — 6 e 09 (4,0 m); 7 e 26 (3,8 m); Dia 14 — 5 e 38 (3,9 m); 7 e 50 (3,8 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 23 (1,0 m); 22 e 23 (0,9 m); Dia 13 — 10 e 23 (0,9 m); Dia 14 — 10 e 55 (0,9 m); 23 e 08 (1,0 m).

Vai haver obras no Palácio da Rosa

Importarão em 850 contos números redondos, as obras de conservação mandadas executar pelo Município no Palácio da Rosa, à Rua Marquês de Ponte de Lima. As propostas referentes a esta empreitada serão brevemente abertas em sessão pública perante uma comissão especial constituída há qu nze meses.



Durante a primeira assembleia geral da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa

PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL DA CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA LUSO-JAPONESA

Nascida de uma ideia conjunta do Banco Nacional Ultramarino e do Banco Português do Atlântico, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa é uma entidade destinada a fomentar os intercâmbios económicos entre Portugal e o Japão, países cujas relações, de toda a ordem, já foram muito intensas, mas que, com o rol dos séculos, foram adormecendo, para, nos últimos anos reatcarem uma «valorada» das mais promissoras perspectivas. Como se sabe, foram navegadores portugueses os primeiros ocidentais a chegar ao Japão, no século XVI, levando a esse país as técnicas comerciais do Ocidente e trazendo para a Europa as primeiras notícias da civilização nipónica.

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa cuja

ideia de formação tem pouco mais de um ano e meio, tem como atribuições, o estabelecimento de contactos com os departamentos oficiais dos dois países, a promoção do intercâmbio de missões comerciais, a manutenção de um centro de informações económicas, a realização de conferências, a elaboração de listas de oportunidades comerciais de firmas portuguesas e japonesas, e, em toda a latitude do sentido, o apoio a todas as manifestações que favoreçam o estreitamento das relações recíprocas luso-nipónicas.

A ideia daqueles dois Bancos foi desde logo merecedora da melhor aceitação por parte do Governo, a ela aderindo grande número de firmas e outras entidades bancárias, como o Banco Fonsecas & Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Totta & Acores, Banco Borges e Irmão e Banco Pinto e Sotto-Maior.

Dentro do espírito da Câmara, o Banco Português do Atlântico e o Banco Nacional Ultramarino têm desenvolvido muito representativa actividade. O primeiro, que já realizara, em Lisboa, o Colóquio sobre as Relações Económicas Luso-Japonesas, promoveu uma missão comercial portuguesa ao Japão, cujos seus 53 componentes estabeleceram mais de 400 contactos com firmas orientais. Por sua vez, o B. N. U., foi o único representante da Banca Portuguesa no nosso pavilhão da Feira Mundial Expo-70, em Osaka, tendo fornecido centenas e centenas de informações económicas a comerciantes e industriais do Japão.

Na reciprocidade destas iniciativas, deslocou-se a Portugal, também, uma Missão Comercial Japonesa que contactou variadíssimos meios económicos nacionais, com os melhores frutos para o desenvolvimento da nossa exportação para aquele país longínquo do Oriente.

ASSEMBLEIA GERAL NA F. I. L.

Pois a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa teve, ontem, a sua 1.ª Assembleia Geral, realizada com assistência de um animador número de associados, no Auditório da Feira Internacional de Lisboa.

Na mesa da Assembleia encontravam-se o dr. Mário Neves, (comissário geral da Feira Internacional de Lisboa e director-geral da Associação

Industrial Portuguesa, que presidiu, dando a sua direita ao dr. Takeo Ueno, (conselheiro comercial da Embaixada do Japão em Portugal) e ao dr. Ernesto Ramos, (director da Associação Industrial Portuguesa); à esquerda, encontrava-se o dr. Manuel Miranda Esteves, (director da Associação Comercial de Lisboa, que também representava a Associação Comercial do Porto, a pedido desta). Presentes, ainda, o sr. António Salazar Lereño e dr. José Palla e Carmo, (representando respectivamente as direcções do Banco Nacional Ultramarino e do Banco Português do Atlântico), o sr. Masayuki Ikeda e o dr. Cabral de Menezes, (representando respectivamente a firma Mitsui-Portugal e o Entrepósito Comercial de Automóveis, bem como o dr. Artur Lourenço da Companhia Mineira do Lobito). O dr. José Palla e Carmo representava o sr. Nuno de Carvalho, (consul geral do Japão, na cidade do Porto e presidente em Portugal, da Sociedade Luso-Nipónica, cujo secretário, sr. Manuel de Matos Leite, se encontrava presente).

Após a abertura da sessão, pelo dr. Mário Neves, e lida a Ordem do Dia, o dr. Palla e Carmo historiou os «edmarques» e fazes por que passou a Câmara de Comércio Luso-Japonesa, desde os primeiros contactos, a homologação governamental e a presente assembleia, tendo palavras de agradecimento para várias entidades que tanto apoiaram a formação da câmara.

Em seguida, o dr. Dias Mónica (secretário geral da Câmara) expôs os problemas da vida financeira da agremiação e propôs a fixação de jôia e quotização dos associados, sendo a proposta aceite por unanimidade.

Faltava, apenas, proceder-se, pois, a eleição dos órgãos da Câmara. Após um breve intervalo, foi a lista única apresentada, eleita por aclamação.

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa ficou, então, constituída da seguinte forma:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente: Companhia Mineira do Lobito; Vice-presidente: Beltrão Coelho, Lda.; Secretários, Parda Monteiro, Lda., e Salvador Caetano — Indústrias Metalúrgicas e Veículos de Transporte, S. A. R. L.

CONSELHO FISCAL — A. B. Correia (Marubeni-Lda); Isola — Sociedade Comercial de Isolamentos de Cortiça, Lda.; e Josino da Costa, Lda.

COMISSÃO DE CONCILIAÇÃO E ARBITRAGEM — Presidente: Companhia Mineira do Lobito (nos termos dos Estatutos, o presidente da Comissão de Conciliação e Arbitragem é, cumulativamente, o presidente da Mesa da Assembleia Geral); Restantes membros: Lisnave — Estaleiros Navais de Lisboa, S. A. R. L.; Sanitas — Cortez Pinho & Pimentel, Lda.; Thomás dos Santos, Lda.

Antes de se encerrar a sessão, foi ratificado o reconhecimento do trabalho da Comissão Organizadora, que agora cessa as suas funções, sendo, também, enviado para a mesa, um voto de confiança.

NAO COMPRE UM QUEIJO QUALQUER COMA CASTELÕES
um queijo pasteurizado, amanteigado um queijo de alta qualidade

ANTIGUIDADES
Pintura a óleo s. tela «Paisagem com castelo» (medindo 2,10x1,38 m). Venda: João Trindade (rua St. Teresa) nova est. Lisboa-Porto. Ao km 101 Tel. 42551 de Alcobaca (Aberto também aos domingos)

De vez em quando

Merece aplauso a actividade do Ministério da Marinha no sentido de evitar a poluição da costa portuguesa, agora culminada com um decreto-lei aprovado em conselho de ministros. Já não era sem tempo, pois a juntar à porcaria que os esgotos continuam a depositar tranquilamente na maioria das nossas praias, os areais dourados (é assim que se diz nos folhetos de propaganda turística) começavam a ficar pretos de nafta. O diploma em questão merecenos, porém, duas reservas. Por que é que se prevê uma licença especial permitindo a alguns fazer aquilo que devia ser proibido a todos? Por que é que se estabeleceu, para os prevencadores, uma multa máxima de mil contos, quando em Inglaterra, por exemplo, ela atinge meio milhão de contos? É preciso libertarmos-nos da eterna pecha de abrir excepções e ganharmos coragem para chegar onde os outros chegam. Começemos, ao menos, pela limpeza das praias.

V. D.

QUADRILHA EM TRIBUNAL

(Continuação da 1.ª página)

diciária, o balanço da acção de uma «perigosa quadrilha» baseada nesta cidade.

Um total de 33 acções do grupo, constituído por nove homens e dez mulheres, é descrito na nota da Polícia Judiciária desta cidade, cuja 1.ª Brigada pacientemente reconstituiu as actividades da quadrilha, que nasceu chefiada por José Manuel de Almeida, «O Chaves», o qual participou em 26 daquelas acções.

Um dos elementos do grupo, José Joaquim Meneses, ou José Meneses Medina, que também possuía uma carta de condução em nome de Carlos Alberto de Jesus, natural de Penafiel, foi morto, a tiro em Lisboa, por um agente da P. J., após ter sido preso e resistido de arma em punho, como oportunamente foi noticiado.

Outros elementos da quadrilha: Hélder Duarte da Silva Atalaia, que na Legação Estrangeira usou o nome de Dias dos Santos Almeida Hermanno (as mesmas iniciais ao contrário), e foi preso em Lisboa nos primeiros dias de Janeiro; Francisco António Canastra Caldeira, natural da Figueira de Castelo Rodrigo, antigo empregado de mesa em Coimbra, actualmente refugiado em França; Augusto Alves Rocha, natural da Figueira da Foz, de cuja prisão foi tirado pelo Chaves e pelo Catalão, em assalto à mão armada do que resultou ter ficado ferido o carcereiro; Manuel António Soares Moniz, natural das Acores, tirado pelo Chaves da prisão de Leiria, tendo fugido para França; José de Jesus Simões, natural de Coimbra, posto em liberdade depois de ouvido, tal como Vítor Manuel da Cruz Dias, natural de Lisboa; Alain Chabau, de nacionalidade francesa; e Maria da Conceição Pires Gama e Silva, natural de Lisboa.

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — LISBOA — Telef. 50473

SECÇÃO PROFISSIONAL DE BALCÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De acordo com o artigo 48.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Secção a reunir no Salão da Voz do Operário, Rua Voz do Operário, 13, Lisboa no dia 12 de Março próximo, pelas 20.30 horas com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

- 1 — Informações
- 2 — Conhecer e discutir sobre a situação dos Contratos Colectivos de Trabalho do ramo de TECIDOS, CAMISARIA E MALHAS VESTUÁRIO DE SENHORA E LUVARIA, SAPATARIA, DROGARIA E PERFUMARIA e ainda o Acordo Colectivo de Trabalho com a Firma GRANDELLA, LDA.
- 3 — Regime de Duração do Trabalho
a) Semana de 44 horas
b) Semana Inglesa
c) Período de encerramento dos estabelecimentos de venda ao público
d) Trabalho Extraordinário

Não havendo o número legal de sócios presentes é desde já convocada nova reunião para o mesmo dia, às 21.30 horas, funcionando com qualquer número de sócios.
Lisboa, 25 de Fevereiro de 1971.

Pel'Direcção da Secção Profissional de Balcão

O PRESIDENTE

a) José Ferraõ de Matos

Hora de ponta Hora de inferno

«É de uma exiguidade flagrante qualquer projecto futuro que assente num máximo de capacidade de estações para 4 carruagens, pelo que se tornam urgentes as medidas necessárias a obviar as decisões que o contêm» — conclui o Gabinete de Planeamento de Transportes Terrestres num estudo sobre a afluência de passageiros para o Metropolitano.

A contestação dos projectos do Metropolitano baseiam-se em vários considerandos:

1 — O transporte está a fazer-se em condições de franca incomodidade;

2 — Apesar da incomodidade verificam-se excedentes que para serem cobertos seriam precisas quatro carruagens;

3 — A rede em funcionamento apenas constitui uma pequena fracção da rede total.

4 — A comparticipação do Metropolitano no número total de passageiros é, apenas, de cinco por cento (60 por cento em Paris).

5 — O metropolitano deve estar preparado para render ao fim de 25 anos de actividade.

Os passageiros que sofrem a incomodidade foram ouvidos na Rotunda em hora de ponta.

(Página central)



Porque emigramos?

BLASCO HUGO FERNANDES

O abandono de uma actividade profissional, de uma região, ou de um país, por parte dos seus elementos activos, não como casos isolados, mas como fenómeno envolvendo significativa parcela da respectiva mão-de-obra, sectorial ou geral, produz-se geralmente quando a remuneração do trabalhador, aos preços do respectivo mercado, não lhe permite fazer frente ao custo mínimo de reprodução da sua força de trabalho, nas condições históricas e concretas do espaço geográfico considerado.

No actual contexto socioeconómico português, se medirmos o rendimento do trabalhador do campo não em termos de salários, que auferem em determinadas épocas da campanha agrícola ou em algumas operações culturais, mas em termos de rendimentos que pelo seu trabalho obtêm ao longo do ano, ou pela produção, expressa em valor, verificamos que para a grande maioria dos agricultores e dos trabalhadores do campo a actividade agrícola não é remunerativa. Na verdade, com salários médios rondando os esc. 80\$00 para os homens e os esc. 30\$00 para as mulheres, parece-nos impossível satisfazer convenientemente as necessidades fundamentais da vida, nomeadamente a alimentação, a habitação e o vestuário. Idêntica insufi-

ciência se regista entre os empresários agrícolas familiares cuja produtividade média da terra é exígua (em 1960, por exemplo, andava à volta de um valor médio de esc. 2000\$00, não havendo indícios que tenha evoluído substancialmente). No primeiro caso, a situação agrava-se na medida em que na agricultura há geralmente períodos mortos, ficando consequentemente o trabalhador no todo ou em parte privado de trabalho. Nestas circunstâncias, o ambiente é propício para o êxodo, como forma de tentar novas e melhor remunerações das formas de trabalho e de vida. Não existindo no país um verdadeiro processo de industrialização, susceptível de absorver a mão-de-obra que abandona o campo, o êxodo desloca-se para a cidade ou para as zonas industrializadas, convertendo-se em saída para o exterior, em emigração. Não admira que uma importante parcela desta seja preenchida pelos trabalhadores agrícolas.

Na indústria, em 1969, por exemplo, a diferença registada entre a subida de salários e a subida de preços no consumo, tomando como base o ano de 1961, foi da ordem dos 2 %, o que coloca a actividade industrial, do ponto de vista da remuneração do trabalho, numa posição aparentemente sa-

(Cont. na pág. 8)

MESA REDONDA

Crise no sector dos vinhos

Uma produção (1970) superior à colheita de 1969 mas abaixo da média do último decénio; uma quebra pronunciada nas exportações para o Ultramar e dificuldades sérias criadas pelos novos acordos do Mercado Comum do Vinho ameaçam de grave crise os sectores de produção e exportação dos vinhos portugueses, saídos, aliás, de um período de grandes investimentos com a criação de estruturas nas províncias africanas e campanhas publicitárias no estrangeiro.

A situação deu lugar a sucessivos encontros de representantes dos sectores directamente interessados e, em consequência, a uma exposição dirigida directamente ao Presidente do Conselho, na qual são referidas, com realismo, as circunstâncias que originaram o ar de certo dramatismo quanto ao futuro da produção nacional.

«A economia do vinho» — começa a exposição — «depois de alguns anos de relativo desafogo económico, consequente de múltiplos factores de que cumpre destacar a expansão das Adegas Cooperativas e o incremento das vendas para as nossas Províncias Ultramarinas e estrangeiras, a par da verificação de produções quando muito moderadamente excedentárias do consumo normal, entrou na campanha presente em tão grave crise que nos permitimos para ela vir solicitar a alta e sempre tão escla-

recida intervenção de Vossa Excelência». É logo a seguir: «Trazemos aqui na verdade um problema de imensa importância no complexo económico nacional, com aspectos sociais e políticos de alta relevância interessando à Metrópole e Ultramar».

UMA CAMPANHA FAVORÁVEL

Na exposição ao Chefe do Governo resumem-se, pouco depois, os condicionamentos (graves) que ameaçam a campanha de 1970.

«Por estimativa da Junta Nacional do Vinho, computa-se provisoriamente a produção global de vinhos de consumo em 10,5 milhões de hectolitros, portanto mais 30 %, do que em 1969, e embora menos ainda 10% que a média do último decénio. Encontram os portanto perante uma colheita média, ligeiramente su-

perior, na estimativa apresentada, à do Instituto Nacional de Estatística, que quer a Junta quer a nós próprios parece menos condizente com a realidade.

Por outro lado, a essencial colocação de vinhos metropolitanos em Angola e Moçambique, que atingira o seu máximo em 1966, com uma cifra de 1 479 320 hectolitros, entrou a declinar gradualmente desde então para situar-se em 1970 num total já preocupante de apenas 1 008 445 hectolitros, em sequência, inelutavelmente, de dificuldades de transferências do Ultramar para a Metrópole, e com responsabilidades ainda de um incremento da produção local de outras bebidas, que por vezes até acentuam o seu nefasto carácter rotulando-se de vinhos».

Outros aspectos referidos na exposição dos Produtores, Armazenistas e Exportadores de Vinho: foram impos-

tas restrições à entrada em Angola e Moçambique, de vinhos em quantitativos superiores a 600 000 hectolitros, o que terá estagnado o mercado a preços aviltantes, ao mesmo tempo que os encargos de produção aumentavam; diminuí, igualmente, a exportação de vinhos comuns; é grande o quantitativo de vinho não declarado pelo produtor directo, consequência de não terem sido abatidas, de acordo com a lei, milhares de videiras, «por razões exclusivamente políticas (...) com renúncia chocantíssima à política de defesa da qualidade dos produtos, essencial para subsistirmos e avançarmos em um mundo cujas posições se disputam em aspra lula».

A INTERVENÇÃO DA JUNTA NACIONAL DO VINHO

«Dominados já então por graves preocupações, no último Outono os representantes qualificados da produção e do comércio do vinho insistiram apesar de tudo em renovar o acordo comercial da campanha precedente, e

(Cont. na pág. 4)

ENTRE O MAR E A TERRA



Na praia de Espinho, imagens de tantos outros areais deste País onde subsistem métodos tradicionais de pesca. Sobre a gesta de homens vivendo entre o mar e a terra, porque de um só não podem viver, falamos na PÁGINA TRES

ASSIM VAI MUNDO

Guatemala

«Um comunicado publicado em Bruxelas pela Confederação Mundial do Trabalho chamou, por um breve instante, a atenção para a Guatemala, onde os matadores de todos os horizontes políticos não manifestam o mais pequeno sinal de cansaço. Segundo este comunicado, seiscentas pessoas teriam sido executadas sumariamente pelas forças da ordem de há três meses a esta data.» (Marcel Niedergang, «Monde», 15 de Fevereiro).

Na sua nota, Marcel Niedergang relembra que «a crise social da Guatemala não se pode negar: 660 mil desempregados numa população de menos de 5 milhões de habitantes; perto de 1 milhão de trabalhadores ocasionais; menos de três camas de hospital por mil habitantes; 1 médico por 3700 habitantes; e 1 dentista por 8500 habitantes». (Estes números foram publicados o mês passado pelo Conselho de Planificação da Economia Nacional da Guatemala).

E relembra, ainda, que, «em Abril de 1970, o assassinio, por um comando de extrema-esquerda, do conde Von Spreti, embaixador da República Federal Alemã na Guatemala, tinha muito justamente indignado a opinião internacional».

Amostra

O general checoslovaco Sejna, que, em Fevereiro de 1968, quando começou a «Primavera de Praga», fugiu para Trieste e depois para os Estados Unidos, acaba de dar a sua primeira entrevista depois dessa data ao «Sunday Telegraph».

Dessa entrevista extraímos o seguinte passo: «O negócio do Egipto não foi o único de que os checos desempenharam para os russos o papel de vanguarda. Eu recebi em Praga, no Verão de 1957, Raul Castro, ministro cubano da Defesa, irmão de Fidel, que tinha então vinte e sete ou vinte e oito anos. A ajuda militar checa devia ser discutida durante um jantar organizado pelo nosso ministro da Defesa, Bohumir Lomsky. Barbudos, sem fato adequado, sem protocolo, os cubanos sentaram-se onde lhes apeteceu, insistindo eu ouvir música de dança checa. Foi nesta confusão que o general Lomsky se viu obrigado a perguntar: O que pretende Cuba? Raul respondeu: 2 mil tanques checos. Em troca de rum.»

Com licença do general, em 1957, estava Raul Castro na



Sierra Maestra. Só em Janeiro de 1959 é que os guerrilheiros entraram em Havana e se constituiu o Governo em que Raul

Castro figurou com a pasta da Defesa.

O general Sejna anuncia a publicação das suas memórias. Pela amostra...

U. R. S. S.-China

Reacção da U. R. S. S. ao recente acordo de Bruxelas com vista à união económica e monetária da Europa: «Há um desejo dos europeus de criarem um pólo de atracção oposto ao dólar, que levou a um novo passo em direcção da renúncia à sua soberania, passo que aproveita aos monopólios internacionais supranacionais.» (Youri Joukov, «Pravda», 12 de Fevereiro).

Reacção da China: «O acordo assinado em Bruxelas é um passo em frente importante em vista de a Europa rivalizar com o domínio económico e monetário americano no mundo capitalista.» (Agência Nova China).

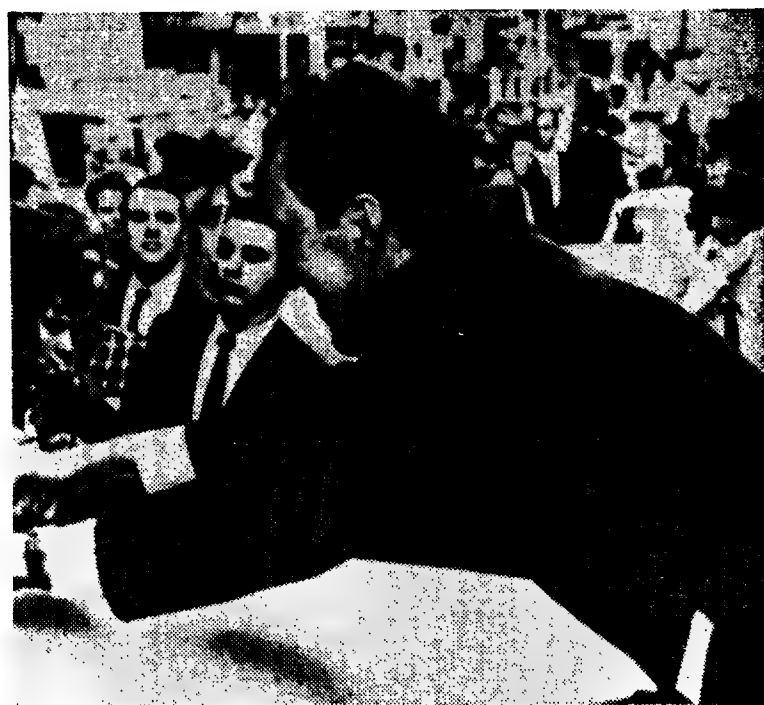
O museu

Interrogado sobre a utilidade do museu que lhe será dedicado (a abrir ainda este ano em Fagueras) Salvador Dali respondeu: «Para mim, a ideia que prima é sempre o dinheiro. Mas um museu oferece uma multidão de outras vantagens. É um centro de cretinização incomparável. Quadros com títulos errados, visitantes que querem explicações, estudiosos perseguindo as suas hipóteses, psicanalistas analisando o eu era mais maluco numa época do que em outra... Tudo isso tem um encanto incalculável».

Há uma frase corrente para comentar esta declaração de Dali: «Com a verdade me enganas».

Neo-colonialismo

Tem-se falado algumas vezes de um colonialismo económico imposto pela U. R. S. S. aos



outros países «do Leste». Ora — a crer em K. S. Karol, que já se sabe não morre de amores pela U. R. S. S. — esse neo-colonialismo económico, pelo menos no tocante à Polónia, não existe: «O comércio com a U. R. S. S. representa, efectivamente, mais de um terço do comércio exterior polaco, mas realiza-se segundo as normas do mercado mundial e em condições favoráveis para a Polónia, que importa da Rússia sobretudo matérias-primas e exporta máquinas, barcos e outros produtos industriais. Acresce que o país é indirectamente beneficiário do intenso comércio entre a U. R. S. S. e a Alemanha de Leste, fazendo-se a Polónia pagar bastante bem pela passagem das mercadorias através do seu território.»

Energia

Dez países europeus decidiram-se pela construção de um gigantesco acelerador nuclear de 300 GEV (300 000 milhões de electrões-voltios), cujo custo está calculado em 1400 milhões de francos suíços. Ficará instalado na fronteira franco-suíça, e visa diminuir o atraso europeu neste campo em relação à U. R. S. S. e E. U. A.

Mito

«Mas o mito popular por excelência era, sem dúvida, aquele que assegurava ao mais humilde dos cidadãos, pelas suas qualidades pessoais e o seu trabalho, a possibilidade de chegar aos mais altos postos, inclusive à presidência dos Estados Unidos. Esta convicção traduzia em toda a sua pureza a ética puritana, e estava pronta a recomensar, tanto na terra como no céu, a virtude, a inteligência, a perseverança. O senador Edmund Muskie, que não tem fortuna, comenta com doce ironia, que, na corrida da investidura democrática para a eleição presidencial de 1972, ele não possui os trunfos de que dispõe Edward Kennedy. «No entanto, estou satisfeito por ter descoberto — diz ele — que um rapaz pobre pode tornar-se presidente deste país, se, de caminhar, arranja 20 milhões de dólares para pagar a conta da campanha...». O tom é mais triste do que sarcástico. «Para ser rico, o meio mais seguro é ter pais ricos» — dizia, aqui há 15 anos, o sociólogo Wright Mills. Como tantos outros mitos, o da igualdade de possibilidades é afastado pelo preço exorbitante das campanhas eleitorais. (Claude Julien).

Papel

Em Vila Velha de Ródão será inaugurada em breve uma fábrica de pasta de papel. Esta unidade fabril produzirá 225 toneladas diárias daquele produto, e exigiu um investimento de 500 mil contos.

É a quinta fábrica de pasta de papel a ser construída no nosso País. Entretanto, em Viana do Castelo iniciou-se a construção duma nova fábrica, cujo investimento será de mais de um milhão de contos.

Vértice

O número 325 da revista coimbrã VÉRTICE, acaba de sair. Entre outros, compõem-na as seguintes artigos: «Capitalismo e domínio sobre os bens», por Orlando de Carvalho; «Progresso e tecnologia», de Rui Climaco; «A situação do cinema em Portugal», por António Fiúza; um poema de B. Brecht — Louvor do aprender — em tradução de Paulo Quintela; além das habituais secções de Economia, Educação, Literatura, e Teatro.

Na contracapa da revista relembra-se «o apelo à participação dos leitores no trabalho cultural em que VÉRTICE se insere», e anuncia-se para breve a publicação de um número especial dedicado à «Situação do Ensino em Portugal». Para ele, de novo, se repete o convite à colaboração dos leitores a três níveis:

a) dizendo quais os aspectos que vos parecem ser mais importantes focar num número sobre o ensino;

b) dando-nos a conhecer da vossa experiência concreta de alunos, professores, especialistas, familiares de alunos, ou cidadãos, os factos, críticas, sugestões, susceptíveis de enriquecerem um panorama da presente situação do ensino entre nós;

c) enviando-nos trabalhos que tenham realizado ou venham a realizar sobre a temática em questão.»

ASSIM
VAMOS
NOS

Seara

Com 50 páginas de texto saiu o número de Março da «Seara Nova». Jofre Amaral Nogueira assina «A nova organica do ensino pré-universitário», e António Borges Coutinho «Lei de Imprensa: liberdade e repressão». Uma reportagem de Helena Neves — «Sol a sol no figo», e um texto sobre «A Fome nos Estados Unidos» da autoria de Jaime de Castro, são outros tantos artigos de entre os muitos que constituem o referido número da «Seara Nova».

Algodão

Segundo estatísticas do Grémio Nacional dos Importadores de Algodão, podemos concluir que em 1970 a Metrópole importou de Angola 23 795 toneladas de algodão em rama. A importação metropolitana atingiu naquele ano o total de 92 511 toneladas, tendo sido de 69 203 a contribuição de ramos importados das províncias de Angola e Moçambique.

Verifica-se deste modo, que as importações do estrangeiro se cifraram apenas em 23 308, o que abre excelentes perspectivas para que, num fu-

turo próximo, o mercado nacional de algodão se auto-abasteça nos seus circuitos internos.

Com base nas mesmas estatísticas, pode estabelecer-se o seguinte mapa:

Total das imp. metropolitanas: 92 511 261 kg.

PROVENIENCIA:

ULTRAMAR

Angola	23.795.788
Moçambique	45.406.544
Total	69.202.332 kg.

ESTRANGEIRO

Turquia	10.521.033
Grécia	2.400.974
Brasil	1.570.770
Colômbia	1.377.305
Celão	1.262.868
Egipto	1.136.632
Israel	1.001.344
Outros países	996.022
Guatemala	790.836
Nicarágua	691.433
Burundi	401.462
Peru	381.064
Uruguai	364.673
Paraguai	230.730
México	160.947
Paquistão	100.027
Total	23.308.020

Para o ano em curso espera-se que a campanha algodoeira atinja em Angola as cem mil toneladas.

Os homens de Espinho

Entre o mar e a terra

JOSÉ ANTÓNIO SALVADOR

UM PATRÃO. Quarenta e quatro trabalhadores do mar. Dois barcos. Redes. Cordas. Várias juntas de bois. O mar. A areia. O capital. Em Espinho, vila-praia a escassos quilómetros ao sul do Porto, a pesca acontece durante cerca de 150 dias por ano. Que os outros dias, o mar é de marés vivas-de-morte.

— No Inverno quase nunca a gente vai ó mar — diz-

—nos um vareiro. E, no entanto, estão presos ao patrão os 365 dias do ano. Presos pela «soldada» (1) que vai dos 3000 escudos anuais, até aos 7000\$00. Os «caneiros» (2) e os «metidores» (3), «sujeitos a ficar traçados pelo remo», têm uma «soldada» de 4400\$00, e os «arraís», um na terra, outro no mar, é que atingem os 7 contos. Além disso recebem uma

certa percentagem do peixe quando vão ao mar.

— Se fazemos três contos de peixe, é 3\$00 de caldeirada para a gente. O patrão é obrigado a dar em peixe, mas dá em dinheiro.

Isto fora outras percentagens:

— Se fizermos 10 contos é uma média de 40\$00 que a gente ganha.

Uns no mar, outros na

terra, usam os braços, a voz e a coragem. Usam os barcos, os remos, as redes as cordas. Cordas do passado, que do passado é este processo pesqueiro espinhense.

A aventura de pescar

«NOSSA SENHORA DA AJUDA», assim se chama o barco, virado ao mar, que os homens aparelham.



«E, enquanto isso, a corda fica presa no areal...»

Põem-lhe as cordas, as mangas da rede e o saco. Depois, quando o mar está de feição, o barco desliza pelo areal, rolando sobre troncos de pinho, à custa dos músculos do vareiro. E é vê-lo rebentar as vagas, erguendo nos ares espuma branca, para logo os remos mergulharem sucessivamente nas águas, e o barco entrar pelo mar adiante. Remos que descem e sobem. Dois. Dois enormes braços que os braços dos homens não deixam parar. E, enquanto isso, a corda ficou presa na praia ao bordão. Uma corda que vai sendo largada mar além pelo arrais do barco, até se deixar cair nas águas a manga da rede, depois o saco, e no regresso à terra, outra manga e outra corda. Duas pontas que as juntas de bois irão puxar. Até as mangas chegarem à terra, e depois o saco. É neste que o peixe virá ou não. A sorte e os santos padroeiros juntos. O destino dos homens confiado à impotência de técnicas pesqueiras rudimentares. A possibilidade do mistério.

Do desconhecido. Da fé. Pescar, assim, é uma aventura. Que muitos já não desejam:

— Os rapazes novos não querem. Vão para a fábrica — disseram o Da Cruz, que ainda acrescentou:

— Muitos já vão trabalhar para Leixões, Setúbal. Em Leixões só há três meses de defesa. Abril, Maio e Junho. Aqui, quando o mar é bravo trabalhamos no Vouga, de carregadores.

Entre o mar e a terra, os homens de Espinho. Quando o mar deixa, no mar. Se está bravo, junto ao comboio do Vouga. Em definitivo, alguns nas fábricas, outros (poucos) rumo às terras do Sena.

Bairro piscatório

CERCA DE QUARENTA famílias vivem, pois, da pesca. Quando a pesca acontece. Algumas delas vivem no Bairro Piscatório. É do Estado. Pagam de renda 135\$00 a aproximadamente. Um bairro com aquele nome, onde também vivem pessoas que não são da pesca. Estas pagam 200\$00 de renda. Um bairro com escola, igreja, e famílias com muitos filhos:

— A média é ter seis filhos. A gente come peixe e, aos domingos, uns bocaditos de carne. As vezes, não pagamos o aluguer. Empenham-se a roupa pra pagar.

E quando não há roupa, há o Vouga. Há as cordas. A rede. O mar. Um patrão. Em Espinho. Terra de Casino. Hotéis. Esplanadas. Piscina. Mar. Onde se fala de turismo. A «cumpanha» e a hora do turismo. Um turismo agarrado à pesca do passado. Em Espinho. Com os homens entre o mar e a terra. Uma aventura, a de pescar, que vai morrer. Que os remos traçam um homem. E um homem é para viver.

(1) Soldada — o contrato que liga o pescador ao empresário.

(2) Caneiros — os pescadores que vão na ponta do remo. Metidores — estes ainda vão mais à ponta.

H. N.



Vem o tempo de feição, e o barco desliza do areal para o mar...

Turismo: hora mundial

Se o leitor faz Turismo, saiba que é um dos 100 milhões de pessoas que se movimentaram por toda a Europa, ocasionando no período de 1950-66, uma taxa de acréscimo de 12 por cento.

Num ritmo de crescimento mais elevado do que os rendimentos mundiais, as despesas turísticas atingiram em 1967, 200 000 milhões de libras. O turismo internacional abrangeu cerca de 6000 milhões. Turismo de cruzeiro, organização de viagens individuais ou em grupo, transporte aéreo, ou em menor escala, transporte marítimo, o Turismo enquanto fenómeno económico ganha relevo no comércio internacional. As pessoas movimentam-se e os países, nomeadamente os membros da O. C. D. E., estão cada vez mais interessados nessa movimentação.

TURISMO TAMBÉM É INDÚSTRIA

Este movimento multiplica indústria com perspectivas de grande crescimento. A título de exemplo, a Suíça, onde 5 por cento da população activa, ou seja, 140 000

pessoas, se empregam na indústria turística, das quais 70 000 ocupadas na indústria hoteleira. Em 1968, foram construídos cerca de 6659 hotéis: Dinamarca (16), Japão (13), Bélgica (28), Portugal (40), Irlanda (48), Reino Unido (61), Grécia (136), França (192), Espanha (441) e Itália (984). Embora as informações não tenham carácter científico, o pessoal, empregado em hotéis e restaurantes, parece distribuir-se deste modo:

Alemanha — 420 000
Jugoslávia — 123 000
Noruega — 32 200
Suíça — 74 500
Portugal — 23 600
Reino Unido — 571 000
Áustria — 295 000
Itália — 86 000
Japão — 35 600
Irlanda — 23 000

Mas os efeitos económicos da expansão turística não se restringem ao alojamento e alimentação. Segundo uma estimativa do «Hotel and Catering Economic Development Council», que visa determinar a constituição e distribuição das despesas turísticas, e os divertimentos e transportes internos são dos

principais sectores atingidos. Daí a indústria dos «loisirs» que começa a ocupar, em todo o mundo, pessoal qualificado.

TURISMO: COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Em 1968 os países da O. C. D. E. alcançaram como receitas totais provenientes do turismo, 10 900 milhões de dólares. Factores diversos como as desvalorizações monetárias no final de 1967, em Espanha, no Reino Unido, Dinamarca, Finlândia, Islândia e Irlanda contribuíram para uma diminuição destas receitas, que se calcula serem brevemente ultrapassadas. Os países estão atentos a esta rendosa fonte de divisas e estabelecem programas de acção de modo a favorecer o Turismo. No início de 1969 países da O. C. D. E. reunidos, tomaram diversas medidas de estímulo da actividade:

«Vistos e passaportes (em Portugal os turistas alemães podem entrar no país desde 3 de Abril de 1969 com simples apresentação do bi-

lhete de identidade, os turistas franceses desde 1 de Julho e os suíços desde 7 de Julho).

— Facilidades aduaneiras.

— Criação de organismos oficiais de turismo.

— Inquéritos e relatórios oficiais.

— Assistência técnica dos diferentes países.

— Ajuda financeira e fiscal do Estado à indústria turística.

— Protecção e recepção dos turistas estrangeiros.

— Realização de congressos internacionais (em Inglaterra as receitas devidas a Congressos foram avaliadas em 1968 em 38 milhões de dólares).

Desde 1967 que se multiplicam. Reuniões entre

países europeus, algumas organizadas pelo «comité do Turismo, com a participação dos Bancos Centrais e de Departamentos Oficiais de Estatística. O fim é sempre o mesmo: expansão do rentável fenómeno Turismo. Neste domínio a O. C. D. E. manifesta, naturalmente, o maior interesse na cooperação internacional.

Numa palavra, que as pessoas se movimentem por esse mundo fora e as divisas entrem, eis o objectivo dos aliciantes cartazes turísticos.

(Dados obtidos através da publicação de Julho de 1970 do Centro de Estudos de Turismo da Corporação dos Transportes e Turismo).

SOCIOLOGIA GERAL

por GUY ROCHER

Uma obra fundamental para o estudo da sociologia, que acompanha as mais recentes investigações e posições teóricas e doutrinárias dentro deste ramo do conhecimento.

PEÇA UM FOLHETO COM O PLANO DA OBRA

EDITORIAL PRESENÇA

* R. Augusto Gil, 2, c/v-Esq. * T. 766912 * Lisboa

A crise dos vinhos

(Cont. da pág. 1)

expuseram a seguir ao Governo o seu plano de tentar a manutenção de um mercado equilibrado em conjuntura de sinal inverso, pela absorção de um jé previsible excedente de 200 000 pipas e a sustentação dos preços do acordo anterior, desde que pudesse retomar o seu anterior alto nível a saída dos nossos vinhos para as Províncias Ultramarinas, e a exportação de vinhos a granel para o estrangeiro.

O problema reside na retirada do mercado do previsto excedente de 200 000 pipas, ou cerca de um milhão de hectolitros, a serem armazenados ou reduzidos a álcool a expensas da J. N. V. Na exposição refere-se ainda que, de acordo com a política de integração económica traçada superiormente, foram feitos investimentos superiores a 150 000 contos no Ultramar, com vista à expansão e valorização do vinho português, de

armazéns e instalações de engarrafamento no local do destino.

Em resumo, os interessados pediam ao Governo: suspensão das restrições dos volumes de venda para o Ultramar; auxílio eficiente à exportação de vinhos a granel; medidas para eliminar o peso do vinho de produtores directos no mercado; e intervenção da Junta Nacional do Vinho comprando a preços fixos os vinhos na base de 12 graus. No caso de tal não acontecer, os produtores e exportadores declararam seriamente as suas dúvidas sobre a acção daquele organismo de coordenação económica.

CONCILIAÇÃO PARCIAL

A Junta Nacional do Vinho anunciou, entretanto, uma intervenção no mercado, que não satisfaz os in-

teressados. O respectivo Conselho (Corporação e Grémios) elaborou um parecer, que o Governo aprovou, em parte, sobretudo no que diz respeito à intervenção, comprando a J. N. V., até Julho deste ano, determinados quantitativos aos preços de 4\$50 e 3\$50 (tintado e branco), na base dos 12 graus, com garantia de que a recepção de amostra, classificação, tirada e pagamento se processarão imediatamente e em ritmo acelerado «de modo a refazer a necessária confiança na acção da Junta». O problema das exportações, todavia, mantém-se.

Numa análise geral, poderemos obter algumas conclusões imediatas: a produção do vinho nacional excede largamente a procura metropolitana; os sectores de produção organizaram-se de acordo com possibilidades imediatas de exportação (Ultramar e estrangeiro) de rentabilidade certa; essas bases foram circunstanciais e não assentavam em bases seguras, pois as restrições (de qualquer modo previsíveis, sobretudo na área do Mercado Comum) puseram em grave crise todo o sector; mantêm-se em níveis pouco satisfatórios as acções de coordenação económica do sector. De qualquer modo, e no que se refere ao consumo interno, pode verificar-se que o aviltamento de preços praticados junto do produtor não se tem reflectido na estabilização de preços praticada anos atrás, fazendo aumentar substancialmente o preço por litro, tendência que se mantém, sobretudo no que diz respeito aos vinhos de qualidade (normalmente garantidos pelas Adegas Cooperativas). Que algo está mal, verifica-se, pois, pelo agravamento das condições que atingem todo o sector — a procura nacional. Talvez tudo isto melhore quando for imposta uma defesa férrea da qualidade e pureza das castas, sobretudo nos grandes mercados consumidores do país, onde o público é convidado a beber misturas nada convidativas a preços standardizados.



Não tem reflexos no consumidor o «aviltamento» dos preços

tem
a
palavra
o leitor

Problemas dos técnicos agrícolas

Da Direcção do Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas recebemos com o pedido de publicação, a carta que a seguir transcrevemos:

«O suplemento «Mesa-Redonda» n.º 82 de 19-2-71, em «Assim vamos nós» inseriu oportuno apontamento sob o título «Sindicatos».

Mas, se é incontestável o acerto do caminho apontado para estruturação dos sindicatos, poderia ter sido evitada ligeira desnecessária no exemplo de que se lançou mão este sim, contestável logo pela mentalidade evidenciada num dos apontamentos seguintes sobre «Quadros», mas ainda por serem de todo ignoradas «preocupações» com a pulverização de sindicatos (?) no sector de actividades escolhido.

Das classes profissionais citadas só os regentes agrícolas têm sindicato próprio.

São referidos, como outros técnicos, em números meramente exemplificativos do que é pulverização sindical, mas é pena que não tenha sido suficientemente salvaguardado que tais números não pretendiam ter qualquer correspondência com a realidade.

Esta poderia no nosso caso ter sido previamente conhecida e quando assim citada em nada alteraria o panorama da errada estruturação dos nossos Sindicatos. Evitar-se-ia, no entanto, o menor ou maior inconveniente de serem publicados numeros muito diferentes dos reais.

Os regentes agrícolas — cerca de 3000 em todo o País — estão na maior parte inscritos neste Sindicato, embora apenas 1100 sejam presentemente considerados sócios efectivos, por razões que de certo modo são contraditórias das «preocupações» relativas ao âmbito profissional dos sindicatos.

Por outro lado, no «debate urgente» que se sugeriu seria interessante verificar como tão acertado princípio de estruturação dos sindicatos é entre nós utopia pura quando aplicada a todos os profissionais do sector escolhido para exemplo.

Deixando ao critério de V. Ex.ª e do autor do apontamento sobre «Sindicatos» publicar ou não qualquer nota esclarecedora, apresentamos a V. Ex.ª os nossos cumprimentos e os nossos agradecimentos pela atenção que nos dispensou.

N. da R. — O comentário da R. a carta do Sindicato dos Regentes Agrícolas se refere inspirado-se, como é evidente, na proliferação (possível) de Sindicatos de classe e não de sector, dentro do mesmo ramo de actividade. Partia-se, inclusive da constatação de os agentes rurais desejarem, com certa lógica, obter um organismo profissional. O problema que se põe será, portanto, se não será altura de o problema ser repensado por todos os técnicos agrícolas no sentido de haver uma harmonização positiva e não uma dispersão de interesses que a ninguém aproveita.

Quanto à nota intitulada «Quadros», basta lê-la com atenção para se verificar tratar-se de uma transcrição de um editorial da revista «Engenheiro», publicada a título informativo e sem que envolva qualquer posição particular da Redacção.

Uma carta da C. P.

Referindo-se a uma local publicada na secção «Assim vamos nós», recebemos do serviço de relações públicas da C. P. a seguinte carta:

«Sob o título «Luzes...» publicou o jornal que V. Ex.ª superiormente dirige, na sua edição de 5 do corrente, uma local transcrita do «Jornal Português da Economia & Finanças», acerca da qual nos permitimos, por nossa vez, transcrever a carta que, em 27 de Fevereiro findo, endereçámos àquele quinzenário, em resposta ao mesmo assunto:

«A edição datada de 28 do corrente, do jornal que V. Ex.ª dirige, publicou uma local em que se escreve irem desaparecer dos comboios as carruagens-restaurante, convencionais pa-

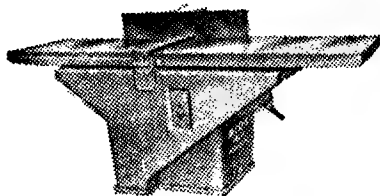
ra do lugar a um serviço de self-service necessariamente mais mal servido, mais incómodo e, de maneira nenhuma mais económico». E rematando o notício, período: «Apenas mais lucrativo para a C. P.».

Desejamos esclarecer o articulista, bem como os seus leitores, apenas do seguinte:

1.º — Que todo o serviço de carruagens-restaurantes, na rede nacional, é explorado, em exclusivo, pela Companhia Internacional de «Wagons-Lits», entidade a que a C. P. é estranha.

2.º — Que a tendência irreversível de toda a restauração futura dos serviços de «self-service» — sejam ou não do domínio da ferrovia.

«MIDA»



UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

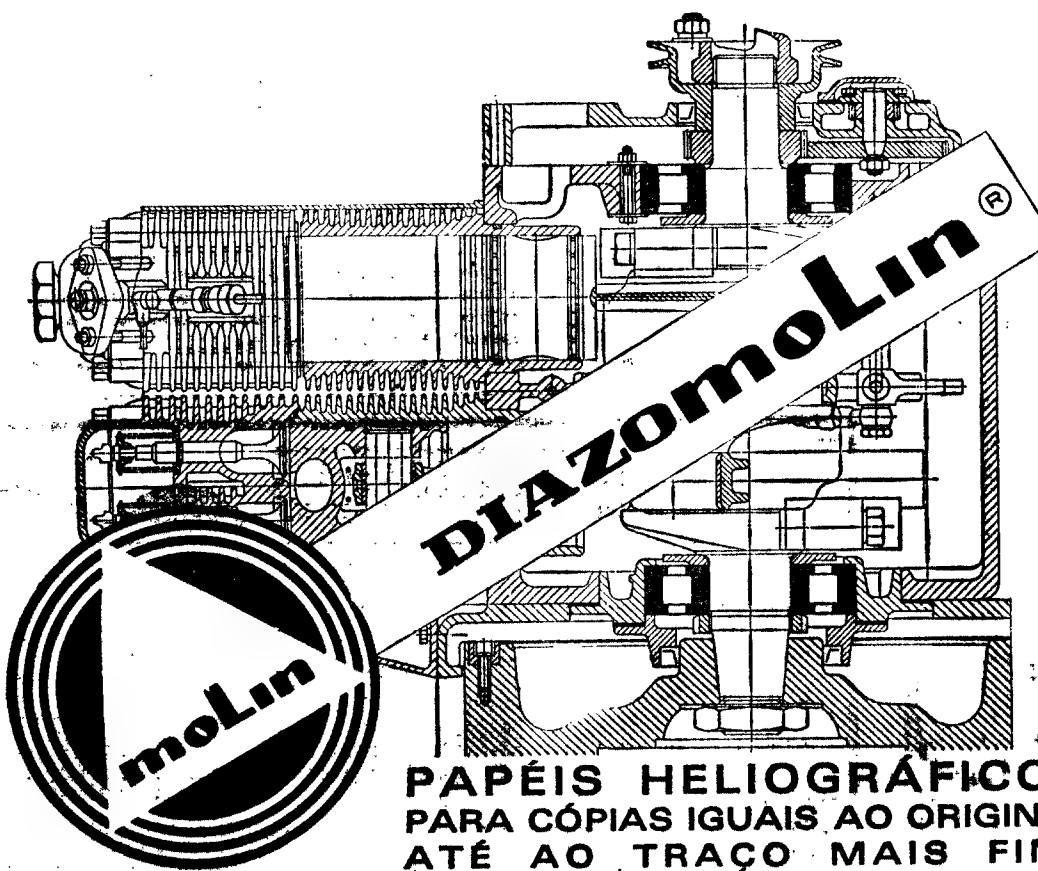
- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

GARLOPA
Mod. GA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 14147)



**PAPÉIS HELIOGRÁFICOS
PARA CÓPIAS IGUAIS AO ORIGINAL
ATÉ AO TRAÇO MAIS FINO**

molim V. N. CAIA - SALGUEIRO DE VENDA - DO PORTO DE JULIO DINIS 987 TEL. 612202 - EM LISBOA R. DO FIEVAL 30 TEL. 324878

Em Espanha também é hora de reforma

ENTREVISTA COM MIREYA MONTANÉ

No encontro de professores do Jardim Pestalozzi, esteve Mireya Montané com a sua experiência e vontade de agir contra as condições deficientes de ensino. Esteve também em «Mesa-Redonda», debatendo problemas do Ensino Primário.

Volta hoje às nossas colunas, transmitindo-nos uma visão crítica da Reforma Educativa Espanhola. Professora do Instituto de la Educacion da Universidade Autónoma de Barcelona e directora da secção linguística da Instituição Pedagógica «Rosa Sensat», de Barcelona, impunha-se uma entrevista com M. Montané, para nos dizer até que ponto a questão do ensino é, como outras, uma questão de certa identidade ao nível peninsular.

ANÁLISE DA REFORMA EDUCATIVA

P — Quais os aspectos mais significativos da Reforma Educativa espanhola e quando entra em vigor a Lei Geral da Educação?

R. — A Reforma Educativa tenta criar um ambiente favorável para que os alunos descubram por si próprios as técnicas instrumentais de aprendizagem, estudo e trabalho pessoal, para que desenvolvam as capacidades de imaginação, observação, reflexão, análise e síntese, para que adquiram o domínio sensor-motor do seu próprio corpo, para que conheçam a sociedade em que vivem, etc. Em alguns níveis e de um modo experimental, a Lei Geral da Educação entrou em vigor no ano académico de 1970-71.

P. — Qual a duração do ensino primário?

R. — O ensino primário, que infelizmente tal como acontecerá em Portugal com a nova reforma, não tem carácter obrigatório, serve as crianças dos 3 aos 6 anos.

P. — E qual será a planificação dos 8 anos da escolaridade básica?

R. — A educação geral básica será gratuita e obrigatória, dividindo-se em duas etapas. A primeira compreenderá dos 6/7 anos até 10/11 anos, isto é cinco níveis, e a segunda dos 11/12 anos até aos 13/14, isto é, três níveis.

P. — Que nível de habilitação é exigido a um docente primário espanhol?

R. — As habilitações a exigir serão 15 anos de estudo: oito de EGB, 3 de bacharelato, um de orientação universitária e três de

Escola Normal do Magistério ou de qualquer faculdade.

P. — Entende que todos os professores da escola básica devem ter a mesma habilitação?

R. — Sim, parece-me uma das condições essenciais para que o professor deixe de estar hierarquicamente dividido em castas.

P. — Em que altura dos currículos escolares deviam surgir as disciplinas de opção?

R. — Penso que os alunos deveriam poder escolher as tarefas a realizar desde o jardim infantil. Dado que isto, de momento, é utópico, deveria começar-se quanto antes. Em Espanha começa-se com o bacharelato, aos 14/15 anos.

P. — Qual a finalidade do curso de orientação pré-universitária? Em que mo-

mento surge e como funciona no curriculum escolar?

R. — O curso de orientação pré-universitária tem como objectivo facilitar aos alunos o futuro caminho universitário, dando-lhes a possibilidade de descobrirem e aprenderem a metodologia do trabalho intelectual.

bilidades, funciona em regime de liberdade e de responsabilidade

LINGUA: MUTAÇÃO NO ENSINO

P. — Em que bases assenta o ensino da língua?



Mireya Montané

tual. Surge depois do bacharelato, entre os 17-18 anos, e, dentro dos limites da instituição, e das pos-

Há uma orientação única a seguir na docência da língua, desde o início da escolaridade até ao nível universitário?

R. — O ensino dinâmico da língua só pode basear-se na livre comunicação e expressão. Procuramos nos diferentes graus de ensino, uma orientação única no sentido da observação, reflexão e sistematização da própria língua.

P. — Nesse contexto, o ensino da gramática é, com certeza, diferente do habitual...

R. — Sim, para ensinar a gramática parte-se da própria linguagem falada dos alunos, fazendo com que descubram uma formalização gramatical própria. Assim o tipo de gramática utilizado é descoberto pelos próprios alunos, o que não impede que o professor informe dos métodos da gramática generativa.

P. — Em Portugal, os professores eventuais estão a discutir a sua situação profissional. Em Espanha, existem problemas neste sector? A percentagem de professores eventuais na

ensino médio, é significativa?

R. — O professorado, interino ou contratado, não funcionário representa 60 a 70 por cento de todo o pessoal adscrito aos centros estatais de Ensino Médio, segundo as próprias estatísticas do Ministério, e tem garantia de trabalho apenas por um ano lectivo, enquanto o resto do professorado é vitalício.

P. — Os programas oficiais parecem ser, de certo modo, criticados. Quais os defeitos que lhes apontam?

R. — Talvez o maior defeito esteja nas enormes dificuldades económicas e técnicas para os pôr em prática.

P. — A preparação do pessoal docente faz-se a diversos níveis e em vários centros ou é objectivo único do Instituto de Ciências de Educação da Universidade Autónoma de Barcelona e de seu Centro Piloto?

R. — Por enquanto, é ao Instituto de Ciências da Educação, que cabe a função de Renovação pedagógica. Fundado no decorrer de 1969-70, o Instituto funciona paralelamente à Universidade Autónoma, dependendo o seu director do reitor da universidade. Os professores são contratados ou são funcionários de outros centros em comissão de serviço especial. O seu objectivo fundamental é tentar uma autêntica formação do professorado e experimentar as novas directrizes pedagógicas. Para tal, serve-se do centro piloto «Joanot Martorell» onde professores e alunos vivem a aventura de criar novos caminhos que possam levar à pedagogia do séc. XXI.

P. — Para finalizar gostaria que me enunciasse os problemas fundamentais do ensino em geral.

R. — A carência de verdadeiros centros de formação de professores para todos os graus de ensino, falta de vencimento adequado às necessidades reais, ausência de garantias profissionais, falta de flexibilidade para passar de uma categoria à outra dentro da carreira profissional, (caso dos professores eventuais, agregados, catedráticos que são três mundos antagónicos e irreconciliáveis) etc., etc.

Helena Neves

França: Quem subsidia a saúde?

O caminho dos povos para a paz, os progressos tecnológicos, as conquistas da medicina moderna alongam as esperanças da vida humana.

Em França, no tempo de

talidade infantil, há um século, em cada duas crianças menores de 1 ano, morria uma. Actualmente no primeiro ano de vida, sobrevivem 98 por cento das crianças. Mas todo es-

desconhecida. Por outro lado, além de não existir um equipamento médico-sanitário que permita prevenir as doenças conhecidas e possíveis de curar, outras ocorrem ao nível do cancro, da leucemia, afecções cardio-vasculares, vi rus, doenças nervosas e mentais, acerca das quais, a ciência médica se interroga e busca vias novas de investigação.

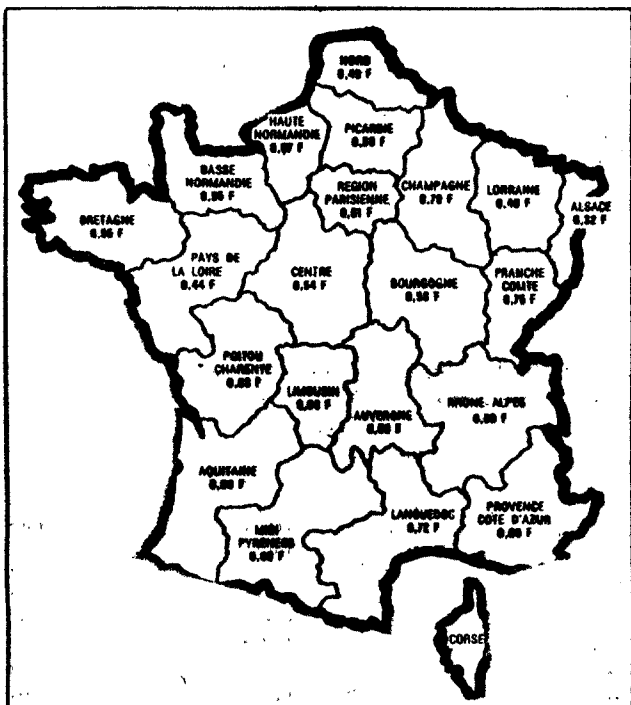
As doenças mais frequentes em França atingem, por ordem decrescente, as

vias respiratórias, coração e vasos, vias digestivas, sistema nervoso; o cancro, reumatismo, doenças infecciosas e raras. As principais causas de morte são as doenças de coração e arteriosclerose, cancro e leucemia, doenças renais e hipertensão arterial, lesões vasculares cerebrais, mortes violentas, vias respiratórias doenças infecciosas e tuberculose.

1970: CINCO MILHÕES DE FRANCESES ACCIONISTAS DA VIDA

Desde 1967 que o Estado tem sido pressionado pela necessidade de auxílio à investigação médica. Entre

(Cont. na pág. 8)



Quanto pagam (voluntariamente) os franceses

Luís XI, a média de vida era de 29 anos; em 1870, os 40 anos constituíam já uma meta alcançada e actualmente, é corrente atingir-se os 80 anos.

Um trabalho científico constante tem influência para o decréscimo da mor-

te progresso, toda a luta, vitoriosa contra a doença e a morte, tem um longo caminho a percorrer. Em França, a tuberculose ceifa ainda, anualmente, 10 mil pessoas, apesar de em países como a Dinamarca esta doença ser praticamente

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

AKAI

SÍMBOLO DA TÉCNICA EM:

• alta-fidelidade

• gravadores de som

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Onyx-Representações Electrónicas, Lda

Prescrit e exposição CAMPO DAS DEBOLAS, 35 A 12

serv. técnicos AVISO DE JESUS 5 1211 1 96 11



Gente de mais só para duas carruagens

É preciso rever todo o processo

A tendência dos metropolitano mundiais de ligar rapidamente dormitórios de operários e locais de trabalho parece não ter sido acompanhada em Lisboa. O Metropolitano serve, na sua estrutura, fundamentalmente, a zona comercial e de trabalho burocrático (um metropolitano fora das horas de ponta, ao serviço de quem quer vir para a Baixa fazer compras).

Mas com o aumento do preço dos transportes à superfície, o metropolitano torna-se o transporte mais rápido e mais barato. A procura do serviço aumenta, em seis meses, nas horas matutinas de ponta, de um excedente de 10 por cento para 52 por cento das 8.30-8.45 h., e de um excedente de 32,5 por cento para 76 por cento das 8.40-8.45 h. nas estações de Sete Rios e Entrecampos.

Num estudo recente em relação às estações de Sete Rios e Entrecampos, verifica-se não só a afluência nestas estações como as respectivas origens. As conclusões, publicadas muito recentemente na Revista de Transportes do Gabinete de Planeamento de Transportes Terrestres, são claras:

«Tendo em atenção que:

1.º Já neste momento o transporte se dá em condições de franca incomodidade;

2.º Apesar da incomodidade se verificam excedentes que para serem cobertos necessitariam de 4 carruagens;

3.º A rede em funcionamento apenas constitui uma pequena fracção da rede total prevista;

4.º A comparticipação actual do número de passageiros transportados em metropolitano para o número total de passageiros transportados em transportes colectivos não atinge os 5% (em Paris a mesma é da ordem dos 60%);

5.º É defendido, como princípio indiscutível, que uma infra-estrutura como o metropolitano apenas deve atingir o pleno funcionamento 20 a 25 anos após a sua construção devendo continuar a servir em boas condições por mais umas largas décadas.

Poder-se-á concluir que é de uma exiguidade flagrante qualquer pro-



jecto futuro que assente num máximo de capacidade de estações para 4 carruagens, pelo que se tornam urgentes as medidas necessárias a obviar as decisões que o contenham.»

As conclusões do Gabinete de Planeamento de Transportes ajudam-nos a ter uma ideia clara, de que os autores do primeiro projecto

do Metropolitano não previam o seu funcionamento ao fim de 20 anos, nem sequer de dez. Dez anos depois, o Metro superlotado é a imagem da falta de prospecção deste meio em Portugal. Todavia, não podemos ser tão ingénuos que expliquemos o não alargamento e a pequenez do Metropolitano apenas por uma falta de visão a longo prazo. Um passageiro, empurrado, encaixotado, perguntava:

— Haverá interesses que não deixem estender o Metropolitano?

Aparentemente, esta questão é ingénuo. Mas, quando lemos as conclusões como as do Gabinete de Planeamento, quando assistimos em 1970 à criação do Metropolitano do México, obra com muitos quilómetros, construída em dois anos, e presenciámos, o esforço do nosso há dez anos para sair do centro de Lisboa, a caminhar a passo e passo, lento, enquanto o povo, na ânsia de poupar tempo se esmaga dentro das carruagens, ou circula nos outros lentos transportes à superfície, a questão passa a ter outra força.

O que será necessário para que o Metropolitano de Lisboa, autêntica «Ponte sobre o Tejo» no domínio dos transportes da cidade, funcione ligando zonas industriais a zonas de dormitório, tornando o mais rápidas possíveis essas ligações? Não haverá necessidade de que a Câmara Municipal de Lisboa desenvolva, associada à Companhia do Metropolitano, uma batalha de consciencialização para que um projecto válido para o ano 2000 (1971+29 anos) possa ser realizado em Lisboa antes de 1975? Ou teremos ainda na década de 1970, na Rotunda, num final de tarde, o escândalo de quereremos enfiar uma multidão numa caixa de fôfóros?

Metro

Hora hora

DEZANOVE HORAS, estação da Rotunda. Local de confluência das duas únicas linhas do Metropolitano de Lisboa: a de Sete Rios e a de Entrecampos. A partir dali, uma única até ao Rossio, até aos Anjos. Dezanove horas, momento de aperto. Cais de embarque cheios de gente apressada, a caminho de casa após o trabalho: casa na cidade, casa nos arredores. Para alguns, uma viagem breve. Para outros, o início do longo calvário dos transportes colectivos até ao lar, cada vez mais distante. Hora de ponta, hora de aperto, como nas grandes capitais. Estas, porém, têm grandes metropolitano — à sua medida, à medida das necessidades vitais da sua expansão. O Metropolitano de Lisboa, pelo contrário, é um minimetropolitano. Um metropolitano quase experimental, já ultrapassado antes do pleno funcionamento. Que será quando (quando

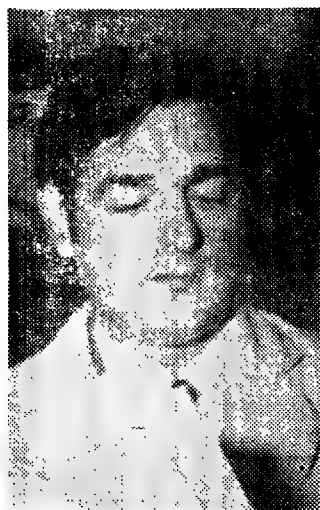
ruagens, em cada composição, são insuficientes. É urgente um aumento de carruagens nas horas de ponta. Diz-se que o metropolitano não pode ser alargado, mas as razões devem ser somente de ordem financeira.

Esta, aliás, é a opinião da jovem Maria Celeste Camilo, estudante e empregada de escritório.

— Até suamos — confessa. — E quando encontramos cavalheiros pouco educados? Não sei qual, mas sei que tem de haver uma solução. Este transporte convém-nos por ser rápido. Ah, mas são poucas carruagens.

OS PEQUENOS TRUQUES

Como em todas as coisas da vida, o metropolitano tem os seus clientes da primeira hora, aqueles que o conhecem e descobrem



Artur José Alves



Francisco Fialho

será) chegar aos pontos cardeais da cidade, alcançar Algés, a Amadora?

Dezanove horas. Da barafunda infernal da superfície, uma multidão considerável deixa-se engolir pelas bocas do «metro», entra no pequeno inferno da luta titânica por um lugar — uma pequenina superfície de desconforto e paciência.

O QUE PENSAM OS UTENTES

Recolhemos opiniões dos passageiros habituais do metropolitano de Lisboa. Todos, sem excepção, declaram que viajar no transporte colectivo subterrâneo, àquela hora, é uma verdadeira tortura. Utilizam-no, no entanto, porque não têm, mesmo assim, outro meio tão rápido e eficiente de transporte. É mau mas ainda é o melhor.

Ouçamos, então, o sr. António Maia, funcionário corporativo, um homem na multidão do caos.

— Faço habitualmente o percurso Anjos-Marquês de Pombal. Somente duas car-



Metropolitano

a de ponta, a de inferno

as abertas e as possibilidades. Ouçamos, por exemplo Maria Manuela Ferreira, funcionária pública e passageira desde que este serviço público foi inaugurado:

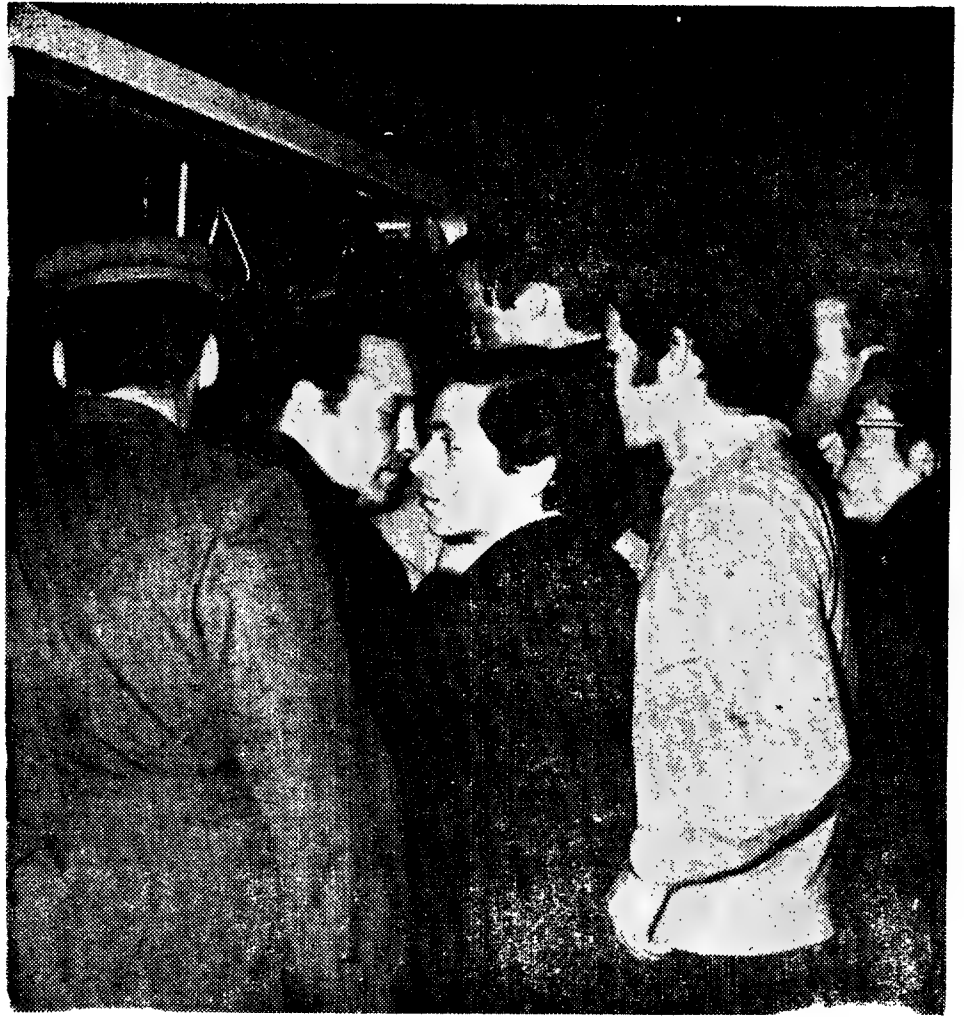
— Pois, sou cliente desde a primeira viagem. Viajo todos os dias. Para arranjar um lugar, eu que vou para Sete Rios, sigo este siste-

número de passageiros que actualmente o utilizam — comentou, a nosso pedido, referindo-se ao «metro» lisboeta. — Infelizmente as estações foram feitas sem condições para isso. E que nós somos um País de ideias curtas, condição esta agravada pela influência de conflitos de interesses. Para já,

quando o aperto passar. Se houvesse mais carruagens, melhor. Mas não há problema. O que é preciso é calma...

Quanto ao mecânico Alfredo Matos deixou-nos com uma pergunta:

— Sendo este o transporte mais rápido e económico, o que melhor pode ser-



Capacidade ultrapassada logo à nascença



Ana M. Viseu



António Maia



M. Celeste Camilo

ma: meto-me num comboio para os Anjos, a esta hora com pouco movimento. E nos Anjos tomo outro comboio para Sete Rios, de modo a garantir o lugarzinho de regresso, sem grandes apertos...

Podemos garantir que este caso não é único.

VISTAS CURTAS

António Ferro, colocador do Serviço Nacional de Emprego:

— Já é insuficiente porque não foi previsto para o

uma necessidade objectiva: mais carruagens, mais comboios, mais redes...

Mesmo ali, deparámos com um exemplo vivo de paciência e calma. Decifrando paulatinamente as suas palavras cruzadas, o sr. Francisco Durão Fialho, empregado na Gelmar:

— Para começar, o metropolitano não está mal, até porque é o meio de transporte mais rápido. Enquanto faço as palavras cruzadas, aguardo «melhor tempo». Acabarei o jogo calmamente sentado numa cadeira,

vir a população num tempo de deslocações cada vez mais difíceis, porque não é a rede aumentada rapidamente? Será que a Carris não tem interesse em que o «Metro» se expanda?

O INTERESSE DE TODOS

Alice Sampaio Garcia, estudante de germânicas, não andou longe do pensamento anterior:

— Um metropolitano útil e bem explorado tem de ser rentável, tanto para a empresa como para o público: é o mais rápido e económico meio de transporte. Porque não se expande, então? Olhe, parece-me que as muitas empresas de transporte à superfície, que por aí há, não têm interesse nisso.

Contudo, há gente de classes elevadas que, «de vez em quando», se servem deste transporte popular. É o caso de D. Carolina Trínidé, metida, com o seu casaco de peles, naquela barafunda das dezanove horas.

— É raro servir-me do metropolitano — disse-nos — sobretudo porque anda normalmente muito cheio. Só o utilizo em caso de extrema urgência.

Outro cliente habitual e esclarecido, o estudante João Galamba Pinto:

— Está a ver, isto é alitivo. A gente pergunta-se porque é que o metropolitano não aumenta, e não encontramos razões, nos tempos que correm. O México construiu 24 quilómetros de «metro» em dois anos. Trata-se de uma política de transportes mais a sério, é tudo. O «metro» é um transporte ao serviço de toda a gente e era lógico que se pensasse nele com vistas ao futuro. Mas quê... Fala-se em falta de mão-de-obra. E de quem é a culpa? Olhe, vou ver se entro no comboio. Ainda é o melhor que temos...

EXEMPLOS

Ana Maria Viseu, estudante, penúltima depoente neste nosso inquérito. Disse-nos:

— Falta de vistas, é o que isto é. Não pensar no futuro é o «forte» das nossas realizações. Vemos isso em toda a parte. O metropolitano ainda mal nasceu e já não serve. O Instituto onde sou aluna, que ainda cheira a

blemas que logo começaram a surgir, foi um nunca mais acabar de soluções provisórias. Para já, impõe-se talvez acabar com os bancos (salvo os destinados a doentes, inválidos e senhoras grávidas), a fim



Alfredo Matos



Maria V. ... eira

tinta fresca, já não chega também.

Finalmente, ouvimos um ex-funcionário da empresa do metropolitano, sr. Artur José Alves, o qual, com a sua experiência, nos falou assim:

— O metropolitano foi feito para o presente (dessa altura) e não para o futuro. A partir daí, e face aos pro-

de alargar o espaço disponível. Os percursos são curtos e rápidos, poucos incómodos haveria. Mas, sobretudo, impõe-se alargar o número de linhas, aumentar o número de carreiras, pôr ao serviço mais carruagens. Há dificuldades técnicas, mas serão impossíveis de superar? Finalmente, pense-se no futuro.



Cabe sempre mais um...



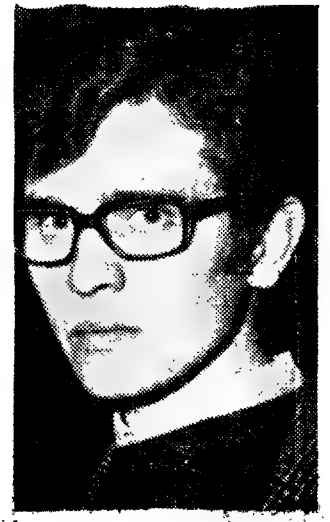
António Ferro



Alice Sampaio



Carolina Trínidé



J. Galamba Pinto

Quem subsidia a saúde em França

(Cont. da pág. 5)

1970-71, os subsídios oficiais, neste domínio, aumentaram 26 por cento. Mas não basta. E assim

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

os franceses são solicitados através de apelos à sua «solidariedade e generosidade». A palavra de ordem, é tornar milhões de franceses «accionistas da vida» mediante a compra de acções de 5 francos. Citando uma nota de «La Recherche Médicale Française»: «...há foi por acaso que a nota de 5 francos foi escolhida. Com efeito, a efígie de Pasteur, simboliza todas as descobertas científicas e o progresso na medicina e na terapêutica.»

Enfim os franceses ocorrem a prestar o seu donativo, num exemplo unânime de auxílio privado a um

sector que devia ser mantido integralmente pelo Estado. É para isso que os cidadãos pagam imposto. É para isso que os trabalhadores descontam para a Previdência e Segurança Social. Por outro lado, subsidiando a saúde, qualquer Governo investe no capital mais produtivo: o capital humano.

Mas, enquanto as coisas decorrem, os cidadãos compram saúde, na certeza de que a cada descoberta científica, a esperança de vida aumenta.

Não sómente (nem nada predominante) os laboratórios — investigação médica — são os templos do futuro, da riqueza e do Bem-estar como dizia Pasteur. Não sómente neles, e através deles, «a humanidade cresce, fortifica-se e torna-se melhor»

HELENA NEVES

Porque emigramos?

(Cont. da pág. 1)

tisfatória. Mas isso, na realidade, não se verifica. Efectivamente, se considerarmos os preços no consumo, ponderando os produtos e bens pela sua importância no orçamento do trabalhador e/ou do respectivo agregado familiar; se tivermos em conta que a estrutura dos gastos que uma pessoa ou um núcleo familiar faz, é função dos rendimentos auferidos, sendo tanto maior a percentagem do seu orçamento dirigida para os artigos de primeira necessidade (alimentação e habitação) quanto mais baixos os referidos rendimentos; se, por último, considerarmos que

em Portugal aqueles bens são os que maior subida de preço têm sofrido, anulando a relativa vantagem dos salários em relação aos preços no consumo, concluiremos que também no sector industrial as remunerações dos trabalhadores não cobrem em geral o custo de reprodução da respectiva força de trabalho. Idêntica conclusão se poderá extrair em relação à grande maioria dos funcionários públicos e empregados.

Nestas circunstâncias, não oferecendo o capitalismo nacional condições para um efectivo bem-estar à população activa, fica a porta aberta para

a emigração pela qual a população activa se dirige ao capitalismo internacional, onde encontra melhores meios de vida do que aqueles que tinham nos seus pontos de partida, mas inferiores aos padrões existentes nos locais de destino.

Resta saber se o capitalismo internacional poderá assegurar permanente emprego à sua mão-de-obra, incluindo a imigrada. Mas isso é outro problema, embora já haja suficientes indícios que permitam responder pela negativa.

BLASCO HUGO FERNANDES

AINDA ESTÁ A TEMPO DE VISITAR MADRID COMPLETAMENTE GRÁTIS

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em autopullman de luxo, hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes

TELEVISORES

Desde 150\$00 mensais. Oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 100\$00 mensais

ESQUENTADORES

Desde 100\$00 mensais

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA AUTOMÁTICAS

SEM ENTRADA FIADOR

... E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 4 77 88

FILIAIS: CACÉM - SINTRA - CASCAIS - VENDA NOVA

bilhetes de férias!

Goze férias em qualquer época do ano e beneficie 20% de desconto que a nova tarifa BILHETES DE FÉRIAS lhe oferece.

Peça folhetos elucidativos.

 Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses DEPARTAMENTO COMERCIAL



O ROLAMENTO dos CAMPEÕES



* SÍMBOLO DA PRECISÃO MECÂNICA

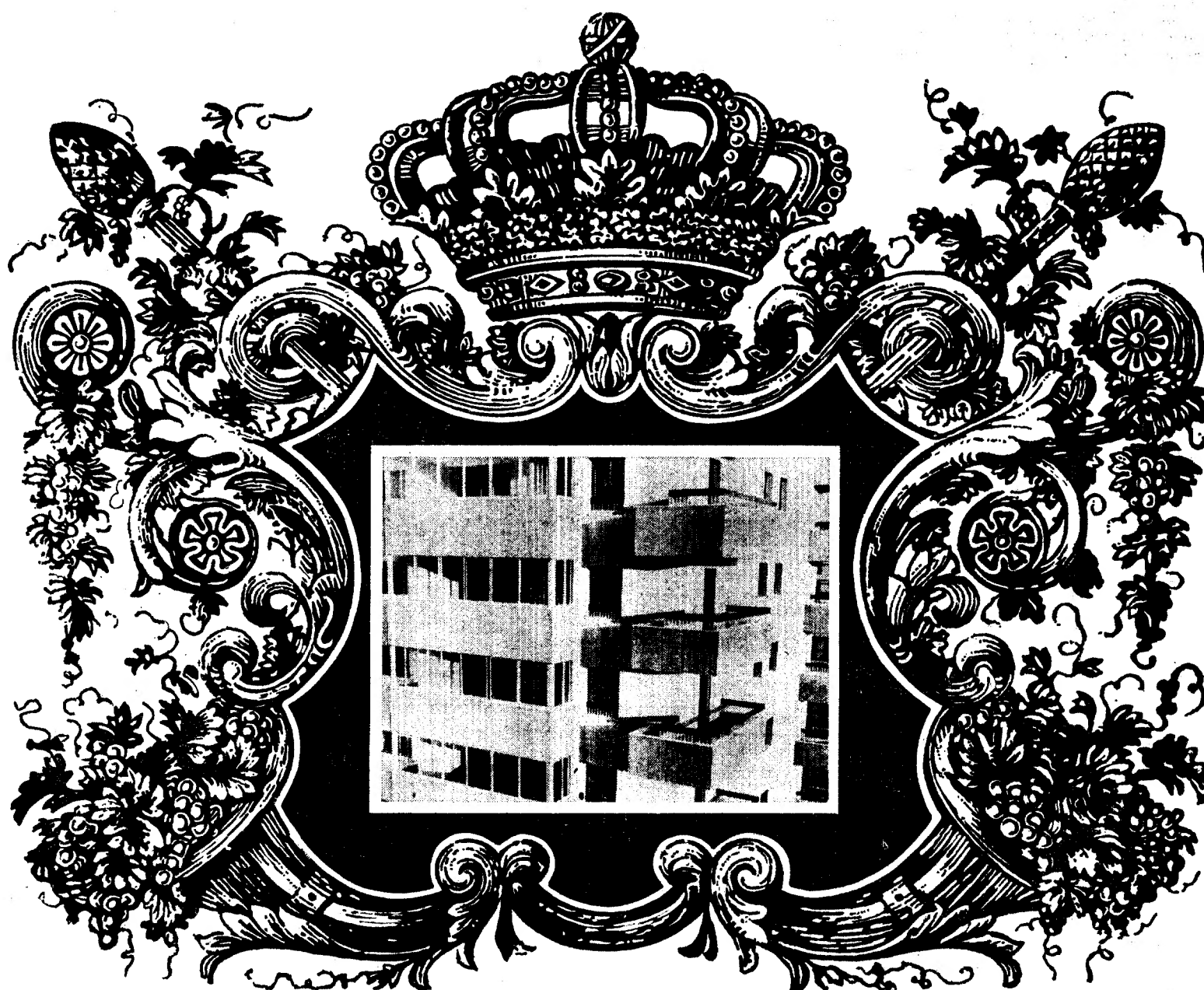
REPRESENTANTES: AUTO-LUSITANIA

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

AUTO-INDUSTRIAL BEDFORD

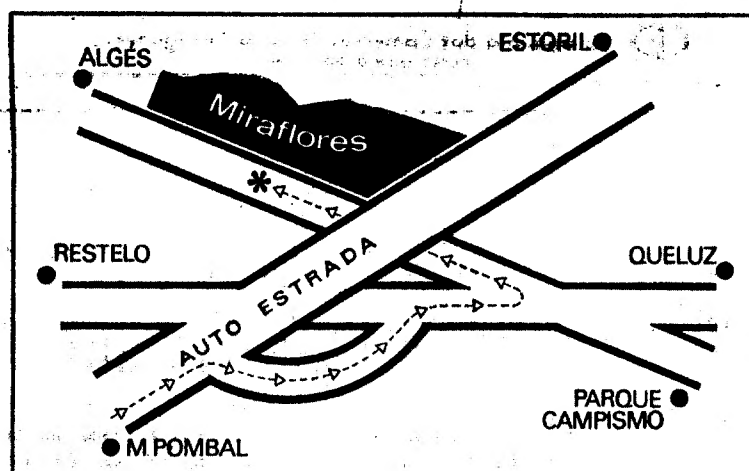
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A nobreza duma zona central
está em "Miraflores-Lux"!



Andares em Miraflores Lux

cidade residencial



Miraflores — a solução exacta para o seu meio ambiente.
Um local de excepção para gente de nível.

Miraflores — qualidade de construção, apuro de acabamentos.

Miraflores — piscinas, jardins, parques infantis e desportivos, centro comercial, escolas, garagens, parques públicos, clubes.

Miraflores — mar e serra, a 5 minutos do Marquês de Pombal e 6 minutos do Terreiro do Paço.

Miraflores — prestígio em cada metro quadrado.

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.

Informações e vendas:

Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)

Telef. 21 57 56 - 21 53 46

Papel dos organismos culturais estudantis

ENTREVISTA COM UM DIRIGENTE DO CELUC

A UNIVERSIDADE não são só os edifícios, as salas, os laboratórios, os professores e os alunos. Sectores existem onde a respiração ainda é sensível. Encontram-se nessas circunstâncias alguns dos chamados Organismos Autónomos, como no caso de Coimbra, se observa com o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), CMUC (Coro Misto da Universidade de Coimbra), GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra) e CELUC (Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra). Sobre as possibilidades e papel destes agrupamentos estudantis, falámos com um dirigente deste último organismo, o estudante finalista de Direito, Orlando Cardoso, que começou por dizer-nos:

— O Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, foi fundado em 1954, e tem como objectivo principal, a divulgação da música coral entre os estudantes, e através deles divulgá-la também entre todas as camadas populacionais.

Nesta tarefa, e em contramão amiudadas vezes sérias dificuldades. No plano financeiro: os subsídios são exíguos. O Ministério da Educação Nacional colabora com uma parte pequeníssima para suportar as despesas enormes, aquando das nossas deslocações. De referir o valioso trabalho do director artístico, dr. Manuel da Encarnação Reis, que quotidianamente dedica inúmeras horas ao Coral, recebendo mensalmente apenas uma pequena remuneração da Reitoria da Universidade (1000\$00). Além disso, temos subsídios da Gulbenkian.

DIVULGAÇÃO DA MÚSICA CORAL

— A população é receptiva à vossa música?

— Apesar de todas as tentativas de divulgação da música coral, encontramos normalmente, uma população pouco propensa, porque pouco habituada a audições deste género. E não fazemos qualquer diferença entre o trabalhador e o intelectual burguês. O trabalho quotidiano o «futebol do

mingueiro», ou as «constantes e preocupantes variações da Bolsa», fazem com que não surjam as motivações suficientes que os levem a aceitar o tipo de manifestações que nos propomos oferecer-lhes.

— Que caminhos propõem para «saltar» esses obstáculos à audição da música?

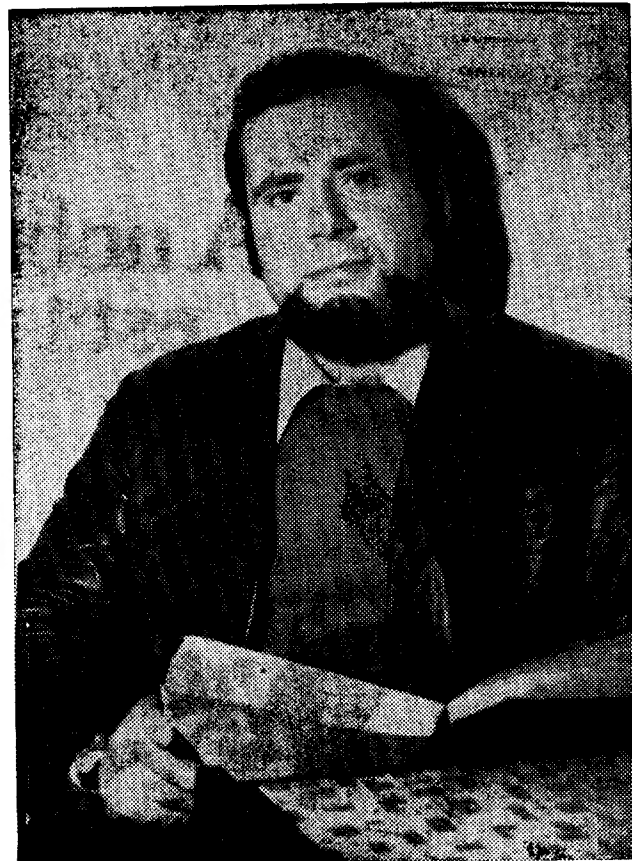
— Sem procurar tirar quaisquer ilações, atendendo a que o problema é grave, pensamos que não deve ser adiada a criação das necessárias infra-estruturas que nos conduzam a uma superestrutura que não existe. Assim que vemos nós? Exigua programação de espectáculos. Exigua contribuição moral e financeira por parte das entidades responsáveis. Em contrapartida as audições de música coral, concertos, óperas ou recitais são lamentavelmente preteridas em favor do teatro de Revista e dos Festivais de música ligeira, por exemplo. E será verdadeiramente interessado o público que enche as nossas salas de ópera, concertos ou recitais? Porque não a criação entre nós de uma «Música para Jovens»? Porque não se intensificam sessões culturais do género das já tentadas

pelo maestro Silva Pereira? Porque se reduzem as tentativas feitas quase sempre a Lisboa? Porque existe tão grande discriminação nas realizações culturais entre a capital e o resto do País?

NÃO A DISCRIMINAÇÃO ECONÓMICA

E prosseguindo, o nosso entrevistado acrescentou:

— É conhecendo todas estas razões, que o Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, num desejo enorme de promoção cultural do povo, quer intensificar mais as suas digressões artísticas pelas zonas do País socialmente mais desfavorecidas. Ainda dentro desta linha de rumo, os nossos espectáculos são abertos a toda a gente para que o factor económico, não seja elemento de discriminação directa. Promovendo culturalmente, damos um passo na nossa própria promoção, tentando sempre fazer o estudo prévio da região e dos habitantes a visitar.



Orlando Cardoso

— E internamente qual a vossa actividade?

— No seio do Organismo e da Universidade em geral, tentamos sempre que possível a realização de colóquios, recitais, audições frequentes de música e sua explicação, abertas a todas as pessoas interessadas.

Sem substituírem a Escola, mas colmatando lacunas de índole cultural, os organismos autónomos desempenham significativo papel de promoção cultural das camadas universitárias. Vão até às gentes do seu país,

quando isso é possível, e nesses encontros de casualidade, limitada embora, a sua importância não é menos significativa. Pois quantas pessoas não terão visto teatro sério, ou ouvido música válida pela primeira vez, devido ao esforço dos jovens universitários? Não podemos dar resposta definitiva a esta pergunta, mas desejamos que os encontros de casualidade se transformem em encontros de regularidade. Será possível? A prática o dirá!

J. A. S.

ap

camisas
lotus

a pele da sua pele a pele da sua pele

Opinião do leitor

As Ciências Humanas no Projecto da Reforma do Ensino (2)

LUÍS SOCZKA

III. QUO VADIS,
QUONDE VADIS,
QUOMODO VADIS?

Como pensa então o sr. Professor Veiga Simão resolver o problema? Ignorar simplesmente a necessidade de sociólogos e de psicólogos que, técnica e cientificamente preparados e institucionalmente apoiados, dêem desde já o seu contributo para o processo e planeamento do desenvolvimento nacional? Não me parece semelhante táctica coerente com o pensa-



Prof. Veiga Simão: muita coisa para fazer

mento e a acção do Ministro da Educação — e seria mau que viesse a ser adoptada.

A hipótese mais optimista, portanto, salvo negação da necessidade dos referidos especialistas, é a de que não é possível ignorar tal urgência — nem deixar de considerar no esquema de reforma e planificação do sistema escolar. Em Portugal tudo ou quase tudo está por fazer, quer no plano de estudos e levantamentos psicológicos e sociológicos, quer no plano da intervenção no âmbito dessas disciplinas. O que equivale a dizer que do povo português tudo ou quase tudo se desconhece. E neste desconhecimento está implícito, claro está, um modelo de conhecimento que nada tem a ver com as imagens estandardizadas do «bom povo português». Em termos objectivos, nada ou quase nada dele se pode afirmar, pois não basta um censo para sabermos como somos e quantos somos a sê-lo. E porque o somos.

Admitamos que no pensamento do Ministro da Educação tudo isto está claro e bem definido. E que, portanto, o Prof. Veiga Simão, que se afirma atento, não ignora o papel a desempenhar por sociólogos e psicólogos que não fossem meros factores de manutenção do estado de coisas — que há quem pense que o projecto de Reforma é o primeiro a negar — com a simples variante de o serem com requintado *savoir faire*. O que não seria inédito.

Está claro que aqui entramos decididamente pelo terreno do optimismo irrealista, pois toda a gente sabe que um sistema só se reorganiza tendo em vista a sua consolidação e um acréscimo da sua eficácia.

Todavia, admitamos que estaria o Prof. Veiga Simão perfeitamente receptivo à criação de cursos universitários de Psicologia e de Sociologia, até como condição de eficácia do seu próprio sistema. Suponhamos, até, que apoiaria o seu desenvolvimento. É claro que seria óptimo que vissemos explicitado o seu pensamento a este respeito, pois só assim seria possível o debate informado, e não apenas a especulação a partir de meras e movediças hipóteses. Mas o que é certo é que não faz sentido supor que o Prof. Veiga Simão desconheça a *teoria dos jogos*.

Voltando à tal hipótese optimista, que é condição de sobrevivência, veríamos criados em Portugal cursos de Sociologia e/ou de Psicologia. Seria muito natural, e não sei se inevitável, que se recorresse às estruturas existentes, não só por uma questão de economia de esforços, mas até porque a falta de recursos humanos não consentiria que se partisse do zero. Zero inexistente, acrescentarei... Nesse caso, quais seriam os critérios que o Ministro adoptaria para integrar o que há no que seria desejável que houvesse?

Sobretudo — ah! sobretudo! — como resolver o crítico problema que já abordamos acima, leitor — o dos mestres?! Porque se estudantes talvez não faltassem, faltariam já os mestres — os bons mestres, quero dizer, porque se não fizermos questão, ei-los que abundam! Não há portanto mestres? Haver, há. Poucos bons. Bons, poucos, muito poucos. É este o grande cancro do ensino português. E ou o tratam, ou sem resolver esta questão não há reformas nem meias reformas que nos valham! Claro que esta afirmação é pouco ortodoxa, e desagradável para muitos ouvidos.

Não há escolas sem estudantes — e bem disse o Prof. Veiga Simão que não se entende um estudante que não estude. Mas não há estudantes sem mestres — no sentido em que empreguei a expressão *linhas* acima. Ou acaso se pretenderá uma Universidade de autodidactas? A propósito de autodidactas, a não ser que se encare seriamente essa hipótese excepcional, veja-se que não há mestres que por sua vez não tenham sido estudantes — para se chegar à conclusão que para o caso concreto que aqui se aborda, a única solução prática é o recurso sistemático ao estrangeirado. Creio que já o afirmou em artigo de jornal o Professor Magalhães Godinho, antes até da publicação do projecto de Reforma.

Sabe o leitor há quanto tempo andamos nesta roda dos estrangeirados? A julgar pelo que diz Alcada Baptista, vai para muitos e muitos lustros, pois diz ele — e se calhar não diz mentira nenhuma! — que com Luís António Verney perdemos o último comboio para a Europa. Dado o desenvol-

vimento dos meios de comunicação, estamos ainda a tempo de apanhar um avião para o século XX?

O Professor Magalhães Godinho sugeria uma solução que merece ser apontada, e que talvez permitisse um arranque que quebrasse a inércia e afastasse a modorra e o marasmo desta aldeia gigantesca. Mas exigiria que o M.E.N. decidisse correr riscos, o que talvez fosse original, mas não descabido: propunha aquele historiador a selecção imediata e o rápido envio ao estrangeiro de estudantes ou graduados que oferecessem garantias no plano científico e que se quisessem especializar em disciplinas de que seriam os promotores em Portugal. Estão neste caso a Sociologia e a Psicologia, evidentemente. É o que acontece com alguns psicólogos e sociólogos dignos desses títulos que eu conheço, que após estadia no estrangeiro se dedicaram ao ensino dessas disciplinas cá em Portugal. O que não quer dizer, claro, que todos os psicólogos e sociólogos que venham do estrangeiro sejam dignos de o serem, ou até capazes de investigar e ensinar. Poderia apontar casos e casos. E aqui estaria o risco do Ministério da Educação Nacional. Mas não seria um risco calculado, se a selecção fosse criteriosamente ponderada, e não assente em postulados de ordem ideológica, ou outra? O próprio critério de escolha das Universidades estrangeiras não seria já um índice?

Porque eu tomara a liberdade de acrescentar: e para quanto mais longe dos países latinos, tanto melhor. Pois um grande passo será dado quando nos emanciparmos da órbita sorbonnense, e trocarmos o suave enfeudamento cultural em relação à pátria dos filósofos e dos poetas, pela iniciação à exigência de rigor e de método do sistema de ensino anglo-saxónico (1). Compreenda-se o alcance desta afirmação, que admito possa ser chocante para o leitor que não saiba calcular a largura e a profundidade do Canal da Mancha. Não se propõe nestas linhas que seja declarada guerra à bela França, abastida a Torre Eiffel ou proibida por decreto-lei a leitura do *Petit Prince*. Não! Tudo isso até seria muito aborrecido e não tem nada a ver com o que pretendi dizer, e que era qualquer coisa como aquela história dos dois sociólogos, um francês e um inglês, que falavam das suas conclusões. Dizia o primeiro: «Não sei se é verdade, mas sei que é extremamente interessante», ao que o inglês respondia: «Talvez não seja interessante, mas posso garantir que é verdade». Pôr-se-á a questão em termos de opção absoluta entre um modelo e outro? Seria o mesmo que per-

guntar: pôr-se-á a questão em termos de revolução copernicana do ensino universitário português? Por agora fiquemos por esta afirmação: no ponto de arranque em que estamos, a que nada a não ser uma questão de sobrevivência obriga, seria bastante razoável considerar seriamente as vantagens do modelo anglo-saxónico. E um Doutor pela Universidade de Cambridge (creio tratar-se da Cambridge inglesa?) como o é o Professor Veiga Simão, decerto o compreenderá.

Claro que semelhante opção levar-nos-ia muito longe: não sei se mesmo até à recusa de uma separação entre os liceus clássico, técnico e artístico (que desde já declaro não saber se existe nos países anglo-saxónicos). Semelhante distinção, no caso português, irá alterar substancialmente o estado de coisas? Ou é chamar outros nomes a coisas velhas? Porque não único curso liceal polivalente, absolutamente unificado, onde as formações «clássica», «técnica» e «artística» se completassem? Não começaria aqui a tão discutida *democratização*? Haverá inconveniente em que os jovens futuros candidatos às Universidades aprendam também a lidar com um torno, a moldar cerâmica, a trabalhar com as mãos? Quanto mais não seja para que não lhes aconteça como ao autor destas linhas, que encontrando-se um dia perante a necessidade de construir uma caixa electrificada para efectuar uma elementaríssima experiência de psicologia animal, descobriu aos vinte e três anos de idade, já funcionário público e chefe de família nos termos da lei, que nem sequer sabia serrar uma tábua e manejar uma broca. Para gáudio do meu orientador, um homem de laboratório de formação anglo-saxónica.

Em todo o caso, uma coisa é certa: se estiver nos planos do sr. Ministro da Educação o desenvolvimento em Portugal da Psicologia, da Sociologia, e das outras Ciências do homem, é imperativo um largo investimento na formação no estrangeiro de dezenas de jovens candidatos à carreira universitária e à investigação científica. E quanto mais novos, melhor, para que não se percam e deformem. Então, sim. Só então será viável as Ciências Humanas terem voz activa em Portugal.

Até lá, fiquemo-nos com a síntese da situação que nos deu o Professor Veiga Simão: o que está em causa é a sobrevivência do povo português.

(1) O radicalismo aqui manifesto é intencional. E nem sequer se pode afirmar que seja muito sincero — ao fim e ao cabo, Paris deu à luz, lato sensu, os Wallon, os Zazzo, os Piéron, os Fraisse e assim por diante. E foi na Sorbonne que Piaget sucedeu a Marleau-Ponty.

Ensino de Psicologia e Pedagogia

O prof. Emile Planchar, da Universidade de Coimbra, enviou-nos uma carta de apoio à tomada de posição do nosso leitor Luís Soczka, expressa na primeira parte do artigo sobre o ensino de Ciências Sociais, publicada no último número de «Mesa Redonda» e que hoje concluímos. Aqui a reproduzimos, para útil conhecimento de todas as pessoas interessadas:

«Li ontem, com interesse, o artigo no «Diário de Lisboa» sobre as ciências humanas no Projecto da Reforma do Ensino. O problema das ciências psicológicas e pedagógicas reteve sobretudo a minha

atenção e concorde inteiramente com os seus comentários e as suas sugestões.

Estamos até hoje muito pobres em matéria de psicologia, tanto teórica como prática. Há trinta anos, que luto pela criação duma secção especializada nas nossas universidades mas até hoje não conseguí sacudir a inércia oficial! Fala-se no Projecto, dum Departamento de Ciências da Educação. Preferia «Psicologia e Pedagogia» pois não se trata sómente de preparar professores e investigadores no campo da educação mas também de formar especialistas para a investigação psicológica e

a psicotécnica nos seus vários domínios.

Tomo a liberdade de lhe remeter alguns documentos sobre o assunto.

1. Um recente artigo meu sobre a orientação escolar e profissional.

2. O programa da Faculdade de Psicologia e de Pedagogia da Univ. de Lovaina.

3. Um projecto submetido ao ministro da Educação Nacional em Julho do ano passado.

Portugal não tem grandes tradições no campo da psicologia, nem como ciência fundamental, nem como ciência prática. Esperemos que, com o tempo, o atraso de que sofremos irá diminuindo...

SUPER-SUBMERSIVEL
100% Impermeável
210 M. abaixo de água



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Incabloc
Resistente

CAUNY
A mais alta precisão suíça

Semana de quatro dias: uma realidade nos Estados Unidos

O FIM-DE-SEMANA DE TRÊS DIAS para todos está mais próximo do que parece. Pelo menos nos Estados Unidos. Noventa empresas de sectores diversos — pequena indústria, comércio por grosso e a retalho, publicidade, seguros — adoptaram já a semana de quatro dias de dez horas de trabalho,

venção que prevê a criação de uma comissão encarregada de estudar a aplicação do princípio à construção automóvel. Duas companhias de seguros, a Metropolitan Life, de Nova York, e a Mutual of New York, em Syracuse (N.-Y.) já praticam a semana de três dias de doze horas

dências da mudança de ritmo de produção sobre a organização do trabalho. Na maior parte das empresas onde a semana de quatro dias é um êxito, as ultimas horas de trabalho do dia são pagas em horas suplementares e os salários foram ligeiramente aumentados.

Apesar da fadiga provocada pelo alongamento do dia de trabalho, a maioria dos assalariados apreciam vivamente, parece, este «Week-end» de três dias. Declaram quase todos terem (redescoberto a vida de família) e consagrarem mais tempo à sua mulher e à educação dos filhos. Alguns fazem uma reciclagem ou um curso de aperfeiçoamento profissional, outros encontram novos passatempos desportivos e culturais.

REMÉDIO PARA A «DOENÇA DAS CIDADES»

Homens e mulheres sublinham que os armazéns, os livros de visita dos médicos e dentistas se lhes tornaram mais acessíveis desde que não se vêem obrigados a consagrar-lhes o sábado. Como as auto-estradas se encontram mais disponíveis na sexta e na segunda-feira que no sábado e domingo, certos promotores de turismo entreveem já dias felizes para estâncias de veraneio que estavam, até agora, demasiado afastadas das grandes cidades para se tornarem centros de «Week-end». Os organizadores de jogos de futebol e de basebol, os fabricantes de material de campismo e de barcos felicitam-se por esta evolução, e os eco-

nomistas pensam em geral, que os trabalhadores que verão assim reduzir de um quinto as suas despesas de transporte semanal gastarão, de facto mais dinheiro com os seus lazeres e férias.

Sociólogos há que prevêem, para o caso de se generalizar o sistema, mudanças importantes na repartição das tarefas familiares e nas relações do casal, favorecendo, talvez, a intermutabilidade das tarefas masculinas e femininas que, depois dos suecos, os americanos já proclamam como remédio para resolver uma parte dos problemas das mães de família que trabalham. É provável, por outro lado, que este aumento de tempo livre venha a favorecer o militância social ou político das mulheres e dos homens.

Uma especialista de gestão, Rive Poor, pensa que daqui a cinco anos, 80 por cento das empresas americanas aplicarão a semana de quatro dias. Os espíritos menos optimistas pensam que a vantagem principal deste sistema será permitir aos assalariados insuficientemente pagos fazerem «trabalho negro» ou arranjar um segundo emprego. Os optimistas vêem nele a melhor solução para as múltiplas perturbações provocadas pela «doença das cidades»: engarrafamento nas horas de ponta, fadiga nervosa nos transportes colectivos, poluição máxima na sexta-feira, véspera de fim-de-semana clássico, etc.

Os principais interessados têm, por agora, motivações mais simples: para eles, a semana de quatro dias é o privilégio de esquecer o escritório durante um pouco mais de tempo.



Desanuiar um pouco o «mal das cidades»

para maior satisfação de todos — assegura o semanário «Times», num artigo consagrado àquilo que será talvez a grande inovação social e económica dos próximos anos. Por agora, as empresas interessadas têm uma dimensão reduzida — 185 assalariados em média — e nenhuma grande sociedade se arriscou ainda a experiênci-la, mas a I. B. M. interessa-se pela questão e a Chrysler concluiu em Janeiro, com o sindicato do automóvel, uma con-

As empresas que se lançam na experiência encontram uma melhor utilização das suas capacidades de produção, permitindo uma baixa de preços de custo, uma redução de despesas gerais, maiores facilidades de recrutamento do pessoal e menos absentismo. Os poucos fracassos registados até agora ocorreram em armazéns de retalho, cuja clientela repudiou os novos horários, ou em empresas que não tinham estudado seriamente as inci-

«Há que sair aos saltos»

A entrevista concedida em Fevereiro passado por Pelegrín Torres — o cubano director dos Organismos Internacionais da Comissão Nacional de Colaboração Económica e Técnico-Científica — a três jornalistas de Prensa Latina não é propaganda. As perguntas dos jornalistas são perguntas difíceis e Pelegrín Torres, se não dá respostas totalmente satisfatórias (mas há respostas totalmente satisfatórias) sem dúvida que argumenta com honestidade e segurança. Por isso, e no intuito de informar os nossos leitores, resumiremos alguns pontos da entrevista, e transcreveremos outros.

★

Os entrevistadores interrogam Torres sobre a validade de se ter dado a primazia à produção do açúcar, na estratégia do arranque ao subdesenvolvimento.

O economista responde estar convencido que sim, em vista do mercado que o açúcar tem, que permite com relativa rapidez e relativo pouco esforço a maior quantidade de divisas possível.

★

Questão dos jornalistas: «O Sr. sabe que uma das críticas feitas por certa pessoa que não é muito favorável a Cuba — e num discurso Fidel ocupou-se dessa pessoa — é a de que a economia se está militarizando. Na safra de 70 aplicou-se o sistema de Postos de Comando, quer

dizer, a organização militar. Qual a sua opinião a este respeito?»

Apostamos dobrado contra o singelo que «a pessoa não muito favorável a Cuba» é René Dumont.

Pelegrín Torres nega que tenha havido «militarização da economia» (de qualquer modo o sistema de Postos de Comando não se aplica na safra em curso de 71). Eis os argumentos com que Torres nega que tenha havido «militarização»: «O facto de muitos dos nossos principais dirigentes serem militares não prova a militarização da economia e do nosso País. Na realidade, as condições em que nos encontramos, com risco constante de infiltrações ou de invasão, forçou a que dirigentes, quadros políticos de primeira qualidade, tenham tido que permanecer nas F. A. R. precisamente para garantir a defesa do País. Estes quadros, noutras condições é provável que não pertencessem às Forças Armadas. Não há aí pois um índice de militarização mas de uma situação especial.»

★

Os jornalistas fazem-se eco de uma crítica corrente ao trabalho voluntário, segundo o qual este seria economicamente negativo.

O entrevistado começa por acentuar que o trabalho voluntário tem, independentemente do seu valor económico, uma grande importância do ponto de vista da formação do indi-

víduo. Quanto ao seu valor económico, considera que «pelo menos na safra do açúcar, uma parte dos trabalhadores voluntários rende tanto ou mais do que os trabalhadores de profissão de antes de 1959», embora admita que em algumas ocasiões o trabalho voluntário apresente defeitos de organização que se traduz numa baixa produtividade.

É sabido que um dos maiores problemas com que Cuba se debate é precisamente o da organização da produção.

★

Outro dos temas da entrevista: a percentagem de absentismo dos trabalhadores. Quais as causas? «É razoável pensar-se que na base do absentismo está o problema dos estímulos materiais e materiais? O absentista não faltará ao seu trabalho por carência de estímulos materiais?»

Para Pelegrín Torres não se pode falar de carência de estímulos materiais, «se bem que uma parte deles sejam de carácter social: espectáculos desportivos gratuitos, assistência médica gratuita, ensino gratuito, etc. Não se trata do estí-

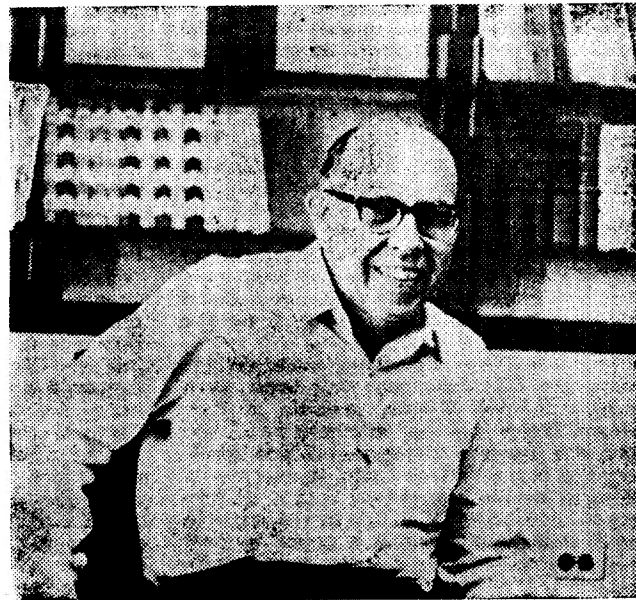
mulo que consiste em dizer ao indivíduo: se trabalhas mais ganhas mais, pois isso contribui para desenvolver uma consciência de tipo individualista, que não é o ideal que perseguimos».

Torres explica antes o absentismo por uma convergência de factores: organização inadequada da produção, muitas vezes; dificuldades de transportes, algumas vezes; dificuldades no abastecimento dos bens de consumo...

★

Nova dificuldade posta a Pelegrín Torres: Cuba visa a longo, se não a médio prazo, o desenvolvimento de uma indústria pesada; mas será isso viável, posto que o mercado interno é reduzido, 8 milhões de habitantes?

Segundo o economista, Cuba não conta apenas com o mercado interno. Conta com o mercado dos países socialistas e com mercados de países latino-americanos. Só o Chile é citado, mas pode pensar-se que o Perú esteja nos projectos cubanos. Isto independentemente das esperanças que possa haver de



PELEGRÍN TORRES: «há que sair aos saltos».

transformações na América Latina.

★

Um último tema que seleccionámos da extensa entrevista de Prensa Latina a Pelegrín Torres: a contradição assinalada por Charles Bettelheim, numa das suas visitas, entre os investimentos (em tractores, represas, etc.) e a capacidade de utilização.

Pelegrín Torres não nega que há utilidade técnica moderna de que não se tira o devido rendimento, por carência de pessoal formado.

De 1959 até 1970 a capacidade de represas de água elevou-se de 27,9 milhões de metros cúbicos a 1762,2 milhões de metros cúbicos. Mas estas reservas de água não se utilizam plenamente porque se encontram atrasadas as construções dos canais de rega.

Simplemente Pelegrín Torres considera que se trata de uma «contradição temporal». «Actualmente um país subdesenvolvido não pode superar o seu status gradualmente. Quer gostemos quer não há que sair aos saltos».



MESA REDONDA